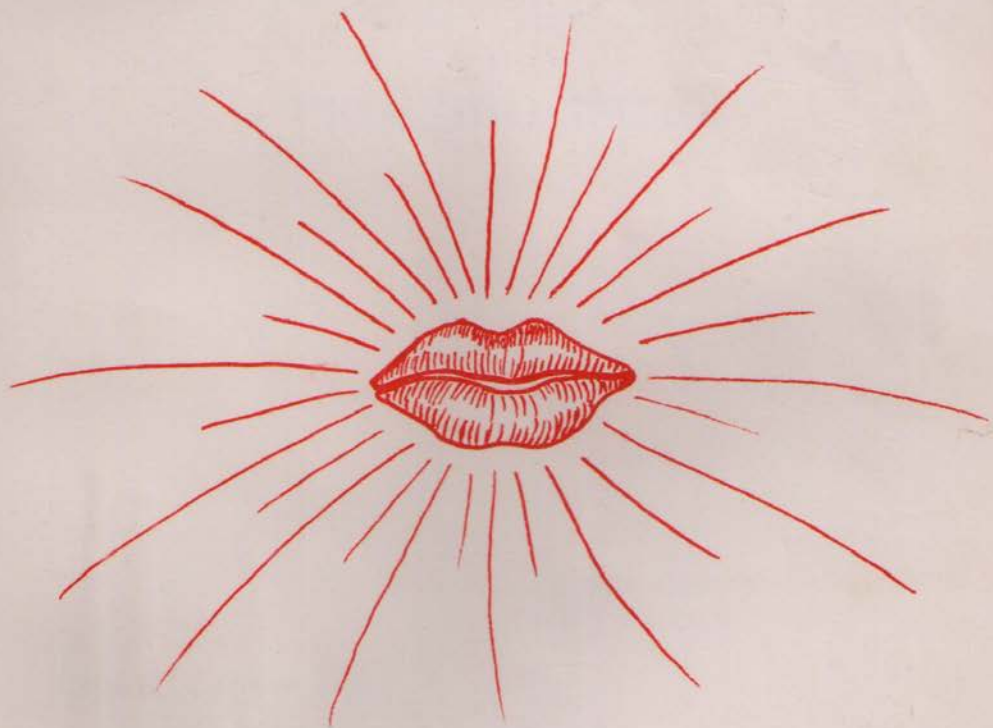


FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

O PRIMEIRO BEIJO

(capa de Elita Facchini)



EST

Fidélis Dalcin Barbosa

O primeiro beijo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

O primeiro beijo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Romance. -Porto Alegre: Edições EST, 1993. 158p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 06/09/2013

Capa e ilustrações de: Elita Facchini

B238p Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

O primeiro beijo [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin
Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-042-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

1 – O PRIMEIRO BEIJO	9
2 – O PERFUME DE SANTA RITA.....	16
3 – O MENDIGO	22
4 – O SORRISO DE MÔNICA	26
5 - VISÃO MACABRA	30
6 - NA FLORESTA AMAZÔNICA.....	39
7 - NA SOLIDÃO DO DESERTO	48
8 - A TENTAÇÃO	56
9 - CICLISTA CEGO	63
10 - FLOR DO CHARCO	72
12 – O JARDIM TALADO.....	90
13 - A MALDIÇÃO	95
14 - A NEVADA DE 1965.....	101
15 – O FILHO DO BABY-DOLL	105
16 – RESPEITO	115
17 – O PEQUENO MARGINAL.....	124
18 - A NORMALISTA	140
19 – O PINHEIRO	149
20 - TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO.....	155
21 – O NHANDU	164
22 – O NEGRINHO DO PASTOREIO.....	174
23 – O ÉBRIO	178
24 – ARLETE	191

1 – O PRIMEIRO BEIJO

A manhã dava os últimos retoques na toalete da cidade. A brisa, saudável e fria, soprando do sul, penteava a cabeleira das árvores da praça e das avenidas. As violetas e jasmims dos canteiros abriam os frascos de aromas, derramando perfumes inebriantes. As rosas passavam batom escarlate nos lábios trêmulos. O ruge do sol tingia de rosicler a face esmaiada dos edifícios...

Naquele domingo esplendoroso de primavera, os sinos da matriz bimbalhavam festivamente. Borboletas cândidas esvoaçavam em profusão. Passarinhos cantavam nas ruas. Eram flores e pássaros indo em direção do templo, na fulguração da hora matinal, na festa da primeira comunhão.

Dezenas de crianças, em alvíssimos trajes, olhos serenos, grandes olhos brilhantes, como corolas de veludo, interrogando a vida...

Jovita era a borboleta mais encantadora do feliz bando. Amplo e longo vestidinho de tule branca sob a vaporosidade de finíssimo náilon. A cabecinha loira cingida por graciosa coroa emoldurando o pequenino rosto de anjo. Nas mãos enluvadas, livrinho de madrepérola e rosário de contas de cristal com as extremidades de ouro.

D. Brígida, a venturosa mãezinha, acompanhava a ditosa garotinha. Iam contentes, por fora. Mas fundo pesar magoava a alma desta mãe e de sua filhinha.

Quem, na claridade da manhã, projetava negras sombras de tristeza sobre os delicados corações, era Alfredo, o pai de Jovita. Ele prometera assistir à suspirada festa da primeira comunhão da filha. Não entanto, agora, faltava à palavra dada.

**

O que a criança sabia do papai era apenas o seu completo abandono das práticas religiosas. Nunca o via na igreja. Não ia à missa. Não se confessava. Não comungava. Não rezava.

A conselho de D. Brígida, Jovita orara muito e jejuara durante uma semana pela conversão do pai: Pai, - dizia-lhe – o senhor não vem comigo à igreja no dia da minha primeira comunhão?

Alfredo apertava ao peito a filhinha. Beijava-a carinhosamente e não dizia palavra. Sábado, véspera do grande dia, ele não resistiu à súplica enternecedora daquele anjo: Esta bem, minha filha, amanhã eu irei.

E deu-lhe um grande beijo, que a filhinha retribuiu, profundamente grata, infinitamente feliz.

Para Jovita, Alfredo era o melhor dos pais. Não fosse a sua irreligiosidade, ela seria capaz de jurar não existir pessoa melhor no mundo. Melhor, só mesmo a mãezinha.

Mas Jovita ignorava os motivos daquela falta de fé do papai. D. Brígida, no entanto, conhecia-o profundamente. E sofria. Sorria calada, orando sem cessar.

Nos primeiros anos de casado, anos de completa felicidade conjugal, fora bom marido. Ótimo marido. Depois, começou a aborrecer as práticas religiosas, a frequentar más companhias, casas suspeitas. Já voltava em casa altas horas da madrugada. Às vezes, só aparecia no outro dia, pela tarde.

Fazia negociatas escusas, com enormes lucros. Gastava dinheiro a rodo. Gastava com amantes. Ultimamente, principiara a jogar e a beber.

Por isso, detestava as rezas. Não suportava entrar na igreja. Vivendo no charco, completamente atascado na lama do vício, da infidelidade, não ousava erguer os olhos para as estrelas

do céu, para os santos do altar, para Cristo.

D. Brígida oferecia tanto sofrimento pela conversão do marido. Confiava sinceramente no poder taumaturgo da oração. O coração dizia-lhe que as preces e as penitências da inocente filhinha, juntamente com as de sua mãe, forçariam a misericórdia divina, em favor daquela alma que se debatia às portas da ruína total.

Pois é, mas apesar da promessa, agora, na manhã ridente, a filhinha e a mãe entravam no templo sem a companhia de Alfredo. Que pena!

A igreja era um poema em flor. Profusamente enfeitada, esbanjadamente iluminada. Centenas de lâmpadas acesas no altar, nas colunas, nas paredes, na abóboda, em todos os ângulos.

Milhares de flores, de rosas, de lírios, de jasmims, de cravos, num deslumbramento de cores e perfumes. Nos castiçais, inúmeras velas, num incêndio de ouro, tremeluzindo.

Os bancos destinados às ditosas crianças comungantes, vinham revestidos de alvíssimas toalhas de seda. Nas extremidades, rosas de papel celofane encarnado, ocultando lâmpadas elétricas fulgurantes. Pelo corredor, riquíssimos e fofos tapetes.

Nas bordas da mesa da comunhão, coberta de lindíssima toalha de linho branco, anjos de mármore seguravam candelabros com doze lâmpadas acesas.

As crianças formaram fila no adro do templo. Foram entrando a cantar, acompanhadas por cinco violinos, a cujo som se juntou, na entrada do recinto sagrado, a suave melodia do órgão.

Jovita ocupou o primeiro banco, perto da balaustrada do presbitério, D. Brígida permaneceu no corredor lateral esquerdo.

**



Principiaram as cerimônias. Depois, a missa. A mãe, volta e meia, olhava para a porta, na esperança de ver o Alfredo entrar na igreja. De repente, experimenta enorme alegria ao ver o marido entrando. Ele chegava muito de mansinho. Olhou. Olhou. Viu a esposa. Aproximou-se dela.

Era o momento culminante. O sacerdote dirigia comovedoras palavras aos neocomungantes. Alfredo escutava.

Crianças queridas, - dizia o padre. - Vós sois mais felizes do que os anjos do céu, que não podem receber a Jesus em seu coração. Mais felizes de que Santo Antônio, quando tomou em seus braços o Menino Jesus. Nosso Senhor, o Rei do céu e da terra, vai neste momento baixar ao vosso pequenino coração. Como é grande a vossa a felicidade, queridas crianças!

Vossas almas, purificadas pelo sacramento da confissão, devem estar completamente sem mancha, puras, brancas como os lírios. Já pedistes perdão a Nosso Senhor. Mas, para maior consolação do céu, deveis, criancinhas queridas, pedir perdão também aos vossos amados pais. Ao papai e à mamãe que aqui se encontram com lágrimas nos olhos.

Vós - continuou o sacerdote - vós, com certeza, já magoastes o coração destes queridos genitores, que tanto fazem por vosso amor. Agora, neste momento solene, antes que Nosso Senhor venha pela primeira vez ao vosso coraçãozinho, deveis pedir-lhes desculpas das vossas faltas. Ide, pois, crianças, ide dar o vosso abraço e o vosso beijo de amor e arrependimento... Ide receber o abraço e o beijo de perdão do papai e da mamãe..."

Neste instante silenciou a voz do pároco. O órgão principiou a derramar suavíssima harmonia. Parecia música do céu. Música para o histórico instante.

Jovita, com grossas lágrimas nos olhos, dirigiu-se para a mãe. Abraçou-a e, soluçando, beijou-a, dizendo, com palavras cortadas pela emoção: Mamãe!

A mãe apertou a filha longamente, beijando-a, a chorar, a chorar. E disse: Minha filha, olha aqui o papai. E Jovita atirou-se, então, aos braços de Alfredo: Papai!...

Alfredo não deixou a filha pronunciar a palavra "perdão", porque os soluços dele abafaram a vozinha de Jovita, enquanto a cobria de beijos.

A menina, naquele instante venturoso, sentiu a felicidade do céu. Sentia a graça de Deus operando um milagre no pai. Sentiu a bondade e o amor do papai. Estava delirando de alegria.

Voltou para o seu lugar, no primeiro banco. O pai, encostado a D. Brígida, enxugava as lágrimas com o lenço e abafava os soluços. E dizia consigo: Meu Deus, esta criança e um anjo e vem pedir perdão a mim que sou um grande pecador. Ah, Senhor, numerosos como a areia do mar são meus crimes. Não posso olhar as alturas do céu por causa da multidão de minhas iniquidades... A vossa infinita misericórdia enviou-me um anjo na pessoa de minha querida filhinha a fim de me tirar do abismo de meus delitos...

**

Afastou-se da esposa. Ajoelhou-se num banco. Escondeu a face entre as mãos e, a muito custo, conseguiu estancar o pranto. Um homem chorando por causa de uma criança, pensava. Lembrou-se depois do dia da sua primeira comunhão... Recordou o momento solene do juramento feito aos pés do altar quando casou.

Em seguida, fez desfilar diante de si todo o sinistro cortejo de sua vida de pecados. Agora era a graça de Deus, mais poderosa do que a escravizante paixão do vício, a reconduzi-lo pela mão bendita daquela filha à paz reconfortante, que o mundo não pode dar.

Arrependeu-se. Jurou que naquele mesmo dia haveria de ajoelhar-se aos pés do confessor e pedir perdão da sua imensa maldade, de tanta iniquidade, de tanta sordície moral.



Soltou fundo suspiro. Levantou a cabeça. Estava aliviado. Contente. Feliz. Infinitamente feliz. Olhava para os neocomungantes. Jovita, de mãos postas, muito recolhida, enlevada, vinha da mesa sagrada, trazendo Jesus dentro do coração. O órgão esparzia dulcíssimas suavidades no ambiente celestial. A apoteose de luz, de harmonia, de perfume, o envolvera. Parecia arrebatado em êxtase.

Terminada a cerimônia religiosa, juntamente com a esposa, que também comungara logo depois da filha, foi abraçar e beijar Jovita, felicitando-a carinhosamente.

- Papai, - diz ela - muito obrigado. Agora sim estou bem contente. Se o papai não tivesse vindo, eu não estaria assim tão feliz. Deus lhe pague, papai.

- Brígida, - falou Alfredo - acompanhe a filha para casa, que eu vou falar com o vigário.

Distanciaram-se.

- Minha filha - disse a mãe, numa felicidade incontida. - O papai vai se confessar. Foi um milagre, Jovita!

Alfredo contou a história, a negra história de sua vida ao sacerdote, e a linda história da primeira comunhão da sua filha. Recebeu a absolvição e em seguida comungou.

Estava convertido, sinceramente convertido, com lágrimas de arrependimento. O primeiro beijo daquele anjo fino a Jesus Eucarístico transformara em antecâmara do céu aquela casa onde, poucas horas antes, imperava o pecado do seu chefe.

Durante todo o dia, o lar transbordou de felicidade. O júbilo esfuziante cantava no coração de todos. Alfredo, então, nadava num oceano de contentamento. Brincava com a filhinha, cheio de bom humor.

- Minha filha, - disse - sabes quem mais alegrou a Nosso Senhor hoje?

- Fomos nós, pai, com a primeira comunhão de todas as crianças.

- Não foi, minha filha. Quem deu mais alegria a Nosso Senhor foi o papai. O papai também comungou, minha filha. Depois de tanto tempo. E tu não sabes, filha, que no céu há mais alegria por um pecador que se converte do que por 99 justos que não precisam de penitência.

E D. Brígida, sorrindo, abraçando a filha:

- Vejam só o danado. Até o Evangelho ele sabe!

**



2 – O PERFUME DE SANTA RITA

Engalanado com a policromia berrante das bandeiras dos vários países a visitar, o lindo e possante carro Dodge percorre, na disparada, as vias centrais da cidade do Porto, a capital do Norte de Portugal e a todos chama a atenção a faixa esticada no alto da capota, com os dizeres: "De Portugal a Roma". São nove os romeiros, que sob as ordens do Pe. Paulo, partem em busca da Capital da Cristandade, para lucrar as indulgências do Ano Santo de 1950.

A primavera europeia, naquela ridente manhã de maio, colocava tapetes de verdor à margem das estradas e bordava as colinas com giestas festivas. Pelas encostas e montados, flores embalsamavam os ares com redolentes perfumes agrestes. Pórtico esplendoroso para uma jornada de 33 dias, percorrendo cerca de nove mil quilômetros.

Para escalar as sete colinas da Cidade Eterna, devidamente preparados, os peregrinos estacionam em lugares santos, em demorada e frutuosa visita às velhas catedrais de Salamanca e Burgos, na Espanha; à fonte perene de graças marianas de Lourdes; ao suave recesso do Carmelo de Lisieux, onde se recomendam as orações das duas irmãs de Santa Teresinha ainda vivas. Oram nas majestosas igrejas de Notre Dame, da Madalena, do Sagrado Coração de Jesus, em Paris; no Santuário de la Fourvière, em Lião...

Deslumbrados pelos encantos paradisíacos da Suíça, esmagados pena imponência ciclópica dos Alpes, transpõem a fronteira por Simplon, e pisam, sob tremenda emoção, o lendário e tão suspirado solo italiano, onde os famosos templos de Milão, Caravaggio, Loreto e Assis, acolhem as primeiras preces no País da Arte.

Devotos de Santa Rita, sentem vontade irresistível de visitar em Cascia o Santuário da Advogada dos casos desesperados. Colhem informações acerca do caminho a seguir nesta busca.

O carro vai rodando, vai rodando pelo asfalto sem fim das rodovias italianas. Surgem encruzilhadas. Qual será agora a estrada? Andam mais um pouco. Outra bifurcação de caminhos.

- Pare, pare, Mário, - disse Maria Marques da Cruz, - Deve ser por aqui. Veja aquele enxame de abelhas. É o sinal de Santa Rita. São as abelhas da Santa, como se lê em sua biografia. Garanto que é por aqui, por esta estrada.

E era mesmo, como logo adiante informaram uns moradores. Estrada secundária, sem asfalto, sem movimento, sem automóveis. Abrem-se vales profundos, descambando por morros alcantilados. Velhas casas de tijolo sem reboco, agarradas umas às outras, pendem sobre o abismo.

**

Colubreando pela serra abaixo, áspera e inculta, entrecortada de bárbaros fragaredos, o automóvel desce à planura do vale da Úmbria. Raras habitações branquejam ao longo do deserto caminho. Nenhuma cidade. Nenhuma vila. Nenhuma aldeia.

De repente, diz o motorista Mário:

- Mas por aqui não vejo postos de gasolina. O tanque do carro já está esgotado. Vejam o mostrador. Quando muito, ainda dois quilômetros e estaremos no mato sem cachorro.

Param em frente da primeira casa. Mário pergunta:

- Por favor, não há posto de gasolina por perto?
- Só em Cascia, meu senhor. São doze quilômetros.
- Estamos perdidos.

D. Maria não perde a calma. Possui confiança ilimitada no poder da Santa dos Impossíveis. Pega do seu grande rosário preto e vai desfiando as contas em voz baixa, sozinha, pedindo a graça.

O carro vai rodando, vai rodando. O marcador já assinalou o término do combustível. Mário está de boca aberta. Meneia a cabeça. Não é possível. O Dodge andando sem gasolina! Francamente, não compreendo!

Dez quilômetros... Com indizível contentamento, gritam todos: Olha lá Cascia. - A velha cidadezinha debruçava-se na encosta, bem lá no alto.

E agora subir aquele morro sem gasolina, hem? Só um milagre de Santa Rita mesmo - diz o Mário, que e meio ateu.

O carro marrinha o íngreme ladeira numa segunda bem puxada, queimando gasolina às golfadas. Mas sobe lindo, só parando diante do posto.

Todos apeiam. Examinam o tanque. Vazio. Completamente vazio.

- É a primeira vez na vida que topo uma destas - murmura o condutor do veículo. - E não sei como explicar.

Teria sido na realidade obra da Santa? Da Santa dos Impossíveis? É o que vamos saber agora.

**

Entram no Santuário, onde devotos sussurram preces. Os romeiros de Portugal ajoelham diante do corpo incorrupto da prodigiosa Santa. De repente, como se imenso frasco do mais suavíssimo e celestial perfume se partisse a sua frente, do rosário de D. Maria irrompe um aroma de infinita fragrância, enchendo literalmente a Basílica e despertando a atenção de todos os presentes.

- Onde vem este perfume de rosas tão gostoso? - perguntam.

- É daqui, deste rosário - responde D. Maria, com os olhos rasos de lágrimas.

Todos se aproximam. Todos querem pegar em suas mãos aquele misterioso rosário. As mãos se impregnam do divino aroma... Um mês após, longe da Itália, em Portugal, o terço de D. Maria Marques da Cruz ainda recendia o milagroso odor.

Mas qual a razão do perfume naquele rosário! Ninguém sabe explicar. Consultam as Irmãs de Santo Agostinho que cuidam do Santuário e do Orfanato anexo.

- É o sinal de uma graça que a Santa deu ou vai dar - informa a religiosa. - Isto acontece muitas vezes.

- Viu? - diz D. Maria. - Foi da gasolina. Eu não disse que foi milagre?

Os peregrinos portugueses, junto com o brasileiro Pe. Paulo, sumamente agradecidos e impressionados, resolvem pernoitar naquele recanto abençoado. No dia seguinte, o Pe. Paulo, acompanhado pelos seis romeiros de Portugal, celebra no altar de Santa Rita, diante do corpo, que há quinhentos anos se conserva em perfeito estado de conservação.

Em sua longa romagem pelos diversos países da Europa, vira o Pe. Paulo o corpo incorrupto de uma dezena de santos. Todos estão mais ou menos mumificados e enegrecidos. O de Santa Rita parece vivo. Uma freirinha, deitada em redoma de vidro, suavemente dormindo, o rosto corado, sorridente. Às vezes, evolva-se dele delicadíssimo perfume.

O guia, um sacerdote agostiniano, esclarece que em algumas oportunidades, notadamente em presença de bispos e superiores religiosos, a Santa abre os olhos, vira o rosto para o povo, move as mãos, inclina-se, em piedoso cumprimento...

**

Depois da missa, visita coletiva ao velho mosteiro, onde

viveu e morreu a Santa dos Impossíveis. No amplo salão, enormes quadros representam os passos notáveis da vida desta admirável Serva de Deus. Primorosa ilustração daquela maravilhosa existência.

Numa pequena cela, vê-se, um tanto desbotada, na parede, a imagem em pintura de Jesus Crucificado, de cuja coroa se desprende o espinho que abriu na fronte da religiosa a ferida que tantos sofrimentos e méritos lhe trouxe.

Penetram no quarto em que passou várias dezenas de anos, em longo e cruel martírio. Contemplam enlevados a prodigiosa videira que há cinco séculos vem produzindo uvas sem que seja cultivada. Levam como relíquia pedacinhos de casca desta vide. As "abelhas de Santa Rita" – as órfãzinhas do asilo - oferecem, em troca de uma esmola, rosas do roseiral que Santa Rita fez florescer na força do inverno.

Os peregrinos pareciam encontrar-se no céu. Como sentiam deixar aquele remanso abençoado de indizível beatitude! Partiram levando na alma, bem aprofundada, a devoção a tão extraordinária Santa.

O Pe. Paulo transformou-se em apóstolo. Vai pregando pelo Brasil afora o taumaturgo poder da filha de Antônio Mancini. Aos atribulados, aos que gemem na noite do vício e no leito sombrio do desespero, infunde o bálsamo desta mágica devoção. Distribui um folheto com a novena da Santa. E as graças tombam do céu em profusão.

A família de Humberto Mondadori, de Esmeralda, Rio Grande do Sul, havia vários anos suspirava em vão pela cura do filho doente, totalmente desenganado dos recursos humanos. O Pe. Paulo, em visita ocasional, durante o seu ministério, narra-lhes a romaria a Cascia, o caso da gasolina, dá-lhes o folheto com a novena. No último dia da novena, o filho salta da cama e volta para casa perfeitamente curado. E lá está agora tomando conta da casa comercial dos Mandadori, na cidade gaúcha de Esmeralda.

Pois, se você, leitor, não acredita que Santa Rita seja a Advogada das causas perdidas e a Santa dos Impossíveis, queira experimentar. Ela não deixa de ser mesmo para aqueles que dizem: Ver para crer.

**



3 – O MENDIGO

O velho Anastácio é um mendigo de sorte. Acomodado. Inteiramente conformado com a sua condição de mendigo.

Sem ambições, não inveja os colegas que têm um rancho para morar. Os colegas que têm família, que têm parentes...

Ele não tem família. Não tem parentes. Não tem um rancho para morar. Mora na rua e dorme debaixo da ponte. Durante o dia, anda pela cidade assobiando, cantarolando, feliz como um passarinho.

Comida? Um prato de feijão com arroz ele sempre consegue em casa do caminhoneiro Felisbino ou em outra casa em que bater.

Não inveja os colegas mais ou menos bem vestidos e calçados. Ele anda sempre de pé no chão e se veste de molambos, que ele mesmo lava no rio, debaixo da ponte.

**

Pois lá vivia feliz o velho Anastácio, dormindo debaixo da ponte. Mas em julho de 83 aconteceu um desastre. Uma tragédia. Veio a enchente, a enchente mais dramática, mais catastrófica da história do sul do Brasil.

Com fúria diabólica, o rio transbordou. Saiu do leito, impetuoso, por ruas e praças.

A água entrou nas casas sem pedir licença. Subiu, subiu, encobrendo os telhados e transformando a pequena cidade num mar tumultuoso.

Casas eram arrancadas de seus alicerces e seguiam arrastadas pela torrente, rodopiando, rodopiando, em teatral cortejo.

Árvores, cercas, muros, tudo sucumbia à fúria inconoclasta dos elementos em rebelião. Galinheiros, chiqueiros, currais, bois, cavalos, ovelhas, porcos, rolavam na cristã das ondas, num bailado macabro.

Empoleirado na cumeeira do galinheiro sinistrado, um galo viajava sem pagar passagem, cantando. Cantava aquela soberba epopeia de destruição, aquela tragédia que merecia ser cantada em prosa e verso.

Um gato branco, agarrado à porta arrancada da casa do seu dono, miava, fulizando seus olhos de fogo.

Trepado num caixote, aos rodopios, uivava um enorme cachorro...

**

A população, tomada de pânico, mal pode agarrar as crianças e fugir para o monte, de onde, com lágrimas nos olhos, contemplava o trágico submergir de suas casas nas águas em tumulto.

Andando, alucinada, sob a chuva torrencial e contínua, desalojada de seus lares, refugiou-se no salão paroquial providencialmente erguido no ponto mais alto da cidade.

Sem se dar conta, o velho Anastácio viu-se de repente no meio daquela multidão flagelada e enlouquecida. No meio daquela multidão em desespero, mas bem vestida, bem calçada, ele de pé no chão, vestindo molambos.

No dia seguinte, deram-lhe um par de sapatos e uma roupa bonita. Deram-lhe comida. Roupa e comida em abundância, enviadas pelos irmãos de todo o Brasil.

Ele, o pobre velho, não deu lá grande importância àquele par de sapatos. Preferia continuar descalço. Não se impressionou com a roupa bonita. Ele gostava mais de sua roupa esfarrapada de todos os dias, a roupa que ele mesmo lavava no rio, debaixo da

ponte. Não lambeu os lábios depois de saborear a gostosa refeição que lhe deram. O prato de feijão com arroz que recebia da família do Felisbino era mais apetitoso.

**

Ali, no meio da multidão em desespero, Anastácio ouvia as lamentações de um pai de família: Meus filhos, nós perdemos tudo. Tudo. Não foi possível salvar nada, nem os documentos.

E a mãe: Perdemos a casa, filhos. Perdemos a roupa, os móveis, a louça, as joias, o dinheiro, tudo.

Mãe, - acrescentava a garotinha - eu perdi o meu gatinho. Mãe, eu perdi o meu cachorrinho e o papagaio acrescentava o garoto.

Anastácio, escutando aqueles gemidos, vendo aquelas lágrimas, ficou triste. Triste por ver a desgraça de toda aquela gente que antes vivia feliz e que acabava de perder tudo da noite para o dia.

E o mendigo, contagiado, também começou a chorar. - Por que chora, Anastácio?

- Choro porque vocês perderam tudo.

- E você, Anastácio, não perdeu, nada?

- Nada. Perdi apenas o leito debaixo da ponte, mas temporariamente. Logo que as águas baixarem, terei outra vez minha casa...

- Feliz de você, Anastácio, que não perdeu nada. Você tem sorte, Anastácio.

- Sim, muita sorte. Eu não perdi nada. Enquanto vocês perderam tudo. Tenho pena de vocês.

**

4 – O SORRISO DE MÔNICA

Mônica, 17 anos, estudante da Escola Normal, não é a moça mais bonita da pequena cidade serrana. Mas todos concordam que ela é a mais simpática, a mais atraente, a mais contagiante. Vive com o sorriso brincando nos lábios.

Sorria para todos, ricos e pobres, jovens e velhos, homens e mulheres. Sorri, sobretudo, através de seus olhos castanhos, brilhantes, como dois alegres passarinhos espiando a sorrir por entre as cortinas de seda de suas grandes pestanas.

Extremamente sensível e amorosa, vibrava diante de tudo o quanto é belo, de tudo quanto encontra na rua em seus passeios diários, rumo da escola. E infunde alma nova nas pessoas acabrunhadas, como num passe de mágica, deixando todo mundo transformado e feliz.

No outro dia, o Osvaldo, forte comerciante da cidadezinha, vivia uma crise tremenda, diante do fracasso de seus negócios, com adoção de novos planos de arrocho do governo federal. Em sua loja, as balconistas passavam o dia de braços cruzados, clamando por um freguês que não aparecia. A loja encontrava-se à beira da falência.

Pois, naquele dia, Osvaldo, a passear pela rua assim tão aborrecido, dá de repente com aquela garota, a Mônica, que ele só conhecia de vista.

- Como vai, Seu Osvaldo? - perguntou ela com um sorriso encantador.

Osvaldo pára, fascinado por aquele sorriso capaz de comover um frade de pedra. Pára, fica olhando para a mocinha, feito bobo. Transfigurou-se, quando Mônica se aproximou e lhe bateu no ombro, dizendo:

- Tudo bem, Seu Osvaldo?

- Tudo bem, querida. Estava triste, aborrecido, mas você, com esse belo sorriso, me alegrou. Você é muito legal, menina! Sabe tornar alegres as pessoas mais tristes. Obrigado, senhorita, - disse ele, dando-lhe um abraço.

Naquela tarde, o Seu Osvaldo era outra pessoa. Seu rosto acabrunhado se transformou de repente. Estava contente. Estava feliz.

À noite, foi deitar pensando no sorriso de Mônica, que o tornava feliz. E logo adormeceu, ele que havia várias noites que não dormia, só pensando nos maus negócios da firma. Dormiu toda a noite sem acordar uma vez. Sonhou com o belo sorriso da normalista.

No dia seguinte, Osvaldo levantou-se bem-humorado, contente, feliz. E, assim contente e feliz, dirigiu-se à sua loja. Parecia que as coisas tinham mudado. Havia vários clientes fazendo compras.

Daí por diante, tudo foi correndo bem. A firma equilibrou-se e progrediu.

* *

Mônica, totalmente alheia à transformação daquele empresário, ignorando tudo quanto se passou depois com aquele homem acabrunhado e que acabou reagindo apenas com um sorriso, prosseguiu seu caminho.

Passando pela pracinha, ela deparou-se com um grupinho de rapazes, sentados nos bancos. Mônica saudou-os com um largo aceno e um sorriso encantador.

- Que moça bacana! - comentou um deles. - Quem é essa garota tão legal, tão sorridente?

- É filha de uma professora. Estuda na Escola Normal.

- Que bacana!

- E sabem de uma coisa? Ela não tem namorado. Diz que o namoro amarra a gente. Assim, sem namorado, ela está mais disponível para ajudar a todos.

* *

No dia seguinte, Mônica, andando pela avenida principal, topa com um mendigo sentado na calçada, pedindo esmola. Era o velho Sebastião, 80 anos. Desdentado, barbudo, feio. Vivia ao deus-dará, à mercê de caridade pública. Dormia sozinho num barraco miserável.

Mônica aproxima-se dele, quase se encostando. Sebastião sente a carícia do perfume que se evola do lindo vestido da garota. E experimenta um bem-estar imenso.

- Como vai o senhor? - pergunta Mônica, sorridente.

- Como Deus é servido, minha filha. Obrigado. E a senhorita como vai?

- Bem, obrigada. Aqui está uma pequena ajuda, meu bem, - disse passando-lhe uma nota de cinco mil cruzeiros e fazendo-lhe outro belo sorriso.

Sebastião nem olhou para o dinheiro. Estava mais era empolgado com o amor daquela garota, que lhe sorria tão encantadoramente. Ficou olhando para ela até que desapareceu na esquina, rumo da sua escola.

* *

Aquele mendigo, que já não tinha sorriso para oferecer, porque desaprendera a sorrir; aquele mendigo que há muitos anos não recebia um sorriso tão carinhoso, tão cordial, sentiu muita alegria, sentiu tanta alegria, que desandou a chorar, feito criança. Aquela era a esmola mais valiosa que recebera em toda a sua triste vida de mendigo. Esmola que valia milhões, que trazia a felicidade para ele, pobre mendigo, sem amor, sem afeto...

Sebastião não quis mais mendigar naquele dia. Parecia ter tirado a sorte grande, a quina da loto... Levantou-se, enxugando as lágrimas, e, meio trôpego, dirigiu-se a igreja matriz, ali perto.

Entrou. Ajoelhou e principiou a orar, a rezar para agradecer, não os cinco mil cruzeiros que recebera, mas para agradecer aquele sorriso, aquele sorriso que o fazia feliz. “Hoje, Senhor, - orava ele - hoje eu fui amado por uma garota bonita. Sorrindo assim tão encantadoramente para um feio mendigo como eu, mostrou que me quer bem. Que me ama. Estou feliz, Senhor!... Agora podeis deixar partir este pobre velho. Depois desta felicidade, Senhor, só me resta a felicidade do céu...”

Era noite, quando o sacristão foi avisar aquele velho que estava na hora de fechar a igreja.

No dia seguinte, ninguém viu o Sebastião na rua. Apenas os vizinhos, por volta do meio-dia, notaram o barraco fechado. Fechado àquela hora, o que nunca acontecia.

Empurraram a porta e... estendido sobre o duro enxergão, jazia morto aquele mendigo. O rosto sereno, voltado para o céu, um sorriso nos lábios, parecia vivo.

Mas estava morto. As mãos sobre o peito, a direita apertando um pequeno crucifixo, e, na esquerda, a nota de cinco mil cruzeiros que recebera de Mônica...

5 - VISÃO MACABRA

Por que será que as aulas de Geografia, ministradas pelo Pe. Paulo, são tão interessantes? Os alunos vão a elas como para o cinema ou partida de futebol.

A razão é simples. Aquele professor do Ginásio Duque de Caxias de Lagoa Vermelha RS, além de simpático e inteligente, é muito viajado. Trabalhou na Europa e conhece metade do mundo. E, agora, durante as aulas, viaja com os próprios alunos. Leva-os às cidades mais importantes. Acompanha-os na visita às principais curiosidades, demorando-se na consideração de um fato notável ou na contemplação de monumentos e obras mais famosos.

- Hoje - diz o Pe. Paulo, iniciando a aula de Geografia - hoje vamos visitar a cidade de Évora, a Capital do Alto Alentejo, uma das cinco cidades de maior evidência de Portugal.

Évora alastra seu casario baixo e típico, onde residem mais de mais de 30 mil habitantes, sobre amplo coxilhão de declives brandos, a 150 metros do nível do mar.

Daqui, a vista se derrama em largos horizontes e se diverte num panorama de surpreendente beleza, enfeitado de quintas e courelas, verdejante de olivais e vinhedos, emoldurado de campos e herdades, onde nasce o gado e o trigo loureja, ondulando ao cálido sopro da brisa.

Em todo o país, é a terra de mais evocadores ambientes e de mais poéticos recantos, donde se evola o mais forte perfume do passado. Verdadeiro paraíso dos amantes da história e da arte.

O seu nome latino - EBORA - vem da época brilhante do império romano, no tempo de Augusto. Ainda hoje, admiramos o templo de Diana, no ponto central da cidade.

Envolvida por muralhas medievais, possui um castelo forte

e uma mesquita catedral, atestando a passagem romana e a ocupação muçulmana.

Reis e príncipes mantiveram assento aqui, donde partiam os exércitos em socorro ao rei de Castela, Afonso XI, desbaratando completamente os mouros na batalha de Salado.

Em tempos de D. Fernando, deram-se em seus paços as escandalosas cenas entre a rainha D. Leonor Teles e o conde Andeiro, a prisão do mestre de Avis e os tumultos e desmandos que provocaram o cruel assassinato da abadessa de São Bento, Joana Peres Ferreirim.

O condestável D. Nunes Álvares Pereira residiu em Évora cerca de 26 anos. Durante a dinastia de Aviz, ocupava Évora categoria de cidade *mui nobre e sempre leal*, imediatamente a Lisboa, tendo sido sede da corte portuguesa.

A Catedral de Santa Maria, de estilo romano-gótico, com a sua célebre torre-lanterna, é, no gênero, o maior monumento do sul de Portugal. Nesta admirável obra de arte, nas centenárias ogivas, oraram reis, rainhas e príncipes. Em seu púlpito soou a voz eloquente de D. Domingos Jardo, fundador da Universidade de Coimbra; D. Álvaro da Costa; São Francisco de Borja; Frei André de Rezende; e os cardeais infantes D. Afonso e D. Henrique...

Escola de arte escultória e pictória, possuía ainda veneranda Univesidade, extinta pelo Marquês de Pombal.

No Liceu, dirigido pelos Padres Salesianos, é professor o Pe. Pedro Moraes, famoso radiestesista e parapsicólogo. A ele - diz o Pe. Paulo - deixei um mapa do Rio Grande do Sul para estudo de descobrir jazidas de petróleo. Devo escrever-lhe para saber se já concluiu este estudo.

Quando o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, professor Oliveira Salazar, foi vítima de atentado, não houve meio de descobrir e prender o autor do disparo que passou raspando o nariz do inteligente e incomparável governante.



Então, a pedido insistente, o Pe. Morais cooperou com o mágico poder de sua arte para a captura do bandido. O boné, que este perdera no momento do atentado, fornecia ao religioso as irradiações indispensáveis. À hora marcada, o Pe. Morais, com o mapa do país em sua frente e a polícia portuguesa toda de prontidão, localiza o ponto onde se encontra naquele instante. Está em Lisboa. Movimenta-se rápido. Não vai a pé nem de automóvel. Agora dobra aquela esquina. Dobra mais outra. Vai andando. Outra rua. Enfim, está preso. O sujeito viajava de motociclo...

O Frei José de Castro - continua a lição do Pe. Paulo - meu superior em Portugal, desconhecia o paradeiro de um irmão que desaparecera durante a Guerra Civil da Espanha. Infrutíferas foram todas as tentativas para descobrir qualquer vestígio.

O Pe. Morais desvendara o mistério. O mapa da Espanha. O pêndulo. Um pertence do desaparecido. Em poucos instantes, estava localizado o irmão do padre superior. O lugar indicado no mapa coincidia com um cemitério. Feita a escavação, numa vala comum, apareceram os restos mortais. E, por feliz coincidência, nos bolsos da roupa, foram encontrados documentos de identidade.

Parece mentira. Mas, com o Pe. Morais dão-se casos desses diariamente.

**

O que mais me impressionou, todavia, na cidade de Évora – prossegue o Pe. Paulo - foi a capela dos ossos, junto à real igreja de S. Francisco. Uma tétrica visão, uma visão macabra que jamais esquecerei.

Entro na igreja, repleta de preciosidades artísticas. Atravesso a sacristia. Depois, um corredor. Dobro à direita. Ao lado, enormes missais e breviários antigos, relíquias históricas da antiguidade monástica. Paro diante de uma porta. Sobre a verga do portal renascentista, com duas colunas deslocadas de outra

parte, o célebre dístico:

Nós ossos que aqui estamos

Pelos vossos esperamos.

Os alunos do Pe. Paulo soltaram uma exclamação de horror. E ele: Não são só vocês que se espantam diante destes versos. Eu também soltei uma exclamação, assim como aconteceu com todos os turistas que visitam a estranha capela dos ossos.

Transponho o umbral. Encontro-me na capela de três naves. Contemplo aquele espetáculo terrífico, horripilante. As paredes completamente revestidas de ossos humanos. Costelas, úmeros, fêmures, tíbias, ilíacos. Tudo harmonicamente disposto.

Os ângulos das colunas, dos cantos, dos arcos, são cordões de caveiras simetricamente ordenados, oferecendo curioso ornamento...

À direita, presos à parede, dois cadáveres inteiros. Um adulto e outro pequeno. Diz o guia:

- São pai e filho. O pai assassinou o filho e a terra não quis devorar suas carnes. Estão aqui para o escarmento da humanidade.

No chão, na nave central, uma lousa com inscrição me surpreende: Aqui jaz D. Jacinto Carlos da Silva, Bispo de São Luís do Maranhão, Brasil, morto às mãos dos franceses de Loison, no saque de Évora em julho de 1808.

Esta capela – conclui o Pe. Paulo - foi construída nos princípios do século XVII e restaurada em 1810 e servia para meditação e contemplação dos monges.

Em Portugal, existem outros exemplares desses carneiros, embora em menores proporções, como em Campo Maior, em Arronches, Faro e Lagos.

**



Aqui termina a lição do Pe. Paulo sobre Évora, berço do cantor Roberto Leal. Os alunos fizeram perguntas. Ficaram sabendo, ainda, que esta cidade é o berço de Fernando de Noronha, o navegador que deu o nome ao arquipélago brasileiro, e do exímio cantor Francisco Carlos, que esteve no Brasil e em Porto Alegre.

A seguir, continuou o professor: Quando estudarmos a Itália, teremos ensejo de conhecer outra extraordinária curiosidade deste gênero. Muito mais interessante e espantosa.

- Professor, - insistiram os alunos - conte agora. Ah, conte, sim?

- Está bem. Então viajemos pela Itália. Em Roma, na via Barberini, num convento de capuchinhos, existe uma galeria com muitos cadáveres em bom estado de conservação.

Deixemos Roma para mais tarde, quando estudaremos demoradamente sua inesgotável riqueza histórica e artística. Rumemos para o sul. Em Nápoles, lancemos um olhar de relance para o pico do Vesúvio, agora silencioso e apagado em sua inatividade. Aqui também voltaremos.

No extremo sul da Itália, em frente da ponta da bota, emerge a maior ilha do Mediterrâneo, a mais povoada, com o mais opulento museu de ruínas de pretérito esplendor. É a Sicília.

Palermo, sua Capital, de convulsa história, com mais de 400.000 habitantes, dorme num regaço de montanhas. Junto ao porto, ergue-se, escalavrado, o Monte Pelegrino, onde Amílcar se fortificou e lutou durante três anos.

Reconstruída através dos séculos, apresenta excelente traçado urbano, ruas largas e retas, exuberantes jardins, airoas praças.

Lindos edifícios, outros austeros, monumentos soberbos, marmóreas estátuas, templos em profusão, de vários estilos, fazem

da "Cidade Feliz" curioso repositório de arte italiana.

Embarcados numa carripoila, decorada com cenas mitológicas, bíblicas e históricas, atravessamos o amplo Corso Vittorio Emmanuele; depois, ruas estreitas, de casas baixas e pobres. Os cavalos dão meia volta e param em frente de velha construção.

É o convento dos capuchinhos. Apresentamo-nos ao superior que fica admirado com a visita dos brasileiros. Falamos dos sicilianos, idealistas e fogosos, que imigraram para o Rio Grande do Sul aqui estamos em casa. Então paramos dois dias, carinhosamente acolhidos pelos confrades italianos.

**

Agora vamos visitar o espetáculo estranho, o mais estranho do mundo. Percorremos longos corredores e nos encontramos perante a bocarra de negra escada, que mergulha num subterrâneo. Descemos.

Não podemos abafar um grito de horror diante do que vimos. Na imensa galeria abobadada, milhares de cadáveres mumificados. Uns suspensos no teto, como enforcados. Outros em pé, semelhando fantasmas, prontos a se lançar sobre os visitantes. Aqui estão sentados, levemente inclinados, como a conversar com um ser invisível.

A pele ressequida, os olhos fundos, a boca chupada. Envergam os trajes mais disparatados, desde o século XVI ao século XIX, num interessante e pitoresco desfile de modas que se perderam ao longo de trezentos anos.

Avançamos e descobrimos outras galerias, todas repletas de cadáveres. Alguns olham para nós através do vidro poeirento de suas umas. Outros, em dramáticas contorções ou confundidos com os destroços de seus esquifes, furam, com o braço mirrado, as tábuas apodrecidas.



Os padres e religiosos encontram-se, à parte, sentados, revestidos de paramentos e hábitos esmaecidos, as mãos cruzadas sobre o peito.

Em outra galeria, acomodaram-se as mulheres, algumas ostentando restos de suntuosos vestidos.

Todos estes cadáveres trazem, dependurada ao pescoço, uma etiqueta do museu, um cartão para fins identificadores.

São 8.000 cadáveres. As estreitas e negras catacumbas de Roma não passam de sombra ao lado destes hórridos subterrâneos, onde o passado está presente e a morte parece viver.

**

Naquele dia - continua a preleção do Pe. Paulo - ocorreu um fato curioso com o Sr. Armando, de Porto Alegre, que nos acompanhava. Depois do almoço, enquanto nos entretínhamos palestrando com os confrades, o Sr. Armando desceu sozinho ao carneiro, numa visita descansada à região da morte.

Atravessava ele a galeria, vagamente iluminada por uns furos das abóbadas. Aquela solidão, aquele silêncio e aquele ambiente macabro o impressionaram fundamente. Parou. Pareceu ouvir, partindo de pequena distância, à sua frente, um tênue ruído. Sinistro pensamento varreu-lhe a mente. O ruído aumentou. E, num repente, ele vê na penumbra, sim, vê claramente um "cadáver" que se levanta em pé, olhando para ele.

Armando não se conteve. Soltou um grito lancinante de pavor e disparou a toda a velocidade. Em quatro paletadas, galgou a escadaria e chegou à nossa presença, branco como uma vela, o coração aos saltos.

- Que foi, Armando? - perguntamos.

O coitado não podia falar. A muito custo, titubeando, se explicou:

- Na galeria... Um morto... Um morto levantou-se. Eu vi...

As gargalhadas dos frades foi geral.

- Não é possível, Armando.

- É, sim. Ai! Que susto! Quase morri!

- Vamos lá ver este "morto" que ressuscitou. Vamos.

Fomos todos, incrédulos, é claro. O que teria sido? É muito fácil de explicar. A entrada do subterrâneo, encontramos o guia, rindo perdidamente.

- Que é dele o homem? - perguntou o guarda. - Não morreu de medo? Eu estava lá dentro, dormindo a sesta. Quando ouvi passos, me levantei para ver quem entrava. Aí o cara deu aquele grito infernal, que até me assustei... Onde está o homem?

Estava desvendado o mistério. E as gargalhadas aumentavam, para consolo do Armando, que ficou envergonhadíssimo, por causa do fiasco, mas contente, ao mesmo tempo...

**

O Pe. Paulo, a esta altura da narração, foi obrigado a suspender a palestra, porque os alunos riam às bandeiras despregadas, fazendo um barulhão ensurdecedor.

Findas as gargalhadas, Germano Ferri, um aluno muito aplicado, futuro advogado brilhante e empresário, levantou o dedo, perguntando:

- Professor, como é que aqueles cadáveres não apodreceram.

- Ora, estão embalsamados.

- E por que embalsamaram?

- Está bem, Germano, vou explicar. Em 1553 grassava a cólera em Palermo. A morte rondava os lares e visitava quase

todos, levando algum membro. Morriam às dezenas, diariamente. Eis que, no meio de tanta calamidade, corre voz de que algumas pessoas foram sepultadas ainda com vida.

Diante desta notícia alarmante, os nobres e ricos da cidade, temendo que tal desgraça coubesse a alguns de seus parentes, solicitaram aos capuchinhos que recolhessem no subterrâneo os corpos para observação, até que não restasse dúvida acerca da morte certa.

Consta que no convento havia um frade que tinha estado no Egito, onde aprendera a arte de mumificar. Entregou-se à lida de embalsamar os cadáveres, de acordo com a vontade das famílias interessadas. Assim os corpos ficavam expostos nas galerias, podendo ser visitados por todos.

A notícia espalhou-se pela cidade. A ideia do sepultamento com vida, a ideia de serem privados da voracidade dos vermes e do esquecimento dos homens, dispôs grande parte da população a entregar aos capuchinhos os despojos mortais, que eram conservados em estado quase natural.

Outros frades aprenderam a embalsamar. E o trabalho continuou até 1881, quando o convento deixou de receber fúnebres hóspedes.

Os capuchinhos extraíam as vísceras dos cadáveres, colocando palha em seu lugar, que ainda hoje se vê em algumas múmias.

A visita a este sinistro local, a visão fantástica dos macabros espectros, propicia ao homem que o visita momentos de proveitosa meditação sobre a morte, remate de todas as vaidades e de todas as ambições.

Concluindo, diz o Pe. Paulo:

- Eu jamais me esquecerei de Évora e de Palermo, por causa desta visão macabra. E espero que os meus alunos também

se recordem para sempre. Vamos ver:

- Évora é Capital de que Província de Portugal? Quem sabe?

- Eu sei, professor, - responde logo Paulo Moisés de Andrade, futuro prefeito municipal de Lagoa Vermelha. - Capital do Alto Alentejo.

- E Palermo?

- Da Sicília - e a resposta de Jarbas Lima, um aluno superdotado e que se transformará num dos mais brilhantes tribunos do Rio Grande do Sul, promotor público e deputado, um dos mais destacados deputados estaduais.

- Muito bem - conclui o Pe. Paulo, - Vejo que aproveitaram bem desta aula.

- Muito bem, professor. Amanhã queremos outra aula como esta.

**

6 - NA FLORESTA AMAZÔNICA

O avião seguia para Caracas, sobrevoando o oceano sem fim da floresta amazônica, que dorme, o sono dos séculos sob a verde coberta do seu impenetrável mistério.

Além dos dois membros da tripulação, viajavam no aparelho dez pessoas, entre elas duas senhoras - mãe e filha - e o missionário capuchinho espanhol Frei Gabriel.

Sob a fulguração tropical do sol de abril, a floresta imensa desfilava lá embaixo, escutando o ronco metálico do motor da aeronave. A negra mataria, pontilhada de esbranquiçadas manchas, repousava na tranquila paz da sua infinita solidão.

Imóvel, levemente ondulada aqui e acolá, distendia de longe em longe a faixa alvacentas de um rio, que desliza manso na amplidão da planície.

Após algumas horas de sereno voo, os passageiros, até então despreocupados e contentes estremeceram sob o impacto violento de uma queda brusca. Uma pane no motor do avião prenunciava inevitável desastre, de imprevisíveis proporções.

De repente, o aparelho para de funcionar e continua planando, perdendo altura e velocidade.

O pavor estampa-se na face de todos os seus ocupantes. Murmuram preces de confiança. Frei Gabriel lança a absolvição geral.

Súbito, o avião roça as pontas das altas árvores e precipita-se por entre a folhagem e a ramaria, rolando em tremenda confusão. Na queda, partiu-se ao meio, cuspidos alguns passageiros, que foram caindo de galho em galho, até o solo macio coberto de folhas secas.

Os demais permaneceram dentro do aparelho e tombaram com ele, esmagando-se debaixo dos destroços.

O missionário jazia dependurado nas árvores, preso por um pé numa forquilha, de cabeça para baixo, a poucos metros do chão.

Três senhores sofreram apenas escoriações leves. Eles, refeitos do enorme abalo, apressaram-se em acudir as vítimas, removendo pedaços do avião, ramos de árvores...

O padre, auxiliado, desceu, e, apesar das dores que sentia, tratou de socorrer os feridos. As duas mulheres jaziam seriamente machucadas, assim como o piloto e quatro homens, enquanto dois lá estavam sem vida.

**

Em pouco tempo, ajeitou-se com os assentos uma espécie

de leito para os feridos. O sacerdote encomendou os cadáveres. Todos oraram pelo descanso eterno de suas almas. Em seguida, foram arrastados para longe do local do sinistro.

Os sobreviventes, embora em solo firme, encontravam-se em plena floresta amazônica, bem distante de qualquer habitação humana, à mercê de cruel incerteza, como sobre frágil barquinho na imensidão do oceano ou no coração de arenoso deserto.

A mata assassina escancarava as fauces hiantes para tragar impiedosamente aquele indefeso repasto humano. Era a terrível traição, a suprema vingança contra aqueles que ousavam desvendar os insondáveis segredos da intocável e misteriosa selva...

O aparelho tombara sobre extensa colina, castigada por prolongada estiagem, sem gota de água, sem pingo de umidade. Os infelizes sinistrados ardiam em sede febril.

A todos distribui-se um gomo de laranja para molhar a garganta ressequida. Restava meia dúzia destas frutas, que um passageiro trazia a bordo. Mas eram avaramente guardadas para o futuro incerto.

O único alimento seria uma latinha de chocolate em pó. Pertencia ao missionário. Mas, sem água, tornava-se impossível utilizá-lo.

Tratou-se imediatamente de sair em busca de água. Os três senhores que resultaram ilesos na queda, armaram-se de um recipiente e de um revólver, e partiram. De quando em quando, eles dariam um disparo ao qual, do acampamento, viria resposta, para orientação.

Frei Gabriel dispensava carinhosos cuidados aos pobres feridos. Um, em estado gravíssimo, veio a falecer dois dias depois. Morreu resignado, absolvido e confortado pela benção protetora do missionário, o qual, após a encomendação da alma, arrastou o cadáver a pequena distância, deixando-o insepulto, o que muito lhe



doía. Não havia outro expediente. Era impossível cavar uma sepultura, por falta de instrumentos.

Cada meia hora, ouvia-se um tiro, a que o padre respondia com outro. Mantiveram-se assim em comunicação durante algumas horas. Depois, nunca mais se ouviu coisa alguma. Nunca mais, infelizmente.

**

Sobreveio a noite, e os três homens, que saíram em busca de água, não apareceram, deixando no acampamento ambiente constrangedor. E agora?

O missionário acendeu uma fogueira. Distribuiu a todos um pedaço de laranja para aliviar a sede e a fome, que já se tornavam insuportáveis.

Raiou o dia. O capuchinho disparou dois tiros de revólver, na esperança de obter resposta dos três companheiros de infortúnio. Mas resposta não veio. Que teria acontecido? Perderam-se, talvez, ou morreram às garras das feras?

Com explicações do avião, que permanecia imóvel, o missionário tentou uma comunicação com algum posto de escuta por meio do aparelho de rádio do avião, como já fizera no dia anterior. Inutilmente. É verdade que, minutos antes do desastre, o avião pedira socorro.

Os feridos sofriam resignados. As duas senhoras oravam sem cessar com extraordinário fervor. João, membro da embaixada norte-americana, gravemente ferido, sentia que se aproximava o momento da morte. Protestante, manifestou desejo de morrer confortado pela religião católica, a qual desde longo tempo almejava abraçar.

Frei Gabriel ministrou-lhe os necessários ensinamentos. Receberia o batismo em plena floresta virgem. Mas e a água para celebrar a cerimônia religiosa? A região sofria tão grande estiagem,

que as próprias aves e feras se afastaram, demandando plagas ribeirinhas.

Os únicos exemplares da fauna que lá apareceram foram os abutres atraídos pelos cadáveres, além de milhões de moscas que infestavam o local, incomodando sobremaneira os pobres sobreviventes.

Na tarde daquele dia, ouviu-se ronco de avião. Frei Gabriel debalde disparou o revólver. Em vão atçou a fogueira... O aparelho descrevia evoluções na tentativa de localizar e socorrer as vítimas do desastre, pois de um posto de escuta fora ouvido o pedido de socorro do aviador.

Tornou a passar no dia seguinte, várias vezes. O missionário procurou aumentar a fogueira. Mas a floresta amazônica possui três camadas sobrepostas. A primeira constituída de arbustos de pequeno porte. A segunda, de árvore médias de cerca de 30 metros. E a terceira, dos gigantes que atingem 70 metros. Tornava-se assim impenetrável à fumaça da maior fogueira.

Perdeu-se mais aquela esperança, aumentando a dramática angústia dos infelizes prisioneiros da selva.

No terceiro dia, pereceu outra vítima, enquanto o diplomata continuava em estado desesperador. E o missionário permanecia naquela impressionante aflição sem água para o batismo do seu neófito, que, no entanto, o batismo de desejo salvaria.

No quinto dia, Frei Gabriel retirou-se do acampamento. Caiu de joelhos e com lágrimas nos olhos voltou aos céus a prece mais ardente de sua vida, suplicando misericórdia para aquele moribundo. Que Deus enviasse pelo menos umas gotas de água salvadora.

Voltou para junto dos seus enfermos aliviado. A sua fé dizia-lhe peremptoriamente que, Nosso Senhor escutaria aquela súplica, aquele apelo dramático, no supremo desespero.

De fato, decorridas umas horas, principiou a chover. Era uma chuvinha miúda, mas abençoada, providencial.

O sacerdote recolheu algumas gotas, que derramou sobre a fronte lívida do moribundo, que chorava de contentamento. Pouco depois, entregava a sua bela alma branca ao Criador.

O missionário exultou, rendeu graças aos céus. Invejou a sorte do companheiro. E abençoou a floresta assassina que antes amaldiçoara. Já não era assassina era salvadora. Sim, não fora o desastre na inóspita selva talvez não se convertesse aquela alma, que acabava de roubar o céu.

**

Com a chuva, todos puderam aliviar um pouco a sede ardente. Frei Gabriel preparou o chocolate, que todos provaram. As laranjas haviam terminado. Outro alimento foi alguma lesma e raízes de certas plantas. Nada mais.

E os dias foram se arrastando lentamente teimosamente lentos. Uma semana. Duas semanas. E, na penumbra selvagem daquele nostálgico ambiente, a sombra trágica da saudade do lar, da família, dos longínquos entes queridos do abandono sem fim, à beira de desenlace fatal amortilhava aquelas almas jogadas sem piedade na desventura sem par.

Lanhados por cruéis sofrimentos, barbaramente devorados pelo insaciável lobo da fome e da sede, respirando o ar infeccioso pela decomposição dos cadáveres, continuamente atormentados por nuvens de insetos, os infelizes assistiam impassíveis ao baile macabro do espectro da morte num convite perene.

O capuchinho, o único sobrevivente que ainda podia caminhar, já a custo se mantinha em pé.

**

Eram volvidos vinte dias de solidão, quando o piloto falou:

- Padre, aqui nós estamos condenados à morte. Para nós

findou-se toda esperança. V. Rvma., que ainda pode caminhar, por que não vai pela floresta em busca de salvação?

- Escute, meu amigo, - respondeu o religioso. - Você que é piloto, diga-me: Este desastre não podia ser fatal?

- Este desastre, padre, devia ser fatal. Não morremos por milagre.

- Pois então - tornou o missionário - Se Deus nos livrou da morte até o presente momento, será que nos abandonará agora? Eu não creio. Digo até que se for necessário outro milagre, Deus nô-lo fará. Não tenho dúvidas.

O dia seguinte, primeiro de maio, era sexta-feira. Começava o mês da Santíssima Virgem. Justamente no dia consagrado ao Sagrado Coração de Jesus.

De manhã, Frei Gabriel recordou-se das festas que em sua terra de Castela, na Espanha, assim como em todo o mundo, se iniciam com tanto esplendor, naquele dia, em honra da Santíssima Virgem. Lembrou-se das inúmeras comunhões da primeira sexta-feira do mês.

Armou-se de ilimitada confiança. Afastou-se do acampamento e, a sós, caiu outra vez de joelhos. E de seus lábios brotou a prece mais sentida e confiante. Que o Coração Divino e Nossa Senhora tivessem compaixão daqueles infelizes.

Voltou para junto dos feridos, o coração aliviado. Tinha certeza, certeza absoluta, de que o céu outra vez lhe valeria.

Sentou-se ao lado do avião. Conversavam. Eis que, de repente, como que enviado do céu, aparece um papagaio e pousa numa árvore a pequena distância.

- Veja só ali, padre, um papagaio - falou o piloto. - Atire.

- Não. Para que? E, depois, eu, de revólver, não acertaria.

- Mas atire. Pode ser que acerte. Teremos, então, algo



para comer.

E, só para agradar ao amigo, o missionário ergueu-se, encostou-se ao tronco de uma árvore e disparou a arma.

A ave, está claro, fugiu assustada.

Instantes após, ouvem um estampido.

- Ouviu, padre? - perguntou o aviador.

- Ouvi, sim. Deve ser o eco do tiro que eu dei. Deixe dar outro tiro.

Espocou o disparo. Mas o eco não respondeu.

- Viu, padre? Não foi o eco. Deve ser gente. Vamos continuar a disparar, para orientação.

Daí a pouco, começaram o ouvir um som como de corneta, som que aumentava mais e mais.

- É gente. Não resta mais dúvida.

**

Duas horas depois, deu-se o tão suspirado e estupefaciente encontro. Eram os três que haviam saído em busca de água. Chegavam acompanhados de uma expedição, chefiada pelo capitão Medina.

Não se descreve o alvoroço, a alegria, no acampamento. Abraçaram-se longamente. As duas senhoras, que nunca haviam chorando até aí, desmanchavam-se num mar de lágrimas. Eram lágrimas de gratidão, de contentamento. Suas preces estavam, enfim, atendidas.

Contaram os recém-chegados que naquele dia do desastre andaram mais de vinte quilômetros sem encontrar água. Chegaram às margens de um rio navegável. Embarcaram numa lancha que passava e foram em busca de socorro.

Havia já quinze dias andavam por lá, percorrendo a mata,

sem jeito de localizar o sinistro. Várias vezes passaram perto do acampamento, sem o saberem. Até que enfim ouviram aquele tiro...

Abençoado papagaio! Ave providencial, instrumento da misericórdia divina, que, na solidão sem fim da floresta, com a beleza policrômica de tuas penas e o cântico metálico de tua voz, louvas ao Criador de tantas maravilhas e de tantas graças!

Papagaio que deixaste a inseparável companhia do teu gárrulo bando, para sozinho, cumprir salvadora missão em prol daqueles que depositaram toda a sua confiança no amor e no poder do teu Criador!

Bendito seja o Senhor pelo nosso irmão papagaio!

**



7 - NA SOLIDÃO DO DESERTO

Paulo ia nos 15 anos, quando lhe morreram os pais. Ricos, herdaram-lhe fabulosa fortuna, a ser dividida apenas com a única irmã, já casada.

Desde pequeno, frequentara a escola, que só abandonou aos 23 anos. Aprofundara-se nas ciências gregas e egípcias, como também nas Sagradas Escrituras.

Com o leite materno, sorvera os primeiros conhecimentos da religião cristã. Em casa e nas escolas da sua terra, aprendera e punha em prática os sublimes ensinamentos do Evangelho.

Amava a Deus apaixonadamente, sabendo que só Ele poderia torná-lo feliz. Confiava plenamente no seu Criador e Senhor, ciente de que nEle teria o amparo necessário no longo jornada pelos escabrosos caminhos da vida.

A perseguição religiosa encharcava de sangue de milhões de mártires as imensas plagas do Império Romano, tomado como de assalto pelos seguidores da doutrina de Cristo.

Décio, o cruel imperador de então, desencadeara assassina tormenta por sobre o Egito, na Tebaida, província natal de Paulo. Borbotões de sangue, empapando, o glorioso solo africano, regavam a semente de novos cristãos, que surgiam como cogumelos após a chuva.

O nosso ilustrado jovem, a quem os prazeres e os bens mundanos não seduziam, armou-se de coragem para enfrentar a morte.

Mas hesitou. Talvez não lhe sobrassem forças de suportar, de viseira erguida, os requintes de selvageria dos desumanos perseguidores.



Excogitou um plano. Demandaria o deserto. Lá, na solidão, longe de qualquer contato humano, haveria de aprimorar sua virtude na contemplação dos horizontes eterno, na prece incessante, na penitência cotidiana.

Deus, só Deus, o único objeto do seu amor, o seu único amor, seria para ele sustento e vida.

Quem ama de verdade, quem ama perdidamente, loucamente, uma pessoa, vence todos os óbices, arrosta todos os perigos, vai até o fim do mundo, para unir-se até seu bem-amado.

E à pessoa amada, ao seu amante, nada pode recusar.

Nada. Dá-lhe tudo o que estiver ao seu alcance.

O amor de Paulo era Deus. Deus que o amava com amor infinito. Deus onipotente, para quem não existe o impossível.

O seu Amor, em que confiava plenamente, não lhe recusaria uma fruta, um pedaço de pão, uma gota de água, na amplidão sem fim do deserto. Deus seria a sua defesa contra as feras bravias, as tempestades de areia, a fome e a sede.

**

Refletiu longamente. Pediu luzes divinas. E resolveu. Despediu-se da irmã, dos parentes. Abandonou sua imensa fortuna. E, armado de um bordão, sacola ao ombro, desapareceu em direção do ermo ignoto.

Caminhou o dia inteiro, sob a ardência do sol africano, na verberação das areias em brasa, a prece nos lábios, a fé em Deus.

Um bocado de pão foi o seu único alimento naquele dia. A lua e as estrelas iluminaram o caminho pela noite alta.

Enfim, exausto de fadiga, caiu e adormeceu sobre o frio leite da areia fina. Dormiu e sonhou com a mansão que Deus lhe reservava no mistério da longínqua soledade.

De manhã, o sol, qual benção celeste, despontando por

trás da ondulação arenosa, beijou-lhe a face, dando-lhe o bom dia.

E a jornada distendeu-se por longas horas, seguindo as pegadas das feras. Paulo ia procurar entre os animais selvagens a segurança que não encontrara entre os homens.

No instante languido do cair da tarde, quando a sombra trêmula se alongava como solitário fantasma, lobrigou ao longe estranho negror. Era um oásis, uma colina toda vestida de luxuriante mata.

Estugou os passos. Mas a noite desceu rápida, o céu curvou-se em brônzeo escudo negro. Andou uma hora no coração da treva, e, por fim, tombou sem forças, adormecendo após ligeira prece.

O sonho da mansão voltou agora mais nítido. Aquele oásis bendito encerrava o palácio encantado do seu ideal de eremita.

Ao raiar do dia, o sol doirava o verdor do bosque. Paulo caminhou uma hora e penetrou na espessura do arvoredo, sentindo inefável conforto, após a longa caminhada, no meio da areia.

De repente, estremeceu. Ouvira tremendo rugido. Era um leão, o rei daquele remanso. A fera olhou para o estranho visitante, sacudiu a basta juba. Paulo traçou o sinal da cruz e o animal serenou. Aproximou-se calmo, manso como um gato, festejando o recém-chegado, sacudindo a cauda e, por fim, lambeu-lhe os magoados pés.

O jovem rendeu graças a Deus. Acariciou o pelo do quadrupede, proferindo palavras de carinho, que a fera agradeceu com pequenos urros.

Paulo prosseguiu viagem. Afundou na mata. Descobriu uma caverna, a cuja entrada borbulhava cristalina vertente, formando murmuroso regato que se perdia além, entre as pedras.

Perto, uma tamareira oferecia cachos de frutas maduras.

O moço exclamou enlevado: Veja como Deus é bom! Preparou-me a casa, a comida, a água e a roupa para me vestir.

Avançou pela furna adentro. Encontrou vestígios de habitação humana. Buris, bigornas e martelos, ferramentas que denunciavam fabricantes de moedas falsas dos tempos de Marco Antônio e de Cleópatra.

No fundo dá grotão, aninhava-se pequeno esconderijo, uma espécie de cela fechada por pedras, galhos e folhas.

Paulo agradeceu mais uma vez à Divina Providencia por aquele seguro abrigo.

**

A princípio, estranhou a solidão. Sentia saudades do seu torrão amado. Mas o contínuo contato com Deus e a sua maravilhosa natureza o consolavam. Seu coração ardia em ânsia de amor febril.

Orava. Meditava nas verdades eternas. Extasiava-se em sobrenaturais contemplações. Às vezes, no entanto, o assaltava a tentação. Repeli-a sempre galhardamente.

Todos os dias, alimentava o corpo com algumas tâmaras e goles de água. Depois de anos as frutas se acabaram. Então, Com indizível júbilo, viu chegar um corvo com um pedaço de pão no bico. No dia seguinte, a ave tornou com idêntica ração. E assim continuou todos os dias, durante toda a vida.

**

A roupa que trajava desfez-se com o rolar dos anos. De filhas de palmeira, trançou uma túnica que lhe servia de veste.

As feras selvagens o visitavam e junto louvavam o Criador.

A virtude de Paulo se aperfeiçoava mais e mais. Deus o favoreceu de seus carismas. Diariamente, engolfando-se na contemplação divina, gozava de eflúvios da visão celestial.



Às vezes, no arroubo do êxtase, era agraciado com a mística presença de Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos.

**

E assim ia envelhecendo o santo anacoreta, sem receber a visita de ente mortal humano.

Eram já decorridos noventa anos de completo isolamento naquele ermo, quando um dia, estando fechado em seu escuro e frio quatinho, ouviu uma voz.

Sobressaltou-se. Escutou melhor. Era voz humana. Não havia mais dúvida. Alguém estava lá fora.

De repente, as pedras que obstruíam a porta se moveram, enquanto a voz falava:

- Abre, por favor.

Silêncio lá dentro.

- Abre, Paulo. Tu bem sabes quem eu sou. Sabes donde venho e quem aqui me traz. É verdade que não sou digno de te ver. Mas daqui não sairei sem esta felicidade. Recusas abrir a porta a um homem e no entanto recebes as feras. Eu te procurei com tanto afã e te encontrei. Bato agora à tua porta. Se não me abrires, ficarei aqui a chamar a vida inteira, até morrer. Espero que depois me darás sepultura.

Paulo, então, respondeu:

- Ninguém até hoje me procurou. E como poderei receber-te se dizes que vieste para morrer?

E, dizendo estas palavras, Paulo abriu a porta. Sorriu docemente e abraçando-se com o recém-chegado:

- Ó meu caro Antão. Bem-vindo sejas. Foi Nosso Senhor quem te dirigiu os passos até aqui. Deus seja louvado!

Aqui tens aquele que buscavas com tanta fadiga. Aqui me

tens coberto de velhice e de cabelos brancos. Este é o homem que se encontra no final da vida, prestes a se transformar em cinza e pó.

**

A este ponto do diálogo, chegou o corvo com dois pedaços de pão. Paulo falou:

- Vês como Deus é bom e misericordioso, mandando-nos o seu manjar. Há já sessenta anos que recebo diariamente um pãozinho. Hoje, por tua causa, a ração veio dobrada.

Os dois varões reconheceram a intervenção da Divina Providência. Longas horas permaneceram em colóquio e a noite passaram em oração.

No dia seguinte, disse Antão:

- Tenho noventa anos. Julgava-me o homem mais velho do mundo. Isto me envaidecia. Então Deus revelou-me a existência de um ente mais velho e mais santo. Indicou-me o caminho. Vim atravessando o deserto, caminhando à toa, sem orientação, quando me apareceu um monstro com corpo de homem e de cavalo. Pensei no demônio, Tracei o sinal da cruz. E perguntei-lhe acerca da tua morada. O monstro estendeu o braço.

Vim andando - prosseguiu Antão - no rumo indicado. Mais adiante, outra vez desorientado, pedi a Deus que me iluminasse. E eis que outra figura se me apresenta, num vale pedregoso. Era um indivíduo pequeno, nariz adunco, chifres e pés de cabra. Recorri de novo ao sinal da nossa Redenção. Sem que eu lhe perguntasse, indicou-me a direção a tomar e falou:

- Eu sou um mortal e um dos habitantes do deserto que os pagãos adoram, sob o nome de Faunos, Sátiros e Íncubos. Fui enviado para vos pedir que oreis por nós àqueles que é vosso Deus e que sabemos ter vindo para salvar o mundo.

Dizendo isto - continuou Antão - desapareceu. Eu bati no



chão com o meu cajado, exclamando: Maldita, Alexandria, que adoras os monstros. Maldita, cidade adúltera, que te tornaste reduto dos demônios que se espalham pela terra. Como te defenderás? As feras publicam as grandezas de Jesus Cristo e tu rendes a estas bestas as honras que são devidas só a Deus.

Caminhei mais dois dias, guiado apenas pelos sinais das feras na areia. Passei a noite em oração pedindo novas luzes. De manhã, avistei uma loba, morta de sede. Segui-lhe os passos até aqui, onde ela vinha procurar água. Entrei na caverna. Nada. Avancei, Tateando a escuridão. Divisei uma luz. Bati a porta da cela. Não tive resposta. Rezei a noite inteira. Até que enfim a porta se abriu.

- Pois é, - respondeu Paulo. - Há muitos anos sabia eu que moravas na solidão. Estando eu no fim da vida, Deus te mandou para dar sepultura ao meu corpo.

A estas palavras, Antão estremeceu e disse:

- Paulo, peço que me leves junto contigo para o céu.

- Não, Antão. Pois é vontade de Deus que fiques ainda algum tempo, para o bem daqueles que te veneram como mestre. Agora, Antão, desejo que vás buscar o manto de Santo Atanásio a fim de nele envolver o meu cadáver para a sepultura.

Antão, obediente, foi sem demora. Tomou o manto e voltou para a gruta apressado, cuidando de encontrar Paulo ainda com vida.

Mas, no caminho, viu a alma do santo varão, cercada de intenso esplendor,

Impressionado com a visão, foi andando. À entrada da caverna, deparou um quadro singular. Lá estava Paulo, de joelhos, os braços abertos em cruz, a cabeça erguida para o céu, imóvel.

Parecia vivo. Aproximou-se. Chamou-o. Tocou-o. Estava morto.

Envolveu piedosamente o corpo no manto sagrado. E



tratou do enterro. Mas como abrir a cova, sem ferramentas? Pensou. Orou. E eis que do seio da mata chegam dois leões. Uivaram. Deitaram-se aos pés do morto, como sinal de gratidão. Depois, escavaram o solo, abrindo um buraco. Antão orou sobre o defunto. E sepultou-o, retirando a túnica de folhas, que levou consigo como relíquia.

Era o ano 347, quando Santo Antão Abade sepultou o primeiro eremita, São Paulo, que, morrendo aos 113 anos de idade, deixava a solidão do deserto que o cumulou de mérito e virtudes, elevando-o a alto grau de perfeição.

**



8 - A TENTAÇÃO

Anoitecia. O "Santa Cruz" desatracava lentamente do cais de Mauá. Lágrimas. Lenços abanando. Adeus, Rio de Janeiro. Adeus, Brasil.

O Pe. Paulo, naquele transatlântico, vai rumo de Portugal, juntamente com três companheiros e uma leva de 400 passageiros. A Pátria querida lá ficava. Apenas as luzes da cidade ainda acenavam. E, lá no alto, o Cristo Redentor, de braços abertos, luminoso. Era a última bênção. Durante mais de uma hora, aquela grande bênção continuou derramando claridade, derramando consolo, derramando esperança.

Enfim, apagou-se. Erguendo o olhar mais para o alto, via-se, brilhando, outra bênção. A bênção do Cruzeiro do Sul. Esta voltou a confortar os passageiros durante várias noites, em meio da glauca solidão do oceano, em meio do glauco oceano de saudades.

Mas o Brasil continuava a viver dentro do barco que sulcava as ondas, empurrando cada vez mais longe da Pátria. Quatrocentos passageiros, quase todos do Brasil. Uma grande família. Todos contando a história da sua vida.

José Pacheco da Rocha, um senhor loiro e simpático, diz que viera pequeno para o Brasil. Começou a trabalhar de empregado. Vida dura. Carregando caixas e fardos o dia inteiro.

Operário honesto e eficiente, conquistou logo a simpatia do patrão. Subiu de posto. À noite, estudava, para aperfeiçoar os seus escassos conhecimentos. Passou a desenvolver sua atividade no escritório da firma. Casou. E hoje é um dos maiores proprietários da fábrica de fogos Adrianino.

- Volto a Portugal - dizia ele ao Pe. Paulo – onde pretendo



me demorar uns seis meses com meus pais. Quero deixar meus filhos a estudar no Porto. Minha família é de Negreiros. Gostaria muito que o padre viesse nos visitar.

- Não garanto - responde o Pe. Paulo, - mas se der no jeito, irei com muito prazer.

Quatro meses depois, estando a pregar na freguesia vizinha de Negreiros, lá apareceu o Pe. Paulo. Aldeia garrida, Negreiros. Ruas estreitas, fechadas entre altos muros que cercam as casas e as quintas.

A moradia de José Pacheco da Rocha ficava ali, a poucos passos da igreja. Boa gente. Vivem bem. Se, às vezes, surgem dificuldades financeiras, são logo desapertados pelo filho no Brasil. Bom filho, o José, diz o velho pai, o Joaquim. Grande coração, que não esquece nunca os pais e avós que moram aqui também.

A família preparou um banquetezinho para o sacerdote brasileiro, amigo do filho. Após o almoço, a conversa animada memorou fatos curiosos daquela família.

**

Joaquim, pai de José, revela-se exímio contador de histórias. Diz que seu avô costumava narrar o seguinte fato:

Antigamente, durante umas guerras no norte de Portugal, dava-se o lamentável caso de terríveis assaltos à mão armada às indefesas famílias. Se os bandidos encontrassem resistência, a morte entrava naquele pobre lar.

Os meliantes vasculhavam todos os cantos da casa. Limpavam os cofres, as velhas arcas revestidas de couro. E o dinheiro passava todo para as fundas bolsas dos bandoleiros.

A febre dos assaltos alastrava-se de forma alarmante. Não havia mais como contê-la. Os pobres davam graças a Deus pela sua pobreza. Esta constituía a sua defesa, a garantia contra os assaltantes. Os ricos viviam em sobressalto. Estremeciam pálidos,



ao lado de seus tesouros que num instante podiam desaparecer. Não havia mais sono tranquilo.

Tornava-se mister descobrir meio de assegurar a fortuna, de ocultar as moedas de ouro aos ardis dos ladrões.

O remédio era enterrar o arame, como, aliás, se fazia nos tempos mais antigos quando os mouros invadiam e dominavam a Península Ibérica.

Altas horas da noite, ricos fidalgos metiam-se pelas florestas, a lua a derramar-se pelas ramadas. Iam derreados sob o peso dos grandes tesouros. Longe de seus velhos casarões, sozinhos, silenciosos, confiavam ao segredo da terra o mistério do paradeiro de toda uma fortuna.

**

Numa retirada herdade, viviam dois fidalgos. Eram irmãos. Donos de farto capital, dispunham de abundante soma de dinheiro em ouro que guardavam avaramente fechado no cofre.

A notícia dos assaltos alarmou-os profundamente. E, numa noite de ventania e pouco luar, dirigiram-se para a mata, na encosta do monte. Caminhavam vergados ao peso do imenso panelão repleto de ouro. Era um tacho tão grande, tão grande, que nele se podia preparar a bóia para fartar duzentos soldados famintos. Vinha atonetado de libras. Tão atonetado, que nem tilintava.

Um pobre camponês, que morava nas vizinhanças, viu os fidalgos passar. Viu o fardo. Teve um palpite. E escondeu-se. Observou e disse consigo: Vão esconder o panelão de dinheiro... Os ladrões andam por aí, e eles se apressam a enterrar o seu tesouro.

O campônio, coberto de molambos, voltava de longo jornada, em busca de serviço, pois a sua chacarzinha não dava para nada.



Os dois fidalgos, cautelosos, sempre em silêncio, deslizam na sombra. O pobrezinho, agachado, ocultando-se atrás das árvores, esgueirando-se, o sussurro das folhas agitadas pelo vento encobrendo o ruído dos passos, o coração aos pinotes, segue o vulto negro dos milionários.

Chegam a uma clareira. Param. Dão mais uns passos. E, ali, sob as primeiras árvores, junto a um pequeno penedo, pousam o fardo e começam a cavoucar. Em poucos minutos, o caldeirão baixava à cova. Cobrem-na de terra. Espalham pedras, gravetos. E retiram-se, silenciosos, mudos.

O homem de molambos, enquanto contemplava o estranho funeral, sentiu quase um baque. Benzeu-se e rezou um Pai-Nosso. Era um hino de ação de graças pelo que acabava de ver e uma prece para que pudesse levar facilmente aquele tesouro.

Estou a dois passos da fortuna - disse com seus botões. – É só cavoucar, encher os bolsos de libras... E, quando estas terminarem, cá voltarei de novo.

**

Mas o coração que havia pouco rezara e, especialmente, aquelas palavras: "Não nos deixeis cair em tentação", deram de produzir efeito no coração daquele homem bom, temente a Deus. Ouviu uma voz que lhe segredou: Esse dinheiro não te pertence. Ele não pode dar-te felicidade. Foge. Foge daqui.

Relutou mas voltou para casa. Voltava contente por ter vencido uma grande tentação. Contento ainda por saber onde se encontrava uma fortuna, que a qualquer momento podia fazê-lo feliz.

Puro engano. Contento? Feliz? Nunca mais sentiu contentamento. Nunca mais foi feliz. Nunca mais teve sossego. O tesouro, cujo paradeiro ele conhecia, tornou-se para ele eterno tormento. Tormento cruel.



No dia seguinte, contempla a mulher rota, os filhos famintos, a gemer. Triste vida, a vida dos pobres! E uma voz soa-lhe ao ouvido; a panela está ali, cheia de ouro, e tu aqui a morrer de fome. Não sejas bobo. Anda, desenterra o tesouro.

O som daquela voz não cessava de martelar-lhe o cérebro. Varou a noite com aquela cantilena no ouvido. Tomou uma resolução. E, de manhã cedo, mal começava a clarear o dia, saltou da cama e se tocou para o monte. Andou, andou pelo mato. Descobriu o rumo. Chegou-se à clareira. Dobrou os joelhos. Rezou o Pai-Nosso, pedindo a proteção do céu para sair-se feliz daquela empreitada.

Tocou nas pedras, nos gravetos. Esgaravatou. Terra mole, sem resistência. O coração aos pulos. E nesse instante, uma voz. Uma voz diferente, a voz do anjo bom: Olha que isso não te pertence. Não te dará felicidade. Foge. Foge daqui.

E o pobre homem, apavorado, desarmado, não se atreve a prosseguir na tentativa. Lá deixa a panela. E volta ao seu duro trabalho.

**

A miséria continuava reinando em sua casa. Os filhos esfarrapados, a chorar de fome... À noite, todas as noites, quando deitava, ouvia o convite daquela voz estranha. Mas agora não era mais voz. Era um canto. Canto melodioso de sereia que fascinava, que o arrastava para o maldito local do tesouro. Não resistiu. Voltou outra vez ao bosque.

Curioso! - pensou. - Quando me encontro longe daqui, sinto vontade louca de me apoderar do tesouro. E agora, aqui, ao pé dele, sou um fracassado. O desânimo apodera-se de mim. Sinto um mal-estar. Quisera não ter saído de casa. Diacho! Eu preciso vencer esta covardia. Anda.

Começou a escavar o chão. Já os dedos tocavam a panela. Um calafrio correu-lhe o corpo todo. E a voz reboou: Larga!

Isso não te pertence. Foge. Foge daqui.

Pronto, - murmurou sozinho. - Perdi mais uma batalha.

Voltou para casa aliviado, radiante. A felicidade cantava no seu coração. Cantava na voz dos pássaros, nas flores do campo. E - estranho! - encontrou alegria até na miséria do seu rancho. Sim, ele não perdera a batalha. Ganhara, isto sim, ganhara, no rude combate, esplendorosa vitória. Estava disposto a jurar que nunca mais voltaria ao bosque.

Naquela noite, rebolou-se na cama. A tentação voltou. Mas repeliu-a galhardamente. No dia seguinte, tornou a ouvir o canto da sereia, a voz do demônio. Armou-se de coragem. Foi ao tesouro. E, assim, continuou durante dias e semanas, ouvindo a voz do mal e a voz meiga da consciência e do bom Anjo da Guarda.

Um dia contente por haver obedecido à voz do Bem. Outro dia triste por não ter se apoderado do dinheiro, com o qual acabaria a miséria, com a qual formava luxuosos castelos no ar.

**

Aquilo não podia continuar. Era um tormento cruel. Cruelíssimo. Antes a morte. Orou. Rezou muitos Pai-Nossos. Até que uma tarde decidiu-se de acabar com a história. Dirigiu-se à casa dos fidalgos. Encontrou-os no pátio, jogando a bisca, à sombra dos cinamomos.

- Boa tarde, meus senhores.

- Boa tarde, amigo, que deseja!

- Desejo um grande favor. Preciso de vós com toda urgência. Ainda hoje. Preciso que me ajudeis a vencer uma terrível tentação. Eu sou pobre, muito pobre. Minha família vive na miséria. Mas isto não é nada. O pior é que eu sei onde os nobres fidalgos esconderam a panela de ouro, lá no mato, perto da clareira, ao pé da fraga.

- O quê! - exclamaram num sobressalto inaudito. - E o



senhor...

- Não, não vos assusteis. Eu não toquei no tesouro, graças a Deus. Ainda não cometi este crime. Deus louvado! Mas a tentação não me larga u

- Bom amigo, como é grande e correto o seu coração! De hoje em diante, nós o serviremos. Nunca mais lhe faltará o pão em casa.

O pobre campônio era uma alma cristã, temente a Deus. E um dos fidalgos lembrou-se do verso de Virgílio que diz que a honradez mora entre os pobres. Sim, os pobres que temem a Deus.

Daquele dia em diante, jamais faltou pão na casinha do honesto camponês. A tentação desapareceu. O sossego voltou àquele lar e àquele coração, que agora dormia tranquilo o sono dos justos. A paz inalterável da sua consciência era o seu maior consolo. O maior prêmio que Deus lhe deu.

Os filhos, os netos e todos os demais descendentes, jamais passaram fome.

Este senhor - concluiu o velho Joaquim. - Este senhor foi o bisavô do meu avô. A história eu a ouvi pessoalmente da boca do meu avô.

E, realmente, a nossa família, apesar de pobre, nunca passou miséria. Todos fervorosos católicos, tementes a Deus. Tenho um filho que é sacerdote, e hoje monsenhor. Que Deus continue a abençoar-nos e proteger-nos.

**

9 - CICLISTA CEGO

Aldeias de Portugal. Como são garridas as aldeias de Portugal, no esplendor florido das primaveras e na paisagem verde dos dias estivais! Ninho de baixas casas, erguendo ao centro o colo altivo do campanário da velha igreja.

Nas amplas quintas, cercadas de altos muros, a nora ringe nas mornas tardes de verão, derramando vida nos milharais. A nora. Como o Pe. Paulo, que trabalhou cinco anos em Portugal, gostava de ver a nora girando, puxada por gordos bois de grandes aspas; os baldinhos presos à corrente, encordoados, baixando ao fundo do poço e subindo, a transbordar água que tombava no tanque e daí para o canal. O lavrador, calças arregaçadas, enxada em punho, tapando um rego, abrindo outro, e a linfa a esparramar-se entre os pés de milho.

- Quantas vezes por semana faz esse serviço? - pergunta o Pe. Paulo ao possante agricultor.

- Todos os dias, sr. abade. Todas as tardes. É necessário. De outra forma, o milho seca.

- E o poço não se esgota?

- Não, sr. abade. Este inverno foi bom. Choveu muito.

- Sabe, no meu Estado, o Rio Grande do Sul, ninguém rega as plantações. Só mesmo as flores e as verduras, às vezes, quando a chuva demora.

- Então no Brasil chove também no verão?

- É claro.

- Quer dizer que podem plantar também nos montes, nas encostas? Aqui só plantamos nas planícies, onde há água e onde é possível a irrigação. Ou, então, nos vales, perto dos rios. A gente

recolhe a água dos arroios. Se a água for pouca, os lavradores repartem entre si as horas do dia e da noite. Cada família tem direito de retirar água durante uma hora. A hora marcada. Para uns, é durante o dia. Para outros, é de noite. Às duas da madrugada vemos gente regando a plantação. Se não aproveita a sua hora, perde o direito.

- Que sacrifício! No Brasil, no Sul do Brasil, a gente planta o milho, quanto quiser, onde quiser, e ninguém dá uma gota de água. A água vem do céu, cada semana ou cada quinze dias. De vez em quando, pode sobrevir a seca. Aí, então, será uma calamidade.

- Aquilo é um céu aberto. Lá irei em um dia, se Deus quiser.

**

Aldeias de Portugal, com rebanhos de ovelhas, de porcos, de cabras, de vacas, a pastar ao longo das estradas, ao lado dos pastorinhos ou das pastorinhas, como faziam os três pastorinhos de Fátima, que viram Nossa Senhora na Cova da Iria, enquanto cuidavam das ovelhas.

Como são mansas as ovelhas de Portugal! Posso tocá-las?
- pergunta o sacerdote brasileiro.

- Pode - responde a rapariguinha.

Então, o Pe. Paulo abraça os lanudos bichinhos. Toma ao colo um cordeirinho e diz: No Brasil nunca pude chegar perto de uma ovelha. São criadas no campo e, por isso, muito ariscas. Lá existem grandes poteiros onde o gado se cria solto, sem trato.

- Aqui - diz a pastorinha - não há terreno. Nós criamos o gado no curral, em regime de confinamento. E, durante uma hora do dia, saímos com ele pelas estradas, pelos montados, em busca de algum fio de capim.

**

Das aldeias do norte de Portugal, eram quase todos os alunos do Pe. Paulo, na cidade do Porto, a capital do norte. Rapazes, em geral, muito inteligentes. Inteligentíssimos. Inteligentes demais. E onde superabunda a inteligência, quase sempre, decresce o senso prático. A teoria exagerada é um grande mal. No Brasil é a mesma coisa. Os luso-brasileiros são inteligentíssimos. Mas de praticidade duvidosa. Por isso, o Brasil é o país mais burocrático do mundo. Possui os maiores oradores, eloquentíssimos tribunos, políticos, legisladores. Milhões de leis e decretos, portarias e circulares. Uma papelada infinita para qualquer insignificância. Resultado completamente negativo. Burocracia absurda que ocasiona prejuízos incalculáveis. Um dos maiores males do Brasil. Triste herança de vocês portugueses. O que vale é que nós temos agora muitos filhos de alemães, italianos, japoneses, árabes, chineses... gente de trabalho, de técnica e não só de gabinete.

Aldeias de Portugal, coroadas de montes encapotados de negros e gemedores pinheiros. Com seus olivais e castanheiras, a correr ao longo dos caminhos qual procissão de monges encapuçados, desfiando preces, entoando loas. Com seus vinhedos de uvas sumarentas e videiras trepando pelas árvores, num abraço apertado. Aldeias de que nos falam os livros de Camilo, de Eça de Queirós, Júlio Diniz, Campos Monteiro, Nuno de Montemor...

Gente alegre das aldeias de Portugal. Boa gente. Humilde e simples. Trabalhadora e prestativa. E, se for no norte, religiosa. Sobretudo, religiosa. Não há quem falte à missa nos domingos. A missa, durante a qual o abade, que conhece os paroquianos como a palma da sua mão, profere longa prática, ministrando ensinamentos, muitas vezes, ralhando sem pena.

Grandes amigos dos brasileiros, os portugueses. O brasileiro aqui é rei. Tem fama de gente rica. É respeitado e admirado. Não há família sem algum membro no Brasil. Quando não é o pai, será o filho ou, pelo menos, um parente. No Brasil,

longe do ambiente religioso da sua freguesia, o português abandona facilmente a prática da religião. Mas um dia, volta às santas terrinhas e ei-lo de novo na igreja. É obrigado. Todos reparam.

O marido deixa a esposa e os filhos e emigra para o Brasil. Trabalha que nem um mouro. Em pouco tempo junta dinheiro e vai buscar a família. Alguns não voltam mais. Não chamam a família. Não escrevem. Desaparecem do cenário. Há milhares de famílias acéfalas. Onde está o pai? No Brasil. Por isso, as mulheres trabalham desesperadamente. Nas ruas do Porto, de Braga, de Coimbra, há mais mulheres do que homens. O pão, o leite, o peixe, tudo é transportado e entregue por mulheres, com enormes cestos à cabeça. O Pe. Paulo viu uma senhora carregando à cabeça cinco caixões funerários de uma só vez. Força maluca na cabeça. E que equilíbrio! Correm, embarcam no bonde, sem meter as mãos na carga.

**

Os costumes das aldeias de Portugal. Interessantes os tradicionais costumes de Portugal! Vejamos os funerais. Há neles muito pranto. Uma choradeira de enjoar. Pode ser fingido, mas é indispensável. É sagrado. É tradição.

Mulher nenhuma acompanha o enterro à igreja e ao cemitério. Nem moça, nem menina. De nenhuma idade. Não pode. Só homens. E todos eles vestidos de preto, gravata preta. Terno claro, o que, aliás, quase não se via em Portugal, seria uma profanação.

Era assim na aldeia de São Mamede do Coronado, para onde foi um dia destacado o Pe. Paulo, num domingo de Páscoa. Foi dar uma mão ao zeloso pároco, Pe. Joaquim Ferreira e Silva, o velho amigo que visitou o Brasil por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, onde se reencontrou com o colega brasileiro.

O Pe. Paulo fora lá auxiliar o pároco a fazer o "compasso". Sabe o leitor brasileiro o que vem a ser o "compasso"? É a bênção das casas no dia de Páscoa. A piedosa e louvável tradição e observada escrupulosamente nas aldeias do norte de Portugal. Constitui acontecimento celebrado com pompa.

O sacerdote, revestido de sobrepeliz e estola, acompanhado por várias pessoas envergando opa, com a cruz, a caldeirinha da água benta, faz orações e sai da igreja.

Os membros da família estão todos reunidos. A casa, profusamente enfeitada. Flores atapetam o chão, diante da residência, até à rua. Casa sem flores, já se sabe, não recebe a bênção. É o sinal.

Todos, de joelhos, recebem a bênção do cerimonial, os votos de boas festas de Páscoa, bolos, vinho do Porto... O padre e a comitiva são, então, convidados a sentar, bater um papinho, estalar a língua com o gostoso aperitivo. O último senhor da comitiva recebe a esmola.

Mas não pode perder tempo. É trabalho que se mete noite a dentro.

**

Era um esplendoroso domingo de primavera. Festões de rosas, debruçados sobre os muros e as latadas, davam uma saudação perfumada e alegre. O sol cantava a aleluia da Páscoa com fulgor intenso.

A comitiva do Pe. Paulo andava pela rua central, quando o acompanhante chama-lhe a atenção para um ciclista que vinha pedalando em sua direção:

- Aquele senhor ali, de bicicleta, é cego.
- Não é possível! - duvidou o padre brasileiro. - Completamente cego, sr. abade.
- Quero falar com ele. Como é seu nome?

- Augusto.

Ele parou a uns dez metros. O Pe. Paulo aproximou-se.

- Bom dia, Augusto. Como vai?

- Ah, é o senhor padre brasileiro? - perguntou o cego.

- Sim, senhor. Mas como sabe?

- Eu logo conheci pela fala. Já me disseram que o senhor abade anda por aqui fazendo o "compasso".

- Escute, Augusto, mas isto é incompreensível. Você não vê nada mesmo?

- Nada, sr. padre.

- Escute, Augusto, eu preciso falar com o senhor.

Quero que me conte a história da sua vida, como é que pode andar assim sendo cego, andando de bicicleta; vou tirar-lhe uma fotografia para publicar nos jornais do Brasil.

- Está bem, sr. abade. Eu até já dei entrevista para um jornal do Porto. Eu vou emprestar-lhe o jornal.

- Então, até qualquer dia, Augusto. Hoje não tenho tempo.

O Pe. Paulo continuou o seu "compasso", tecendo comentários com o regedor da freguesia e demais acompanhantes.

Passada meia hora, andando por ruas estreitas e sinuosas, entre quintas, ouve-se o tilintar da bicicleta. Um ciclista.

- É o Augusto, sr. Padre - informaram.

Trazia na mão um número do jornal "O Comércio de Porto", no qual vinha a mencionada entrevista, com a foto do ciclista a guiar a bicicleta. E entregou o jornal ao Pe. Paulo, que disse: Eu guardo o jornal. No outro dia lhe devolvo.

Augusto Moreira da Silva residia em Leça da Palmeira, junto à cidade do Porto. Sua mãe morava em São Mamede do

Coronado, onde ele esteve a fim de passar a Páscoa.

Dias depois, no Porto, o Pe. Paulo toma o bonde de Matozinhos e ruma para Leça da Palmeira, lá ao pé da praia. Foi fácil localizar a casa. Todo mundo conhece o cego que anda de bicicleta.

Encontrou-o trabalhando na carvoaria onde estava empregado. Em frente da casa, encostada ao cordão do passeio, uma bicicleta com uma grande cesta, suja de carvão, presa na bagageira.

- Augusto, - pediu o padre. - Ande de bicicleta por ali. Quero bater uma foto.

Embarcou e saiu numa corrida regular. Foi até a esquina e deu volta sem apear. Parou a três passos do padre, que perguntou:

- Desde quando é cego, Augusto?

- Desde os quatro anos. Tive uma doença e o médico foi obrigado a queimar-me as vistas. Se fosse hoje, não precisava.

- Não enxerga nada, nada?

- Nada, sr. abade.

- Não se lembra de alguma coisa, das cores, por exemplo?

- Só me lembro do vermelho. Sei que é da cor do lume. Não sei o que seja branco nem preto.

- E anda muito de bicicleta pela cidade?

- Ando todos os dias. Faço a distribuição do carvão. Peso. Cobro, dou o troco do dinheiro. Às vezes, vou ao centro da cidade. Já tenho prática. Estive no estádio do Lima. Vou a São Mamede do Coronado, a vinte quilômetros daqui.

- Mas o que eu não compreendo, sr. Augusto, é como não esbarra nas casas, nos carros, nas árvores, nos transeuntes. Como é que o senhor nota a aproximação do obstáculo?

- Eu percebo com o ouvido. Pelo ouvido eu me guio. Sei a que distância me encontro das casas, das árvores, das pessoas...

- E quando não há casas, árvores?

- Aí eu puxo pela memória. Quando vou à casa da minha mãe, lá em São Mamede do Coronado, eu me oriento pela memória, nos lugares onde não há casas, árvores ou muro. Às primeiras vezes eu vou junto com um companheiro. Coloco a mão no seu ombro. Anoto as curvas, em tal e tal lugar, depois daquelas casas, daquelas árvores que eu percebo com o ouvido...

**

O famoso escultor José Ferreira Tedim, autor das imagens de Nossa Senhora de Fátima da Cova da Iria e da Peregrina do mundo, disse um dia ao Pe. Paulo: um dia encontrei o Augusto caminhando na rua sozinho. Aproximei-me, sem dizer palavra. Parei, ele também para e disse:

- Bom dia, sr. Tedim.

- Como é que você soube que sou eu, Augusto?

- Ah, eu conheci logo.

- Mas como?

- Conheci pelo caminhar.

O Pe. Paulo publicou o fato na imprensa do Brasil. Quase ninguém deu crédito às suas palavras, como não deu ao companheiro dele, o Frei Bernardino de Vilas Boas, o intrépido apóstolo de Nossa Senhora de Fátima, que andou missionando o Brasil e que já faleceu, vítima do Mal de Parkinson, contraído em acidente de trânsito.

O Pe. Paulo levou o missionário a Leça da Palmeira. Encontraram o Augusto trabalhando. Como estavam sem filmes fotográficos, o cego indicou a loja onde havia. Frei Bernardino viu e fotografou as corridas da ciclista cego. E viu, mais, algo espantoso,

inacreditável.

Viu um companheiro do Augusto ali sentado, com o braço e a perna esquerdos enfaixados.

- Que foi? - perguntaram. O Augusto explica:

- Domingo, fomos passear os dois de bicicleta. Em dado momento, encontramos um, caminhão que vinha em nossa direção. Vinha meio desgovernado. O motorista estava bêbado. Eu, com o ouvido, percebi que o carro viria sobre nós. E atirei-me à sarjeta. Mas o meu colega, que não é cego, pensou: o caminhão vai passar na sua mão. E continuou a pedalar, sem receio. Foi atropelado e jogado longe. Ali está ele, daquele jeito.

Não foi preciso mais nada. Frei Bernardino foi obrigado a acreditar nas fantásticas e incríveis notícias acerca do ciclista cego. O ciclista que possuía radar nos ouvidos, como os morcegos.

Os institutos de cegos começam a explorar este maravilhoso expediente para a recuperação dos infelizes sem visão, que não conhecem os milhares de encantos da natureza porque lhes falta este sentido. O expediente é o ouvido.

**

10 - FLOR DO CHARCO

Na beleza esmagadoramente bela do vale de Chiana, o pincel imortal do gênio de Fra Angélico buscava os encantos sublimes com que decorava o fundo ridente de seus admiráveis painéis. A delicadeza infinita de suas Madonas enquadra-se a preceito no poema em flor daquela lindíssima paisagem toscana, um dos recantos mais sedutores da Itália.

Olhando lá do alto para a fértil amenidade da várzea sem fim, distendida entre montanhas alcantiladas quais atalaias de sentinela, fulgura, como diamante em campo de esmeraldas, a cidadezinha de Cortona, que agreste arborização emoldura e embeleza. Lanços enormes de muralhas vetustas, vestidas de trepadeiras silvestres, ruas estreitas e tortuosas, velhas casas agachadas, antigos palácios, recordam priscas eras e pretéritas glórias dos tempos da Idade Média.

Do outro lado, alteando as brancas torres, cercada de muralhas ameidadas, repousa Montepulciano. Longe, muito longe, rebrilham aos raios do sol as águas azuladas do lago Trasimeno, testemunha imortal dos amorosos gemidos do Serafim de Assis. Ao pé de nostálgico bosque de ciprestes, plantados por São Bernardino de Sena, ressumam bolor as ruínas do soberbo castelo dos Médicis, que governaram o país.

A formosura incomparável deste recanto paradisíaco foi o berço de Margarida. Humildes lavradores da aldeia de Laviano, nas imediações do lago de Perúgia, seus pais, bons e honestos, ministraram, com o leite materno, a doutrina cristã a encantadora criança.

Sete anos de inocência, de paz, de alegria, decorreram abençoados sob o doce olhar materno, enchendo de luz e calor, sorrisos e beijos, o viver daquela filhinha.

Depois, soprou o vendaval inclemente. Sacudiu desabrido a modesta casinha. Levou a felicidade. A mãezinha morreu quando na alma de Margarida despontava a luz da razão.

Perda irreparável, que abriu no tenro coração ferida incurável, ferida que a madrastra, sem vestígio de amor materno, mais e mais dilacerava.

Nunca mais momentâneo brilho de carinho recordou as carícias e os afagos da mãezinha querida. Agora, estalava o chicote dos maus tratos, da indiferença, do abandono.

O raio de felicidade, que em seu rostinho de anjo acendera o beijo da primeira comunhão, dissipou-se rapidamente. Em seu lugar, estampou-se indelével a sombra da melancolia e da tristeza, preparando desastroso naufrágio do frágil barquinho, que vogava atirado as correntezas da vida.

- Roubaram o amor, a alegria, a convivência à sadia e bela mocidade de Margarida como se tira à rosa a luz, o ar e o calor.

Fisicamente, entretanto, não lhe faltavam as qualidades que tornam a jovem mais querida. Tinha-as com excessiva largueza. Faltava-lhe apenas riqueza.

Era a jovem mais linda e admirada do lugar. Formosa como botão de rosa. De estatura mediana, possuía plástica e elegância impecáveis. As linhas do acetinado rosto vinham traçadas com delicadeza e harmonia do modelo italiano, com retoques naturais estampados pelas cores da saúde e pela vida livre do campo. Bastos cabelos de azeviche, descendo caprichosamente em longas tranças sobre os ombros, davam-lhe irresistível encanto. Debaixo das sobranceiras, levemente abobadadas, brilhavam, dardejantes e inquietos, negros olhos pestanudos, cujo fulgor deixava adivinhar a profundidade dos sentimentos da alma.

De índole afável, amorosa, vivaz, extremamente sensível e ardente, profundamente generosa e profundamente impetuosa.

Com todas estas preciosas prendas, sem carinho no lar, sem guia e direção maternas, Margarida sentia-se a vontade para correr, vaidosa e desabusada, qual borboleta imprudente empós da luz incendiária do luxo e dos prazeres.

**

Arsênio Contucci, jovem e rico fidalgo da cidadezinha de Montepulciano, possuía o sítio de "I Palazzi", perto de Laviano, onde era visto com frequência.

Enamorou-se dos peregrinos encantos de Margarida quando esta navegava lindíssima no ridente mar de rosas dos dezoito anos.

O amor, a princípio inocente, transformou-se ao depois, por parte do rapaz, em paixão desenfreada, avassaladora, incontida.

Esqueceu-se aquele moço de que *noblesse oblige*, e, com promessas enganadoras de felicidade num palácio de sonhos, qual sereia tentadora, foi arrastando a pobrezinha para o despenhadeiro.

Arsênio, muito descaradamente, propôs a fuga. Margarida hesitou. Desculpou-se apontando a diferença de condição e fortuna. Apelou o jovem para a beleza dela e jurou esposá-la.

Combinado. Na calada da noite, dirigiram-se aos *Palazzi* e daí rumaram sem demora para Montepulciano, bem distante do pai de Margarida.

Empreenderam perigosa caminhada. As margens do Chiana, naquele tempo, formavam vasto tremedal. Mas a paixão é cega e não mede consequências.

Na falta de barqueiro, Arsênio dirige a canoa. Sem prática alguma, mete-a de encontro a um tronco, escondido sob as lodosas águas. A fraca embarcação submerge. E os fugitivos são arrastados no lamaçal.

Não fosse a misericórdia divina, que para aquela jovem

possuía particulares desígnios, teriam eles perecido irremediavelmente.

No dia seguinte, chegam a Montepulciano. Instalam-se no luxuoso palácio. Começa, então, com aquele introito de romance, a desgraça moral da inexperiente donzela.

Mancada pelos laços do vil sedutor, viu o rolar dos anos sem jamais se cumprir a promessa de legitimar a escandalosa união.

Nove anos nadando em riquezas e prazeres, lisonjas e adulações. Nove anos de pecado, durante os quais um filho vem ao mundo.

Margarida, no desenfreado da ardida exuberância dos seus atordoados anos, calcou aos pés a honra, a paz da alma, a inocência...

Tudo ela perdeu. Tudo menos a fé. Essa estrela que rutilou sobre seu berço, a fé haurida nos lábios maternos, jazia escondida debaixo do borralho do vício, mas não se entinguiu.

Sob as folhas pútridas da animalesca sordície, borbulhava latente, silenciosa, a vertente salvadora da fé.

Um raio de luz, fraca, muito fraca embora, iluminou sempre a negra escuridão do abismo em que tombara.

E essa fé veio devagarinho gerando o verme roedor do remorso, que lhe magoava o coração continuamente, sem descanso.

Náufrago, lobrigava ela, do negror daquela noite, o fulgor do farol apontando-lhe o seguro caminho no proceloso mar das paixões desencadeadas.

E, para matar a cruciante saudade dos tempos de inocência e pureza, lá vai, de mãos largas, repartindo esmolas aos pobres, reparando assim o grande escândalo.

Ao cruzar pelos lírios do campo, não pode conter as lágrimas, recordando a açucena encantadora que arrancara do peito e espesinhara no lodaçal da sensualidade.

Como a corça ferida por tiro mortal, que deixa as companheiras e se embrenha nas matas para morrer sozinha, Margarida, acossada pelo acicate do arrependimento, tocada pela dor, procura no jardim do palácio, longe do bulício da vida agitada, um lugar solitário para aí derramar-se em pranto.

Um dia, entretinha-se ela em amistosa conversa, quando uma amiga lhe pergunta:

- E que será de ti, Margarida, depois de tanta vaidade?

- Tempo virá - responde a pecadora - em que me chamareis de Santa, porque o serei. Visitar-me-eis, o bordão na mão, e o saco de romeiro às costas.

A graça divina perseguia-a sem cessar. Até que enfim Deus resolve intervir vibrando tremendo golpe e despedaçando todos os laços do pecado.

Dia de outono. O fidalgo dirige-se ao castelo do vizinho. Vai resolver uma questão referente a terras das margens do Chiana.

Sobrevém a noite e o amante não volta. Margarida sobressalta-se. Decorrem dias de intensa ansiedade e angustiosa expectativa.

Vai senão quando, aparece o cãozinho, o fiel companheiro de Arsênio. Margarida experimenta momentânea alegria, na esperança de ver chegar logo depois o seu senhor. Mas o animal vinha com ar de tristeza, a cauda baixa. Aproxima-se de Margarida. Agarra-lhe a barra do vestido com os dentes, como a dizer: Vem, segue-me.

Ela, já com sombrio pressentimento a fuzilar-lhe a mente como um raio, nota-lhe no pelas manchas de sangue.

Sai correndo, o coração aos saltos. Machuca os delicados pés nas pedras do caminho, rasga o fino vestido, andando atrás do animal, através da floresta de Petrignano. Vai a pique de se afundar nas pantanosas margens do Chiana.

De repente, o cachorrinho deixa a estrada, envereda pela mata e estaca diante de um acervo de ramos secos e folhas. Margarida compreende tudo, num relance... Hesita. Sente vontade de fugir para nada ver... Depois, arma-se de coragem, debruça-se, remove a folhagem... e reconhece o cadáver de Arsênio, crivado de punhaladas, ensanguentado, o rosto inchado, já em princípios de decomposição.

Lancinante grito corta o ar e lancinante dor rasga-lhe brutalmente o peito... E, naquele momento, pensamentos graves desfilam diante de si: a condenação eterna para a qual ela colaborara. A inocência desastrosamente perdida. A felicidade e o sossego desprezados. Os salutares conselhos do pai desestimados. A imagem da mãe querida que lá do céu chora os desmandos da filha transviada. Deus ofendido e irado por tantos anos... Tudo se lhe apresenta flamante, vivo, ali, diante do cadáver de quem fora autor da desgraça e companheiro de pecado.

E, ali mesmo, com a voz embargada de lágrimas, sobe-lhe espontâneo, do imo da alma, o grito de perdão ao Pai de misericórdia: Senhor! Tende piedade de mim!

Levanta-se, completamente mudada, fulminada pelo raio da graça. E, solenemente, promete, jura, fazer penitência.

**

Demora-se uns dias em Montepulciano. Abandona o palácio com todas as suas riquezas. Abandona tudo. Veste traje de luto. E, com o filho pela mão, ruma em direção da casa paterna, em Laviano.

O mar do mundo, enganador e perverso, vinha agora lançar à praia donde tirara os tristes restos daquele naufrágio.

Sabia ela que o mundo não perdoa os escândalos. Entretanto, coberta de vergonha e de arrependimento, esperava encontrar abrigo na humilde casa que lhe serviu de berço.

Prostra-se qual filha pródiga aos pés do velho pai, cuja vida ela tanto amargurara. Entre preces e lágrimas, narra-lhe a dolorosa e longa história, pede-lhe perdão da dor que lhe causou, da desonra em que lhe lançou o nome, e suplica o aceite novamente por filha.

Move-se à compaixão o coração paterno diante da filha prostrada a seus pés, coberta de luto e de dor, com aquele seu rosto teimosamente belo...

Nisto aparece a madrasta. E, desumana, num assomo de insopitável vingança, espumando fel, rompe numa tempestade de impérios e deslavados insultos:

– Oh! Miserável mulher, desgraçada! Como te atreves a pôr o pé nesta casa que tão vergonhosamente desprezaste, depois que rojaste na lama o nosso nome e a nossa honra?! Megera infame, rua daqui!

E, agarrando-a violentamente pelo braço, vibra-lhe tremendo pontapé, atirando-a escada abaixo, entre berros de energúmeno:

- Vai para o diabo que te carregue, tição do inferno, prostituta de uma figa!

Margarida cai ao solo. Levanta-se a custo, o coração despedaçado por aquele crudelíssimo desengano. As forças fogem-lhe todas, com pé vacilante, arrasta-se até o jardim e daí para o pomar. Senta-se sob uma figueira, desafogando o espírito em torrente de lágrimas.

O negro véu do abandono e do desespero estende-se diante de sua alma profundamente abalada. E, nesse momento de treva, soa a voz do homem velho que estrebuchava apunhalado

pela graça. Fala-lhe do lindo sonho de riquezas, de luxo, de prazeres... Moça formosa, o futuro lhe sorri. Encantará corações de príncipes...

Mas o céu contemplava aquela luta gigantesca em que se jogavam as interesses supremos de uma alma privilegiada. E intervém.

Margarida experimenta, então, intenso alívio. Sente-se calma. E escuta uma voz que murmura: Vai para Cortona e põe-te sob a direção dos Franciscanos.

E, ela, sem demora, mete-se a caminho. Vence as doze milhas de estrada, pela montanha arriba, e entra na velha e histórica cidade.

Logo à entrada pela porta Berarda, vêm-lhe ao encontro duas ilustres senhoras dos Moscardi, D. Raineria e D. Marinaria. Chama-lhes atenção a dor imensa no lindo rosto da jovem mãe. Ouvem-lhe a triste história. Abrem-lhe o seu palácio, prometendo educar-lhe o filho.

Margarida rende infinitas graças a Deus. E aquela alma de fogo, toda feita de ímpetos, começa arduamente a servir a Deus, andando a passos de gigante no caminho da penitência, num fervor incontido, na ânsia insopitável de fazer o bem e reparar o mal.

**

Sabidamente orientada pelos Filhos de São Francisco de Assis, entrega-se perdidamente à oração, ao trabalho incessante, às obras sociais, escrevendo um poema de sublime abnegação e benemerências.

Para os habitantes de Cortona, para todos, é luz que ilumina e aquece; é mão que ampara os caídos; confiança dos desesperados; caminho dos transviados; mãe dos órfãos; vida dos moribundos...

Abraça a Ordem Terceira de S. Francisco. Funda hospitais, uma Congregação religiosa. Torna-se anjo de paz nos tempos de luta entre a Igreja e a sociedade.

Alcandorada em alto grau de santidade, agraciada com o dom dos milagres e da profecia, da saúde aos enfermos, vista aos cegos, ouvido aos surdos, vida aos mortos.

Sua fama dilata-se pela Itália e pela Europa toda.

Após, 14 anos de heroísmos no seio daquele povo, recolhe-se à solidão de humilde choupana no monte Santo Egídio, e, sepultada ao mundo para o sacrifício vespertino da vida, consagra os nove últimos anos de existência em continuo contato com Deus, em contraposição aos nove anos de vida de pecado.

Seu filho torna-se sacerdote franciscano e famoso pregador.

E, na idade de 50 anos, em 22 de fevereiro de 1297, voa para o céu essa admirável flor do charco, que hoje invocamos sobre os altares com o nome de Santa Margarida de Cortona.

**

11- O ANJINHO

A imigração italiana assinala uma das páginas mais fúlgidas da história do Rio Grande do Sul. Um terço da privilegiada situação atual, febrilmente sacudida por vertiginoso progresso, em todos os setores da vida social, demográfico, econômico, financeiro, cultural e religioso, deve o pujante Estado sulino a esta genial iniciativa do benemérito Governo Provincial, com o eficiente apoio da suprema autoridade do Império.

Feliz, de modo particular, foi a ideia da escolha do colonizador da encosta do planalto gaúcho na pessoa do intrépido povo peninsular, sob o ponto de vista religioso. A um país essencialmente católico condiz, a preceito, o imigrante italiano, em

cujas veias circula o sangue lendário de milhões de santos e mártires cristãos.

Procedentes, em sua maioria, das Províncias do Vêneto, Lombardia e Tirol, as famílias destes valorosos pioneiros e desbravadores de florestas infestadas de bárbaros, partiram, da sua aldeia natal após a assistência à santa missa e a bênção do velho pároco. Famílias cristãs, de fé ardente, morigeradas, fundavam no seio do impenetrável sertão brasileiro um lar cristão, um povoado cristão, uma cidade cristã, um país cristão. Já nos primeiros meses, surgia a modesta capelinha onde aos domingos preces e cânticos imploravam a proteção do céu sobre o futuro incerto da rude vida alpestre.

Ao longo dos caminhos, perfilavam-se as toscas igrejinhas, hoje substituídas por imponentes templos de alvenaria, apontando para o infinito com o dedo em riste das soberbas torres o roteiro certo do destino eterno e feliz.

O facho luminoso da fé abriu clareiras através do negror da mata virgem, orientou os passos vacilantes pelas estrelas e ignotas picadas da incerteza e do sofrimento, à beira dos perigosos abismos da fome e da miséria, nas noites tenebrosas da cruciante saudade da pátria longínqua, na humilde cabana da privação e do frio...

O terço rezado em comum, todas as noites, era a arma poderosa contra as feras bravias do desespero e da ansiedade, o pão substancioso do alento e da força, da coragem, da resignação e da paciência destes heróis de inigualável tenacidade, que, em larga escala, contribuíram para o esplendor do culto católico em nossa terra, transformando milagrosamente a selvática montanha numa soberba catedral, regiamente cercada dos pontiagudos capitéis de milhares de capelinhas.

Sacerdotes acompanhavam, através das picadas, os passos dos colonizadores, mantendo sempre viva a lâmpada da fé, à luz da qual se dissipavam as sombras sinistras do desânimo e do



desespero. Ainda nos primeiros anos aportavam os missionários capuchinhos franceses, seguidos dos carlistas, palotinos, josefinos, saletinos e outros. Armavam suas tendas no coração da mata virgem. Percorriam a colônia pregando missões, auxiliando os párocos, na sublime tarefa de confortar espiritualmente as boas famílias atiradas ao léu da sorte, no mais completo desabrigo.

A chama da fé, reanimada pelo sopro inclemente do minuano da provação, acarinhada e protegida pela mão bendita do ministro de Deus, avivou-se mais e mais. Transformou-se em gigantesca labareda que ilumina e aquece, produzindo efeitos maravilhosos na vida social, com a ausência quase completa de crimes, usufruindo o seu povo de paz e sossego, inalteráveis.

Labareda fulgurante que hoje arde no peito de cada filho da colônia. Labareda sempre acesa no santuário de todos os lares, como lampeja em miríades de oratórios, capelinhas, igrejas e catedrais, que, à semelhança de cortejo de monges encapuçados, percorrem os caminhos, os povoados, as vilas e as cidades. Labareda que, das alturas do planalto, qual imenso farol, dardeja focos de luz, aclarando o Rio Grande e o Brasil.

O seio de tantas famílias cristãs e, por isso, prodigiosa sementeira de vocações sacerdotais e religiosas, com admirável e espantosa floração. Grandiosa colmeia donde enxameiam, todos os anos, centenas de almas juvenis que demandam o seminário e o convento.

O recanto mais rico de vocações do Brasil e, quiçá, do mundo inteiro, já produziu dezenas de bispos, milhares de sacerdotes católicos e muitos milhares de religiosas, que hoje desenvolvem sua múltipla atividade nos quatro continentes.

O segredo da exuberância deste celeiro de vocações repousa na religiosidade de tantas famílias boas, de costumes patriarcais, com numerosa prole, onde as vocações rebentam como cogumelos depois da chuva. Famílias há, como a de Adriano e Filomena Bernardi, de Veranópolis, que consagram todos os

filhos ao serviço do altar e da vida religiosa.

Percorrendo a colônia italiana do Rio Grande do Sul, ficamos admirados diante do extraordinário fervor na prática da religião que se nota em qualquer lar. E, se nos detivermos em alegre palestra com os seus membros, em todas elas ouviremos histórias comoventes, que a fé suscita no meio deste povo profundamente, religioso. Casos interessantes como estes que o autor ouviu da boca da professora Ivone Agostini, de Antônio Prado. Eis as duas histórias impressionantes.

**

Na minha vida de magistério - conta a professora Ivone - tenho encontrado crianças rebeldes, desobedientes, dessas que tornam a lida da professora a mais ingrata das profissões, embora rica de méritos. Em compensação, outras há que são crianças-modelo, obedientes, humildes, que consolam e mitigam os sofrimentos do mestre.

Tive, nos bancos da escola, alguns destes anjos. Três deles já voaram para o céu. Uma dezena tomou o caminho do seminário e do convento, seguindo sua vocação sacerdotal e religiosa. Por eles rezo todos os dias e eles rezam por mim.

Um destes anjinhos constitui para mim, toda vez que recordo o episódio que vou relatar, motivo de copiosas lágrimas. Sua pequenina vida, de apenas nove anos, impressiona fundamente o coração mais endurecido.

DELVINO foi o aluno mais inteligente, mais piedoso, mais inocente, mais interessante, que tive em toda a minha vida de magistério. Um verdadeiro anjo tombado do céu. Anjo no lar, anjo na escola.

Além de todas as qualidades de filho e aluno exemplar, Delvino possuía o dom de cantar. Vivia cantando. Quer fosse para a escola, quer andasse a cavalo rumo da roça, em toda a parte, fazia ouvir a sua vozinha encantadora, a voz mais encantadora que



jamais ouvi. Na capela, era ele quem puxava o terço e os cânticos. Acompanhava o coro na missa cantada e a sua bela voz se destacava entre todas.

À noite, depois de feitas as orações, deitava-se em companhia de dois irmãozinhos menores. Deitava-se e cantava. Cantava. Cantava. E, cantando, adormecia. Não adormecia sem entoar algum cântico, quase sempre religioso.

Era o consolo e a arrima dos pais, que sempre sofreram duras provações. O irmão mais velho perdeu um braço num desastre de caminhão. Delvino, embora pequeno, já prestava relevantes serviços.

Entre os companheiros, era guia e conselheiro para o bem e a virtude. Afastava-os do perigo, do mal. Levava-os ao catecismo, ao rosário, e, até de noite, era quem acompanhava como responsável aos demais para o exercício da Via-Sacra.

**

Pois, certo dia, ia o Delvino, juntamente com o irmãozinho menor, cada qual em seu cavalo, levar o almoço ao pai que trabalhava na roça. Ia cantando, como sempre. Mas nesse dia nós ficamos ouvindo a vozinha angélica por muito tempo. Parecia que estivesse parado no caminho. Até dissemos: o Delvino, com certeza, sentou-se na estrada, a cantar... Parecia incrível. Contudo, a voz chegava distinta, linda, durante horas...

Mas, ó prodígio! Enquanto nós ouvimos aquela voz, a boca de Delvino já estava fechada. Sim, porque, havendo caído um chinelo, o menino abaixou-se para apanhá-lo com o relho. Nisto, caiu-lhe o chapéu. O animal, assustado, disparou, arrastando o garoto, preso com um pé no estribo.

No percurso de mais de duzentos metros, o infeliz rapazinho andou de arrasto sobre as pedras da estrada. Quando se libertou do estribo e caiu ao solo, o seu corpinho estava uma chaga viva, completamente esfolado, com um olho esmagado, sem



roupa alguma. Apenas trazia, dependurado ao pescoço, o escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que ficara intato.

O irmãozinho apeou do cavalo. Aproximou-se do corpo esfacelado de Delvino. Chamou-o. Delvino não falava. Mas o seu coração ainda palpitava. O maninho, naquela aflição, receando que o coitadinho morresse, foi preparando-o para a morte.

- Delvino, - disse - eu rezo por ti o ato de contrição que tu me ensinaste. Delvino, eu rezo por ti o Pai-Nosso, tu me ensinaste e eu agora rezo-o em teu lugar...

O irmãozinho queria ir chamar o pai, mas tinha muita pena de deixar o pobrezinho assim sem ninguém. Mas, eis que, de repente, aparecem dois meninos que ajoelham ao lado do pequeno moribundo. Desta forma, o maninho pode ir correndo a chamar o pai.

Este, ao aproximar-se, viu também as duas crianças desconhecidas, que em seguida desapareceram. Até hoje não conseguiu saber quem seriam aqueles dois meninos que prestaram tão grande caridade para o seu pobre filhinho... Quem seriam eles?!...

Delvino, ainda com vida, foi transportado ao hospital da cidade de Antônio Prado. O médico constatou a gravidade do caso e declarou que nada mais restava a fazer. Assim mesmo, passou tintura de iodo por todo o flagelado corpinho. Dava pena ver os movimentos de dor do coitadinho!

A mãe, desolada, em pranto, chamava pelo filhinho. Exclamava:

- Ó boca santa que sempre cantavas tão bem, por que não falas agora?

Delvino ouvia tudo e chorava. Mas não podia falar. No entanto, fazia esforço como para pedir alguma coisa.

Parecia querer dizer: Papai! Até que enfim, alguém

adivinhou o que ele desejava: Padre.

Ele pedia o sacerdote, que logo foi chamado e ministrou a extrema-unção. Havia poucos dias, o pequeno comungara na capela de Nossa Senhora da Saúde, na Linha Gomercindo, onde a família morava.

Era só isto que esperava, porque em seguida o anjinho voava para o céu. O rosto, que estava horrivelmente desfigurado, transfigurou-se, ficou lindo, lindo, a sorrir. O olho esmagado abriu-se. Parecia que nada lhe houvesse acontecido.

E assim, lindo, lindo, a sorrir, aquele corpinho inocente desceu a sepultura. Delvino foi cantar com os anjos do céu...

Era um anjinho que andara por pouco tempo cá na terra a dizer a todos que a felicidade reside na prática da virtude e é como um cântico suave que começa na terra e continua eternamente na pátria dos bem-aventurados.

**

E Ivone, que além de professora auxiliava os pais - Pedro e Rosa Dotti Agostini - na dura lida da roça, continuou a narrar casos acontecidos na colônia. A falar da vida do colono, esse herói desconhecido que nasce e morre longe do conforto das cidades, vida penosa e sacrificada. Não obstante, ela tem dias de alegria, horas de prazer. A mocidade radiosa, forte, com as cores da saúde, maneja a enxada de manhã à noite. E, assim, as horas passam céleres, ao som compassado das ferramentas, ora entre conversas alegres, ora entre preces, ora entre cânticos. Cânticos que rompem o silêncio da solidão e ecoam pelas quebradas e encantam o viadante que além percorre aquelas desertas regiões.

O domingo que passou, festejado junto à capela, em companhia de todos os membros daquela comunidade, fornece assunto para vários dias de comentários. Na sexta-feira e no sábado, já a conversa começa a girar em torno do que acontecerá no próximo domingo. E, assim, rolam alegres as horas em meio do



milharal, que farfalha outra canção ao sopro do vento.

Nesse ininterrupto mourejar de sol a sol, dão-se, às vezes, fatos curiosos que merecem registro. Quero, pois, - diz Ivone - relatar o que me aconteceu no tempo em que, na casa de meus pais, ou também trabalhava na roça.

Era um dia lindo de primavera - conta a professora. - A natureza apresentava aspecto encantador, com flores em profusão embalsamando os ares. Os passarinhos, abundantes na época e naquela encosta de rio, davam ideia de uma orquestra, presidida pelo clarinete mavioso do canto do sabiá, o rei de nossas matas.

Naquele ambiente agradável, apetecia trabalhar na roça, na colônia que meu pai possuía junto das margens do rio Turvo, nas proximidades dos limites dos municípios de Antônio Prado, Nova Prata, Lagoa Vermelha e Vacaria. Estávamos fazendo uma derrubada para plantação de cana-de-açúcar.

Depois de longas horas de duro labutar, sob um sol abrasador, sentíamos vontade de mitigar a sede. Na outra banda do rio, um renque de laranjeiras, carregadas de maduras frutas, despertou a nossa atenção, tentadoramente. Combinei com uma amiguinha, que roçava comigo, dar uma batida naquelas sedutoras laranjas.

O rio, afluente do caudaloso rio das Antas, corria largo e impetuoso, estrangulado entre montanhas e rochedos. Num gesto de temeridade, tomamos um velho bote, meio esburacado e com um remo só e, por cima, quebrado. A princípio, o poço calmo, o barco seguia sem novidade, impulsionado pelo remo que eu manobrava.

Ao atingirmos, porém, o meio do rio, a correnteza tumultuosa foi arrastando água abaixo o frágil bote. Apesar de nossos ingentes esforços, a situação tornava-se cada vez mais alarmante. A pequena embarcação ia se enchendo de água e aproximava-se da cachoeira, onde o rio espuma com rugido



sombrio. Mais uns metros, e estaríamos inevitavelmente tragadas pelas ondas escachoantes.

De fora, gritavam nossos companheiros para que voltássemos, para que remássemos mais depressa. Contemplavam-nos, aflitos, prevendo fatal desastre. Oravam.

- Estamos perdidas - exclamamos. - Vamos perecer afogadas, nós que não sabemos nadar. Preparemo-nos para morrer.

Rezamos o ato de contrição e o Pai-Nosso, com todo o fervor, de modo especial aquelas palavras "seja feita a vossa vontade". E, de fato, estávamos bem resignadas à morte. Olhamos para o céu, a ver se nos sorria uma esperança de salvação.

De repente, ocorre-nos uma ideia luminosa. Havia pouco, em nossa capela, os padres capuchinhos pregaram as santas missões. Nelas ouvimos falar do escapulário e da medalha do escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que naquela ocasião recebemos; que esta medalha tem operado milagres; que tem salvado muitas pessoas; que todo aquele que usar esta medalha não perece sem os santos Sacramentos...

- Vamos tocar a água com a medalha do escapulário - disse eu. E, enquanto manejava violentamente o remo em vão, minha companheira pegou da medalha de Nossa Senhora do Carmo e segurando-a com a mão, mergulhou-a na água.

Encontrávamo-nos, então, em meio do rio, na correnteza, a poucos metros do abismo. Pois, naquele mesmo instante, com enorme surpresa, sem compreender como, vimo-nos junto à margem, sobre as pedras. Desembarcamos amarramos o bote nos ramos de sarandis e saltamos em terra, sem molhar os pés...

Mas, qual não foi o nosso espanto, quando notamos que lá já não havia pedra alguma. O bote afundava lentamente... Mais tarde, vieram meu pai e o irmão da minha companheira. Trataram de tirar o bote da água. Este encontrava-se ainda amarrado aos



sarandis. Mediram o poço e verificaram que era um abismo de doze metros de profundidade, com a barranca a pique...

Tanto eu como a companheira temos a mais absoluta certeza de que andamos sobre pedras, demorando-nos algum tempo para amarrar a embarcação, justamente naquele local onde se abria um abismo profundo.

Comovidas até às lágrimas, agradecemos a Nossa Senhora do Carmo aquele favor extraordinário, que para nós foi um autêntico milagre. Milagre que haveremos de anunciar sempre, propagando sempre mais a devoção à nossa boa Mãe do céu e ao escapulário da Santíssima Virgem.

**



12 – O JARDIM TALADO

Eram dois irmãos gêmeos, José e Antônio Jardim. Casados com duas irmãs gêmeas, embrenharam-se na mata em busca de trabalho e de emoções.

O machado cantou na derrubada dos troncos, acordando ecos. Na clareira, ergueram-se dois ranchos provisórios, às margens de murmuroso ribeirão.

O fumo das coivaras era incenso litúrgico na catedral da floresta, implorando bênçãos do céu sobre o futuro incerto.

Na estupenda fertilidade da terra virgem, o primeiro milharal rebentou viçoso numa promessa de fartura.

Com a chegada de novos colonizadores, o lugarejo dos Jardim prosperava com espantosa rapidez.

Cada ano ou ano e meio, vinha ao mundo mais um braço trabalhador no seio de todas aquelas incansáveis e morigeradas famílias.

Filharada bonita e sadia, à proporção que a selva recuava, ia substituindo o alegre cantar da passarada.

Ao cabo do primeiro decênio, o Jardim era próspero povoado, que no segundo decênio se transformou em vila e, no terceiro, em cidade. A cidade mais garrida do mundo, autêntico jardim enfeitado de lírios e rosas numa petizada sem fim.

Era a cidade das crianças. Crianças com seus olhos grandes e luminosos, enchendo as ruas e as praças de encanto e meiguice, de alegria e barulho, o brilho da inocência sorrindo nos rostinhos de veludo.

Quase todos os dias, o Pe. Alberto, o jovem pároco, batizava algum anjinho recém-nascido. As escolas transbordavam

de alunos inteligentes e estudiosos. Os desfiles comemorativos dos magnos acontecimentos da pátria, constituíam irresistível atração artística.

Todos queriam ver os filhos de José Jardim, formando sozinhos um quadro de futebol, a jogar contra os irmãos Raimundi, e dois times de vólibol feminino constituídos de irmãs. Mais tarde, a família Raimundi aumentou e, com 22 filhos homens, organizou a coisa mais interessante do mundo esportivo: Duas equipes competindo entre si, sob as ordens do técnico na pessoa do pai. Jogadores categorizados que atraíam as atenções das cidades vizinhas.

Além dos funcionários públicos, procedentes dos grandes centros, numerosas famílias adventícias, levadas pela fama da cidade de Jardim e, sobretudo, pela incomparável beleza feminina, foram aos poucos alterando a fisionomia singular da poética cidade, que ia perdendo inadvertidamente a sua simplicidade bucólica e aldeã, para vestir a luxuosa roupagem citadina.

**

E surgiu assim a surpreendente e espantosa transformação social. Os velhos hábitos patriarcais cediam lugar aos desenfreados costumes modernos, com todo o seu demolidor cortejo de desastrosas consequências.

Casais alienígenas sem filhos, ou apenas com um que outro, começaram a pregar doutrinas deletérias e dissolventes, visando de modo especial a numerosa constituição da família jardinense.

Diziam as mulheres recém-chegadas: Vocês são ainda do século passado, vivendo como na Idade Média. Onde é que se viu botar no mundo tanta filharada? Isso é um absurdo incompatível com os imperativos da vida atual.

Algumas mulheres da cidadezinha acabaram seduzidas pelo canto das sereias importadas e principiaram a seguir a



doutrina deletéria. Deram de limitar a natalidade dos filhos. Passaram a se perverter, dando crédito a conversas como estas: Esse vosso médico, o Dr. João Silveira, do Hospital Santo Antônio, é um carola. Não faz abortos. Nós vamos construir aqui outro hospital e contrataremos um médico bem moderno, sem esses vossos escrúpulos absurdos.

A população inexperiente iludiu-se e até colaborou na construção da nova casa de saúde – o Hospital Jardimense. Vieram dois médicos materialistas: o Dr. Murilo e o Dr. Silo. Viviam praticando abortos e de operações agenésicas de mulheres.

Quando alguma destas, receosa de ofender a Deus e a Moral, manifestava seus profundos escrúpulos, o Dr. Murão respondia:

- Eu também sou católico e conheço a Moral. Isso não é nenhum pecado. Não seja boba.

E o índice dos nascimentos principiou a decrescer assustadoramente, a medida que os vícios e a corrupção iam tomando conta da cidade.

A prefeitura municipal, a pedido de um grupo de sodomitas e sibaritas, doou um terreno para instalação de vários lupanares. Afluíram dezenas de prostitutas.

A mocidade não teve outro recurso: Chafurdou no lodaçal, denegrindo a alma e arruinando a saúde. Homens casados, vivendo em sensualidades, atiravam-se despuadoradamente nos braços de gastas fêmeas. Industrialistas sustentavam dezenas de megeras com dinheiro resultante de roubalheiras, sonegações de impostos e opressão dos operários. Esposas importantes, desmioladamente, atascaram-se no charco, provocando desquites e crimes que abalavam a cidade, culminando com o próprio suicídio. Famílias inteiras se degradavam, desmantelando-se...

Em vão, bradava candente o velho pároco contra a avassaladora onda de corrupção. Debalde apontava os exemplos

flamantes da história da humanidade. O vício destruiu o imenso e glorioso império romano. Subverteu Tróia e Cartago. Arrasou Pompéia e Herculano. Incendiou Sodoma e Gomorra... Jardim marchava vertiginosamente para o mesmo desastroso destino.

As famílias fiéis aos seus deveres cristãos continuavam vilipendiadas, ridicularizadas. E diziam: Aqui não dá mais para viver. A gente precisa pedir desculpas por praticar o bem, por aceitar todos os filhos que Deus nos manda...

E o êxodo destas boas famílias principiou, atropeladamente. Vendiam suas propriedades e demandavam outras terras, sacudindo o pó dos sapatos.

Um dia, Débora, após receber proveitosa reprimenda do padre, alertando-a contra os meios ilícitos da limitação dos filhos, exaltou-se:

- O reverendo não vê essas beatas que são todas como eu e comungam descansadamente.

- Minha filha, - respondia o Pe. Alberto – o confessor deve acreditar no penitente mesmo quando fala contra si mesmo.

- Senhor vigário, - respondeu Débora - eu ainda não cometi este pecado, mas vou pedir a Deus a minha esterilidade.

- Não faça isso, minha filha.

- Faça mais, reverendo. Vou pedir a Deus que tome impotentes de uma vez todas as mulheres desta cidade. Assim, o reverendo não dirá mais nada.

E a maldição da acísia tombou sobre a cidade como pavorosa e destruidora tormenta. As esposas, já pelos vícios, já pelas intervenções cirúrgicas e já não se sabe por que, ficaram possuídas de atocia completa, e não tiveram mais filhos. Nunca mais.

No dia 28 de dezembro, festa dos Santos Inocentes, o Pe. Alberto batizou a última criança. Os dois criminosos médicos,



concluída sua negra missão, quais sanguinários abutres, rapimpados de podridão, buscaram outras paragens com idêntico repasto.

O Hospital Jardinense fechou-se como um túmulo, que já o era de milhares de vítimas implumes. Paulatinamente, as professoras foram debandando. As escolas cerraram as portas, transformando-se em lúgubres taperas.

Não mais os lúzidos desfiles de estudantes. Desfizeram-se os famosos quadros esportivos. Apagou-se o último sorriso em rostinho de criança. Jardim figurava talado por terrível tempestade, que varreu todas as flores, assoalhando a solidão e a tristeza.

A sinistra fama da cidade amaldiçoada pela praga da agenesia de suas mulheres, espalhou-se em derredor. E o povo, em sua linguagem incisiva e crua, batizara aquela macabra legião de esposas estéreis com epítetos deprimentes mas verdadeiros.

A decadência principiou fragorosamente, impetuosamente; completamente. Já ninguém mais tolerava permanecer na horrorosa tapera em decomposição. Todos fugiam. Todos. O Pe. Alberto, quase nonagenário, recolheu-se a um hospital da cidade vizinha, servindo de capelão.

Decorridos mais alguns anos, no Jardim não sobrava viva alma. As casas abandonadas foram ruindo aos pedaços como as carnes de um leproso. Apenas a igreja matriz de São José e o Hospital Santo Antônio continuam firmes, quais solitárias sentinelas da noite eterna que tombou sobre o Jardim talado.

Hoje, o peregrino, que visita aquelas paragens, depara voejando, dentro da noite, hediondos fantasmas de monstros horripilantes, serpentes descomunais, silvando entre os escombros. E escuta, estarrecido, como sinistro coachar de imenso e lúgubre charco, a orquestra plangente do vagido comovedor de milhares de crianças, subindo ao céu num clamor de vindita.

Ali, dizem, existiu outrora a cidade de Jardim, que as mães,

matando os próprios filhos, entregaram aquele cruelíssimo e execrando destino...

**

13 - A MALDIÇÃO

Cláudio contava oito anos quando perdeu o pai. A morte prematura e inesperada foi um desastre para aquela família de humildes agricultores. Mas foi, sobretudo, desastrosa para aquele garoto endiabrado.

Dir-se-ia que o pai sucumbira em previsão dos futuros desgostos que o filho lhe causaria. Era incrível o espírito diabólico que agitava aquela criança.

Desobediente, blasfemador e perverso. De manhã saía em direção da escola. Logo atracava-se em luta braçal com os pequenos colegas. E passava o resto do dia roubando frutas dos vizinhos e cometendo toda sorte de traquinices. Voltava à noite para incomodar os pais.

Agora, morto o genitor, tornou-se mais rebelde, imoral, desordeiro, deixando todos os dias a pobre mãe acabrunhada do mais sentido desgosto.

Que peste de filho! Todos faziam sinistros prognósticos acerca do rapaz. Todos lastimavam a triste situação de D. Josefina. Viúva infeliz aquela, tendo no filho mais velho um verdadeiro demônio.

Andava ele agora nos 15 anos. Botara corpo o rapaz. Tinha saúde. Trabalhava. Mas, como descendente de imigrantes italianos, tinha o vício maldito da blasfêmia e da desobediência. Se lhe dava na cabeça ir trabalhar na roça, lá ia contente, assobiando, cantarolando. Todavia, ao primeiro contratempo, rompia em palavrões e impropérios. Largava a enxada e saía a malandrar com



os maus companheiros.

A mãe já esgotara todos os expedientes de reconduzir o filho ao bom caminho. Usava extremos de bondade, de afeto, de carinho, de amor. Tudo em vão. Outras vezes, ela bancava a enérgica, procurando valer-se de sua autoridade. Ralhava. Ameaçava... Tudo de balde. Cláudio tornava-se cada vez pior...

**

D. Josefina resolveu pedir auxílio ao vigário, expondo a ele a dramática situação e pedindo o favor de chamar à ordem aquele filho rebelde.

Cláudio raramente ia à igreja. No entanto, um domingo, festa da Sagrada Família, lá vai ele assistir a missa. O padre, bem ao par do péssimo comportamento do moço e de outros companheiros, faz, durante a homilia, veemente sermão acerca dos deveres dos pais e, especialmente, dos filhos para com aqueles que lhes deram a vida.

Fala do amor, do respeito, da obediência, da assistência que os filhos devem àqueles de quem, depois de Deus, tudo receberam.

Lança mão da Sagrada Escritura: "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida dilatada sobre a terra" (Ex. 10, 12). E, a seguir, levantando a voz: Não há nação alguma que não considera monstro o filho que nega amor aos pais, amor natural e obrigatório até entre os pagãos.

E passa a apelar novamente para o livro sagrado: "Por mais poderoso e rico que sejas, não deves esquecer o teu pai e a tua mãe, para que Deus não se esqueça de ti perante os grandes" (Eccl. 23, 18). "É insensato o homem que despreza a sua mãe" (Prov. 15, 20).

"A obediência aos pais é ornamento para a tua cabeça e colar ao teu pescoço" (Prov. 23, 22).

Depois, o ministro de Deus apela para os Santos Padres e cita São João Crisóstomo: Um raio separado do sol não resplende; um regato interrompido da fonte, não leva mais água. O filho que cessa de ser obediente, cessa de ser filho, torna-se monstro na natureza e é indigno de ocupar lugar.

E, retornando ao livro sagrado: Filho, ampara a velhice de teu pai, e não o entristeças durante a vida (Eccli. 3, 14). O velho Tobias assim falava ao filho: Honra tua mãe durante todos os dias de tua vida (Tob. 4, 3). Filhos, sede a providência dos pais nas necessidades, o bastão de sua velhice, o conforto nas doenças, o alívio nos achaques.

**

A seguir, aquele vigário passa a analisar as vantagens e bênçãos dos bons filhos assim como os castigos para os maus. E continua invocando a Bíblia: Como quem acumula tesouros, igualmente é aquele que honra seus pais (Eccli. 3, 5). A benção dos pais fortifica as casas dos filhos e a maldição das mães as destrói pelos alicerces (Eccli. 3, 17).

E, levantando a voz: Filhos cruéis, ladrões, maldizentes, não são mais homens. São demônios. Ameaçar bater nos pais, é crime execrando, é impiedade, sacrilégio, monstruosa violação das leis da natureza e da graça.

Piores que os brutos. Vede os cisnes: quando seus pais são velhos, constroem-lhe uma como casinha para se resguardarem das inclemências do tempo e vão aquecê-los com as asas...

Monstros! Vendo que já não lhes resta mais nada a esperar de quem lhes deu a vida, abandonam os pais, desprezam-nos, disputando-lhes a modesta pensão que lhes sobra, consideram-nos um peso do qual tentam se desvencilhar.

É por isso que o Espírito Santo os qualifica de monstros da natureza, infames, indignos de habitar a terra (Eccli. 3, 18).

Aquele que amaldiçoa o seu pai e a sua mãe, apagar-se-a a sua candeia no meio das trevas (Prov. 20, 20). Apagar-se-a, meus irmãos, a sua luz, símbolo da inteligência, da posteridade, da vida, da graça e da glória...

E, perorando, candente e patético: Diz a Bíblia que o olho que escarnece do pai e despreza a mãe, será devorado pelos corvos da ignomínia e pelos filhos da águia, que são os demônios (Prov. 30, 7).

É maldito por Deus aquele que despreza a mãe (Eccli. 3, 18), como Caim foi amaldiçoado com toda a sua descendência. Quem amaldiçoar o seu pai ou a sua mãe, morra de morte (Lev. 20, 9).

São Palavras do próprio Deus - prossegue o pároco. - E perguntai, senhores, à justiça humana qual o destino dos filhos perversos. Perguntai quem é que lança a horrível sentença das prisões, das galeras, dos patíbulos? Onde principiou a desordem que forjou o criminoso? Foi no desprezo aos pais.

A história ali está com seu inapelável veredicto, apontando milhares de exemplos. Triste herança dos filhos malvados!

Faça Deus que a nossa paróquia não acrescente à História mais um destes deploráveis exemplos. Não permita Deus que um filho desta terra carregue pela vida fora o eterno suplício desta tremenda maldição.

**

Cláudio, durante toda a prática do vigário, esteve com ganas de fugir da igreja. A raiva, o ódio roía-lhe a alma, convencido de que todo aquele implacável libelo vinha diretamente contra ele.

Orgulhoso e soberbo, logo que o pregador terminou a homilia, disse consigo mesmo: Pois se houver um filho desta terra que provoque o castigo, serei eu. Sim, tudo farei para merecer esta maldição. Andarei a vida inteira carregando prazenteiramente

sobre o lombo o instrumento deste suplício...

De fato, o rapaz perverteu-se completamente. Nunca mais foi a igreja. Passou a ser o eterno tormento da sua mãe, a infeliz viúva.

Volvidos alguns anos da tragédia no lar, estrondou medonho o ronco da maldição do céu sobre o iníquo rapaz.

Era domingo. Cláudio voltava a desoras inteiramente embriagado. Entrou em casa blasfemando. A mãe disse-lhe palavras de repreensão. Ele rompeu em feios improperios. Avançou furioso para a pobre viúva, derrubando-a socos e pontapés.

Depois pegou do lombinho que acabara de retirar do cavalo em que chegara montado e com ele encilhou a pobre da mulher. Montou a cavalo na mãe, esporeando-a e guasqueando-a impiedosamente.

D. Josefina não teve outra volta: amaldiçoou o próprio filho, que tão monstruosamente maltratava aquela que lhe deu a vida.

**

Neste momento, Cláudio sentiu como um choque elétrico na língua. Tentou falar. E a palavra não lhe saiu da boca. Estava mudo, completamente mudo. Nunca mais pode falar durante o resto da vida. Nunca mais.

No dia seguinte, foi à casa do seleiro e, por gestos, encomendou. Um lombinho para si...

No próximo domingo, toda a população do vilarejo viu andando pelas ruas e estradas um homem encilhado. Era Cláudio. Cláudio, carregando às costas o suplício da maldição. A maldição que Deus, por boca daquela mãe, fulminara contra o filho infame. O tremendo castigo que ele mesmo atraía e invocara sobre si.

Nunca mais saiu a rua sem o lombinho as costas. Andava sempre com ele no lombo, como caramujo arrastando a pesada



casa.

Ao entrar em algum restaurante para as refeições, ele tirava os arreios como quem tira o chapéu e dependurava no cabide. Após a refeição, tornava a encilhar-se e prosseguia o seu caminho.

Chegando a alguma ponte, passarinhava como cavalo espantadiço. Levantava o relho e se açoitava. Passava devagar, apalpando as pranchas, com muito cuidado. Por fim, dava um pulo. Tal qual um animal de montaria.

Sua fama correu mundo. Todos sabiam o motivo daquela maldição. Vinha gente de longe só para ver o "homem encilhado"... A terrível lição converteu os maus jovens do lugar.

Cláudio viveu assim algumas dezenas de anos em sua terra natal, proximidades da cidade gaúcha de Passo Fundo.

Esta história impressionante o autor ouviu dia boca do capuchinho Frei Brás Rodegheri, que conheceu pessoalmente o "homem encilhado".

**



14 - A NEVADA DE 1965

Vinte de agosto de 1965. Madrugada frigidíssima. Acordei encarangado, às cinco horas. Acordei em sobressalto, porque àquela hora um clarão penetrava janelas a dentro como se o dia viesse amanhecendo. Pronto - exclamei indignado - se foi a hora da missa!

No corredor da casa, vozes abafadas, conversando, soltando exclamações. Seria talvez um incêndio? Levantei-me de um salto. Fui à janela. Que vejo lá fora? Um espetáculo sem par, nunca visto! Ruas, casas, árvores, toda a cidade jazia sob infinita camada de neve, manando aquele clarão de um oceano de leite e dando a impressão de que o dia clareava precocemente, com hora e meia de avanço.

Às seis horas, encapotado, meti-me na rua para a minha habitual caminhada rumo da capelania do "Rainha da Paz". Na escadaria, nenhum degrau. A neve nivelara os degraus. Nivelara os cordões, as calçadas, os canteiros...

Minhas botas de náilon, presente dos amigos Comiran em minhas bodas sacerdotais, havia apenas nove dias, cavaram a primeira linha de sulcos na brancura virgem da avenida, numa espessura de 30 centímetros. Foi duro o trabalho da caminhada!

A cidade, que adormecera em paisagem tropical do Brasil, ia daí a pouco acordar em deslumbrador cenário da Suíça, oferecendo um maravilhoso, um autêntico postal natalino.

Trágica beleza! As lindas plantas ornamentais agora totalmente brancas, dobravam, pesadamente, tristemente, mortalmente, seus braços partidos ou simplesmente encostados ao solo... Aos meus ouvidos chegava o dramático estralejar dos galhos de pinheiros das matas adjacentes que sucumbiam impotentes diante do peso da neve.



A manhã foi uma festa inolvidável. Todo mundo gritando, pulando, batendo fotografias, fazendo bonecos, armando bombardeio de bolas... Nenhum aluno foi à escola o comércio não abriu. Os bancos não funcionaram. A cidade parou. Parou durante dois dias completos,

A neve continuou caindo, caindo, durante 48 horas, formando camada média de meio metro de espessura. Em certos lugares, atingia metro e até metro e meio.

No dia seguinte, sábado, a alegria converteu-se em tristeza. A festa, em tragédia. Uma calamidade! Telhados e casas entraram a desabar. Rompiam-se os fios das redes telefônicas, telegráficas e de energia elétrica. Postes estalavam. As matas estralejavam numa orquestra sinistra, matando rebanhos, rompendo cercas de arame... Não ficou uma árvore intata. Devastação total!

Pelos campos morreram cordeiros, terneiros, vacas. Morreram bugios, tatus, muitas aves. Milhares de aves. Um sabiá, entretanto, salvou-se na dobra de um galho quebrado de árvore. Morreu a planta para salvar o pássaro cantor...

Com pequenos intervalos, provocados pela chuva, a neve prosseguiu na faina incansável de peneirar sua gélida farinha durante todo o dia de sexta-feira, toda a noite e todo o sábado.

Era quase impossível olhar para os telhados das casas e não ver alguém de pá na mão aliviando o peso, despejando a neve para o solo.

**

Sábado de tarde, a inquietação cedeu lugar à angústia. Uma angústia arrasadora, que despedaçava os corações. Isto é o fim do mundo! Castigo de tantos crimes, de tantos pecados. Que será de nós?

- Padre, - diziam-me uma freirinha do "Rainha da Paz", a Ir.



Marta - dê uma bênção a essa neve, se não morremos todos.

Era verdade. Muita gente tinha a impressão nítida de que o mundo se acabaria se a neve não cessasse de cair sem demora.

Fui à capela. Rezei com desbordante fé, confiadamente, com toda a certeza de ser atendido. Pedi a santinha da neve, a Serva de Deus Maria Teresa Quevedo, prima do Pe. Oscar Quevedo, o afamado parapsicólogo, pedi que não permitisse que os homens amaldiçoassem essa estupenda maravilha de Deus.

Depois, agarrei o ritual e, com fé avassaladora, comovido, com nervosa tremedeira, rezei uma das mais poderosas imprecações litúrgicas contra as fúrias da natureza.

Voltei para junto da Irmãzinha e disse-lhe, com toda a segurança:

- Irmã Marta, pode ficar descansada. Dentro de pouco, a neve vai parar.

Corridos alguns minutos, para as bandas do Sul, brilhou uma faixa azul do céu. Uma explosão de júbilo sacudiu a cidade. Era o dia de Nossa Senhora das Neves.

No dia seguinte, o domingo surgiu belíssimo, um sol esplendoroso reverberando na mais impressionante epopeia de imaculada alvura, doendo cegante na vista da gente, com leve tonalidade azul.

Nunca a festa do Puríssimo Coração de Maria fora tão expressivamente, tão significativamente celebrada, tão apototicamente aplaudida, tão comovidamente grata. Um incomparável poema de brancura cantando a pureza mais alva da Virgem mais pura...

Jamais o sol da misericórdia de Deus brilhou tão belamente sobre a humanidade do Sul do Brasil.

**

15 – O FILHO DO BABY-DOLL

Tarde morna de outono. Sentadas no alpendre, olhando a rua, as duas comadres falam da vida alheia. Quando falta assunto, vão buscá-lo nos transeuntes.

- Olhe ali, comadre. Veja quem está passando.

- Quem é? Parece a mulher do Prefeito.

- É ela mesma, em carne e osso. A D. Adriana, a primeira dama da cidade.

- Que horror, D. Nicota! Andando na rua sozinha, correndo, feito não sei o quê!

- Tão mal vestida! Mal penteada, desfigurada!

- Parece um fantasma, não é?

- Quem a viu e quem a vê! Quem diria que aquela moça tão distinta, tão rica, tão bonita, fosse acabar dessa maneira? Logo agora que é esposa do Prefeito!

- É verdade, comadre. Lembro-me do casamento. Foi o mais concorrido e elegante da cidade. Linda ela e lindo ele, o Dr. Pacheco. Ele mais bonito do que ela.

- Aí está a desgraça dela, D. Nicota. O Dr. Pacheco, um broto tão bacana, o advogado mais temido da comuna. Criou fama. Candidatou-se a Prefeito. Ganhou bonito. Depois. Ah, depois arranjou uma amante e aí está a coitada da D. Adriana. Sabe que tenho pena dela, pobrezinha! Vê, não adianta a mulher ser bonita, ter dinheiro, cultura, ser esposa do Prefeito. Esses homens são todos uns demônios!

- Mas, D. Chicota, parece que a culpa é dela.

- Coitada! Não fale assim, comadre! Imagine só. Ela é uma



santa. Ninguém vê ela conversando com outros homens. Não vai a festas. Não vai a nada. Quem vai com ele é a amante. Pouca vergonha!

- Isso é verdade. Mas sabe, D. Chicota, eu tenho cá minhas dúvidas. Como é que ela anda desse jeito, tão mal vestida? Então ela não é a mulher do Prefeito? Procedendo assim, ela só podia perder a confiança do marido.

- Mas eu acho que é ele que não a deixa andar bem vestida. Por causa da amante.

- Não é, comadre. É tudo ela que provoca. É muito estúpida. Faz loucuras. Um dia tentou até matar o Dr. Pacheco. Depois ela quis tomar veneno.

- Pode ser que eu me engane, comadre. Eu, por mim, acho que o culpado é ele.

- E eu digo que é ela.

**

O caso era notório. Todo mundo comentava. Um escândalo. Uns diziam que o Dr. Pacheco era um carrasco para a esposa. Outros culpavam D. Adriana.

Os primeiros anos de casados foram de felicidade. Beleza, honra, dinheiro. Depois, o Dr. Pacheco, Prefeito de importante cidade, entretido demais com seu absorvente cargo, deu de esfriar no amor. Tornou-se infiel.

A esposa sentiu tremendo baque. Não soube agir. Não soube escolher as armas para debelar a crise e vencer a batalha. O ciúme estendeu a nuvem da cegueira. E o inferno foi morar naquele palacete onde antes reinava a felicidade do paraíso.

Brigas quase diárias. O Dr. Pacheco começou a implicar com o traje da esposa, que gostava de andar bem vestida.

- Pra que toda essa extravagância, mulher? Esse luxo?



Esse baton? Esses decotes? Quer exibir-se para os outros? Então você não é minha esposa? Eu não preciso dessas coisas, ouviu? Para com isso.

Ela zangava-se: Ah, é assim? Quando eu era sua namorada, quando era noiva, você achava que ficava bem. Gostava de me ver bem vestida. Achava bonito. Agora... Agora não adianta mais. É todos os dias com essa troça, com esses deboches.

Briga feia. Ululante vendaval. Todos os dias. Nunca mais se entenderam. Nunca mais tiveram relações matrimoniais. Ela foi decaindo e emagrecendo a olhos vistos. Desleixou o vestido, a roupa íntima. O calçado. O penteado. Tudo. Ficou magra e feia. Um fantasma ambulante, pelas ruas, impressionando as duas comadres e todo mundo.

**

Lá um dia, o Dr. Vilhena de Moraes apareceu na cidade para dar um curso de relações humanas na vida conjugal. Lições estupefacientes, empolgando a comunidade. Nunca mestre algum falou assim. Fabuloso!

D. Adriana já perdera a esperança de reabilitar-se e de reconquistar o marido. Mas lá compareceu, por mera curiosidade.

Escutou com a máxima atenção. A princípio, à luz daqueles ensinamentos, ela transferia as culpas todas para o marido. Ele e não eu e que devia estar aqui escutando.

Depois, entretanto, foi se impressionando com certas verdades surpreendentes. Aquela maravilhosa psicologia. Aquela longa experiência do conferencista. A citação de tantos casos desesperados e resolvidos de modo fantástico...

“As mulheres - dizia ele – não estão sabendo usar de sua feminilidade. A mulher, muitas vezes, funciona apenas como mãe e como esposa, esquecida de que também é mulher.



Outras vezes - prosseguia o Dr. Vilhena - outras vezes torna-se agressiva. Pregadora de sermão. Não sabe pedir com feminilidade. Não sabe usar as lágrimas. Não possui a técnica de chorar. Não chora com sinceridade. Não sabe usar a arma da fraqueza, essa, arma poderosa que Deus lhe deu. Lá sai berrando, feito touro: Comigo é assim!

É preciso usar a fraqueza no pedir. É preciso saber pedir. – Está bem, meu amor. Eu compreendo. Não compre, não. Desculpe, eu só falei porque tinha uma vontade muito grande de que você me comprasse, mas não precisa comprar... Aí o coitado vai e compra.

Quantas vezes - continuava o conferencista - ouço os maridos falar assim: Doutor, estou esperando, e com os olhos no céu, um momento em que me sinta marido... Tenho quatro filhos e ainda não me senti marido. Minha mulher nunca me pediu nada assim com jeitinho de mulher, de esposa. Ela já pede como quem diz: Dá mesmo senão vai sair barulho... Eu queria que ela me pedisse de maneira que eu pudesse dar, que eu pudesse ceder, que eu pudesse me considerar como aquele marido que, não tendo obrigação de dar, no entanto dá. Nós somos muito vaidosos neste ponto..."

**

O que mais empolgou a D. Adriana, entretanto, foi o assunto da vestimenta. Como foi bem tratado pelo Dr. Vilhena!

"Se Deus as fez formosas, - dizia ele - a culpa não é de vocês. E a mulher que se veste bem, de forma a realçar as suas qualidades, está se utilizando daquilo que Deus lhe deu. Inclusive quando anda com segurança e com graça.

Os homens partilham das glórias e das alegrias de suas esposas. Ela saiu muito bem vestida, discretamente. Atraiu atenções, gestos cavalheirescos. Vai, chega em casa e diz ao marido: Meu bem, hoje ao sair senti o olhar respeitoso de



admiração de algumas pessoas que me acharam bonita. Toma este beijo. Sou tua mulher. Metade de minhas alegrias e de minhas glórias são tuas, meu amor!

A mulher bem vestida e notada, sente-se sempre com o marido ao lado. Ela recolhe a admiração para compartilhar com o marido. Faz parte da mulher sentir-se bem vestida. Através do vestido, procura ter consciência de si mesma.

Se o marido pergunta: Para que você precisa de outros? Para ser vista e admirada, basta a mim. Você casou comigo e não com os outros. Aí a mulher responde: Meu bem, para que eu possa ser tua esposa equilibrada, verdadeiramente tua, eu necessito ter consciência do que eu represento para os outros, ter consciência de que estou dando algo ao meu marido...

Uma pessoa bonita que se veste bem, faz ato de caridade para todos os outros. Anima os outros a viver mais”.

**

A esta altura, D. Adriana não resistiu. Esse doutor me entende. Parece que sabe toda a minha vida. Parece que está olhando para mim e está lendo na minha alma. Vou falar com ele.

Foi. Narrou toda a sua dolorosa história. Aquela vida de infelicidade do marido. Aquela sua brutalidade...

- Doutor, no começo eu reagi. Briguei. Saí de casa. Tudo em vão. Não adiantou nada, nada. Voltei e continuei brigando em casa. Passei a ameaçá-lo. Cheguei a tentar o suicídio, doutor. Nada. Mudei de atitude. Caí de joelhos, supliquei por amor de Deus. Não adiantou. Agora estou na fase da quietude. Não falo mais nada. Fico quieta. Emagreço e envelheço. Não digo mais uma palavra. Dou a comida dele, sirvo-o bem, mas também não adianta nada. Como vê, doutor, esgotei os recursos. Agora não tem mais jeito...

O Dr. Vilhena esboçou um sorriso e respondeu:

- Tem jeito, sim, minha senhora. Eu vejo na senhora muita coisa que se aproveite. Muita coisa.

- O quê, doutor?

- Vejo muita coisa. A senhora, apesar de magra e abatida, continua a ser mulher bonita e jovem. A mulher bonita e jovem que impressionou seu marido. Sob o ponto-de-vista estético e ainda das qualidades morais. Estas continuam todas na senhora.

- Ah, doutor, será que ainda posso esperar este milagre?

- A senhora passe aqui no consultório todos os dias. Vamos conversar apenas dez minutos. Vou indicar-lhe o remédio.

**

Então, agora, D. Adriana ia todos os dias ao consultório. Recebia as instruções, que seguia a risca.

De acordo com estas instruções, principiou comprando um lindo vestido, o mais lindo vestido, do gosto antigo do marido. Depois, os sapatos. Sapatos à última moda.

No primeiro dia, o Dr. Pacheco chegou em casa. Viu a mulher naquele traje elegante e explodiu:

- Agora, sim! Era só o que faltava! Uma princesa em minha casa! Ela fez cara triste e respondeu:

- É, meu bem, desculpe, o outro vestido rasgou. Não tive outro jeito. Comprei este novo. Quer café, meu amor?

Continuando a pôr em prática os conselhos daquele admirável especialista das doenças do espírito, D. Adriana comprou novos trajes íntimos. Trajes leves e lindos, capazes de tomar mais amena a vida íntima.

Vestindo as finíssimas Valisère, recordava os primeiros anos de casada. Sentia-se outra. Uma sensação de bem-estar e uma grande esperança de reaver a felicidade perdida.



Na primeira noite, o Dr. Pacheco fez cara feia:

- Que assombração é essa? Minha filha, sinto muito, mas não me impressiona, não.

E ela, com muito jeito:

- Olhe, meu bem, desculpe. O pijama rasgou e eu tive que comprar isto.

E não falou mais. Foi dormir.

A boa apresentação da esposa era o calcanhar-de-aquiles do marido. Desde o dia em que surgiu aquela amante, revoltou-se contra a elegância do vestir da esposa. Não podia vê-la bem trajada. Era um perigo...

Mas, D. Adriana vinha muito bem instruída pelo experiente psicólogo. Continuou seguindo fielmente o programa traçado.

Agora é a vez do penteado.

O Prefeito quase não parava em casa. Almoçava e saía. Voltava de tarde para o jantar. Vinha correndo. Tratava-a brutalmente.

Agora, D. Adriana preparava um ótimo jantar. E quando ele ia chegando, encontrava-a diante do espelho, fazendo a toalete. Penteando seus longos e lindos cabelos, com toda a poesia, com todo o vagar, conversando com a escova.

- Que é isso? Decerto a rainha do mundo vai hoje ao baile! Decerto!

- Desculpe, meu bem, e que estava tão abatida... Olha, já vou buscar o jantar. Está prontinho. Um momentinho só.

E continuava a pentear-se com toda a elegância.

Todos os dias, absolutamente todos, àquela mesma hora, quando ele chegava para o jantar, lá encontrava a esposa diante do espelho, penteando a longa e linda cabeleira de seda...



Um dia, não aguentou. Era demais. Virou bicho. Avançou para ela, furioso. Arrancou-lhe a escova. Partiu-a. Jogou-lhe no rosto. Espatifou o espelho, berrando improperios:

- Toma, bruxa do inferno!

**

No outro dia, no consultório do psiquiatra:

- Doutor, eu disse que o meu caso não tem cura.

- Não tem cura, por quê?

- Estou desesperada, doutor.

E contou a cena.

- Minha senhora, - respondeu o Dr. Vilhena - se é assim, a coisa vai bem, vai muito bem. Vai de bem a melhor. Compre outro espelho, outra escova e prossiga. Prossiga sem desanimar. Não se zangue. Não diga palavra. A batalha é dura, mas a vitória é certa.

D. Adriana obedeceu. Estava contente. Engordou. Ficou bonita, com cara de gente... Vai senão quando, surge outro incidente.

- Doutor, estou outra vez desanimada.

- Por quê? Você está ficando tão bonita, satisfeita, tão forte!

- É, doutor, a sua receita não está resolvendo. Ele agora não se importa mais comigo. Não me critica mais. Está na fase da indiferença.

- Mas ele olha para a senhora, D. Adriana?

- Olha assim com o rabo do olho.

- Então a negócio esta melhorando. Insista na dose. Prossiga, prossiga sem parar.

Ela prosseguiu, sempre calma, sem zanga, sem dizer



palavra, sempre caprichando no trajar, no penteado, nos perfumes, nas roupas íntimas, na pintura...

Vai até que um dia o Dr. Pacheco chega em casa no horário habitual, para a jantar. Vem correndo. Bate à porta com mais força do que de costume. Ela assusta-se, mas continua diante do espelho, penteando-se, simulando serenidade. Ele dirige-se para ela e fala:

- Chega, minha filha. Não me maltrates mais.

Toma-a nos braços e leva-a para a leito nupcial.

- Meu bem, ganhaste esta batalha. A maior de todas as batalhas. Com a funda da tua escova, deitaste por terra o mais temível gigante. O segredo do teu cabelo penteado foi a força de Sansão que me prostrou...

E ali, sobre o leito perfumado, misturando as lágrimas com as lágrimas da esposa, o Dr. Pacheco disse as coisas mais lindas, tão lindas como nunca dissera no fogo do noivado e no dia do casamento. Disse tudo quanta não dissera em vinte anos de matrimônio...

O sol que inunda a terra do Brasil inteiro não tem o calor daqueles beijos, no êxtase do amor. Os pássaros jamais cantaram como cantava naquele instante de felicidade daqueles dois corações, que se abraçavam depois de tão longa e agoniada ausência. As flores de todos os jardins brasileiros não têm a beleza da poesia daquela relação, a mais poética e linda relação da vida...

No dia seguinte, o caminhão da Prefeitura Municipal transportava para outra cidade os trastes da amante. A miserável ia feliz, à procura do dinheiro de outro coitado, para a desgraça de outro lar...

Volvidos dez meses, o Dr. Vilhena de Moraes recebe carta de D. Adriana:

- Luís Carlos nasceu, Dr. Vilhena. Luís Carlos, o FILHO DO



BABY-DOLL.

**

16 – RESPEITO

Era de unha perdida. Cachorro de unha perdida. Você já viu algum? É o melhor cachorro do mundo. Mas são raríssimos. O pai levou um tempão procurando um.

Lá um dia, o Seu Ernesto chega em nossa casa. Chega de cara alegre, como quem traz uma radiante notícia.

- Compadre, diz ele, abrindo um largo sorriso. - Já temos o cachorro que você tanto procura.

- Não diga, compadre. De unha perdida?

- Exatamente, de unha perdida. A Diana deu cria e no meio da ninhada de filhotes encontrei um de unha perdida.

- Beleza compadre! O cachorrinho é meu, custe o que custar.

- Não, compadre, não custa nada.

Volvidos uns dias, o Seu Ernesto chega com o cachorrinho.

- Olhe aqui a unha dele, compadre. Bem no alto, quase na metade da perna.

Nós, as crianças, fomos criando-o com todo o carinho, tratando-o, a princípio, com leite, e a seguir com carne. Em poucos meses, ficou forte. Um enorme cachorro de meter medo.

O pai ia ensinando. Ensinando. Ensinando a cuidar da casa, da propriedade, da criação e a caçar. Respeito aprendia tudo quanto se lhe ensinasse. Aprendia com a maior facilidade.

Quando o pai saía a viajar, recomendava:

- Respeito, eu vou viajar. Tu fica cuidando da casa, sim?

Respeito obedecia. Nos dias de ausência do pai, não saía



de perto da casa. Não saía nem para procurar comida. E não deixava que ninguém se aproximasse sem a presença de uma pessoa da casa. Nem gente nem bicho. Dia e noite.

Quando, após alguns dias, o pai vinha chegando de volta, o cachorro sabia mesmo sem ver o pai. Só pelo pateado do cavalo ao cruzar pelo capão. Fosse outra pessoa, não dava demonstração. Não confundia nunca o pateado do cavalo baio do pai com o pateado de outro cavalo. Começava a pular, a fazer festa. Aí nós dizíamos: o pai vem chegando. Nunca nos decepcionou.

**

O pai ensinou a caçar. Nossa casa era na boca do sertão. Principiava ali, a menos de cem metros, um matão sem fim, povoado de bicharia bravia. Até onça havia naquela imensa floresta.

Respeito caçava veado, tateto, porco-de-mato, mão-pelada, guará, graxaim, paca, cutia, tatu e até cobra cascavel. Interessante! Para cada bicho, o nosso cachorro tinha um latido diferente, distinto. Então, o pai, pelo latido, sabia que bicho Respeito perseguia.

Muitas vezes, à noite, o pai dizia: Respeito, eu hoje quero um tatu. Pronto, o cachorro saía à bala e afundava no mataréu. Daí a pouco, lá vinha o latido característico da presença de um tatu. Então, o pai ia lá e trazia a caça para casa. O pai não quis ensinar que trouxesse o tatu para casa. O pai queria colaborar.

Numa dessas caçadas de tatu, Respeito foi infeliz. A única vez. De repente fez ouvir o latido. Mas era um latido diferente, estranho, nunca visto. Bicho desconhecido.

O pai ficou preocupado. Armou-se de fado e archote e foi tirar a limpo aquela inquietante situação. Inacreditável o que o pai viu então! O cachorro, rijamente abraçado por enorme tamanduá-bandeira, ia rolando morro abaixo, abrindo estradão, em meio a



bambus, samambaias e arbustos.

Sem a menor preocupação consigo mesmo, o pai precipitara-se em defesa do cão. Foi um desastre! O tamanduá, vendo ali o dono do cachorro, não teve dúvidas. Largou a este para abraçar o pai. Abraçou-o tão fortemente, neutralizando-lhe qualquer meio de defesa.

Vendo-se perdido, o pai gritou: Respeito! O cachorro, então, num pulo elétrico, agarra o tamanduá pelo focinho e, com dois violentos safanões, o estraçalha...

Agora, retornando para casa, Respeito vinha choramingando. Choramingava por haver entrado numa fria. Por haver-se deixado agarrar por um tamanduá vagabundo. Logo ele, o mais valente cachorro do mundo. E, pior ainda, por haver permitido que seu dono fosse preso!...

**

Foi a única vez. Nunca mais bicho algum lhe faltou de respeito. Mais tarde, haveria; não bicho, mas um homem mesquinho, que lhe faltara de respeito.

Mas, antes disso, o nosso cachorro praticou muita bravura. Era o amigo fiel de todas as horas. Acompanhava-nos à roça, fazendo de cavalo. Transportava a mala-de-pano com as provisões e o pequeno Mário, o caçula da casa.

Acompanhava-nos também na reza. Sim senhores, na reza como se fosse gente. Nós tínhamos o costume de rezar o terço à noite, antes de deitar. Todos ajoelhados na sala grande.

Então Respeito entrava. Ajoelhava-se sobre as patas dianteiras, num canto da sala. Respondia às orações da melhor forma possível, o coitado. Fazia uma força danada, movimentando as mandíbulas... O pai até disse um dia: Nunca a palavra em um bicho fez tanta falta.

Terminada a recitação do rosário, levantava-se, saía



pulando, fazendo festa. A hora do recolhimento, da oração, havia chegado ao fim.

Respeito aprendeu ainda a ir até o armazém fazer compras. Nós colocávamos dentro de uma cesta o dinheiro e um bilhete para o dono da venda. Respeito agarrava a cesta com os dentes, ia lá e trazia açúcar, sal, café...

Ensinamos a trazer do potreiro a vaca de leite. O pai dizia:

- Respeito, a Boneca.

O cachorro saía correndo. Procurava a Boneca e vinha tocando para a estrebaria. Quando o pai queria trazer o touro, dizia:

- Respeito, o Capitão.

Pronto, o cachorro ia logo e tocava para casa o nosso touro.

Nós estávamos muito felizes com um cachorro destes, tão amigo, tão prestativo. Se um dia Respeito viesse a nos faltar, nem era bom imaginar a sombra negra de tristeza que tombaria sobre nossa casa.

Pois esse dia chegou, desgraçadamente. Respeito teria lá seus três anos apenas. Uma tarde, ele matou o cachorro do vizinho. O cachorro que penetrara em nosso potreiro e perseguia nossas vacas. Era um cachorro de estimação. E sabem o que fez o dono deste cachorro? Deu bola de vidro. Deram bola de vidro ao nosso cachorro.

O pai, percebendo, ministrou-lhe um vidro de óleo de rícino, salvando-o de morrer na hora. Mas Respeito não prestou mais. Perdeu toda aquela vivacidade. Perdeu a vontade de caçar. Deixou de entrar na sala para rezar o rosário. Foi definhando, definhando, até que morreu.

O pai, de tão indignado e revoltado, esteve a ponto de matar o vizinho. Não o fez porque o vizinho jurava que não fora ele



que deu bola de vidro para matar o nosso cachorro.

Ninguém pode imaginar a dor, a tristeza, a desolação, que tomou conta de todos nós. Era como se tivesse morrido um membro, da família. O que choramos!

A fim de mitigar um pouco nossa dor, resolvemos prestar uma homenagem de amor e gratidão para o incomparável amigo, que tanta alegria havia proporcionado, que tanta serventia nos havia prestado.

Organizamos um velório na sala onde Respeito costumava nos acompanhar na reza. Um funeral solene. Lindo caixão, coberto de flores.

Num campestre que havia no meio do mato, um campinho onde nós jogávamos futebol, foi aberta a cova. A seguir, em grande silêncio, em religioso cortejo, transportamos para lá o nosso querido defunto. Eu ia na frente levando a cruz.

Uma pausa para reflexão e lágrimas. E o ataúde desceu à sepultura, auxiliado por duas cordas. Depois, de acordo com o costume da época, cada um de nós agarrou um punhado de terra e jogou na cova, fazendo ruído no caixão.

Completamos a piedosa tarefa com a pá. Ajeitamos a terra caprichosamente, dando-lhe forma de sepultura humana. À cabeceira, cravamos a cruz de madeira, abraçada por uma linda grinalda de flores. Espalhamos rosas e cravos sobre a sepultura. Ficamos lá mais alguns minutos, recolhidamente, em nossa grande dor.

Seguiram-se dias e semanas de pesado luto e profunda desolação em nossa casa. Passado algum tempo, o pai, que aborrecido com a desgraça, resolveu transferir-se para outro Estado. Vendeu a terra para um irmão, o qual, entretanto, nunca foi morar lá.

Aquilo tudo virou tapera. Os vizinhos também, um após



outro, foram se mudando, imitando o exemplo do pai, que descobrira umas terras fertilíssimas no Oeste do Paraná.

O mato foi tomando conta de todo aquele rincão. Dentro de poucos anos, um grosso matagal veio juntar-se àquela floresta sem fim, habitada por feras.

**

O tempo passando. O mato foi crescendo. Um dia, velho caçador, conhecido apenas pelo nome de Resto-de-Onça, vagando por aquele sertão, acabou perdendo-se.

Extraviado, quanto mais buscava o caminho de casa, mais dela se afastava, afundando cada vez mais na mata. Dia e noite andando à toa, dando voltas inúteis, sem jeito de descobrir o fio da meada.

No dia seguinte prosseguiu, trôpego, mal arrastando as pernas, já sem esperanças de se salvar. De repente, um raio de luz. Uma claridade. Correu para lá e descobriu um campestre, um belo campinho gramado.

Aquela bendita claridade, para quem passara dias na sombra negra da selva, era algo tombado do céu. Mas não parou aí a alegre surpresa de Resto-de-Onça. Viu ali, a um canto, uma velha sepultura, presidida por tosca cruz de madeira, coberta de musgo.

Criou alma nova. Suspirou fundo. E não vacilou. Caiu de joelhos. Avidamente. Ergueu as mãos para o alto e rezou, com o maior fervor do mundo: Senhor, por alma deste defunto, fazei que eu me salve, que encontre o caminho para sair deste sertão.

Palavras não eram ditas, surge, ali perto, saindo do mato e atravessando o campinho, o vulto negro de um enorme cachorro preto.

Estou salvo - pensou Resto-de-Onça. - É só seguir este cachorro, que me levará seguramente à casa de seu dono.



E tratou de acompanhar o providencial animal, que, por sorte, como sabendo de sua nobre missão, caminhava devagar, para dar chance aos trôpegos passos do cansado caçador.

Andaram, um atrás do outro, cerca de um quilômetro, quando o cachorro desapareceu, mas já à vista de um rancho de caboclos. Resto-de-Onça aproximou-se com sofreguidão. Quando viu a figura pálida do sertanejo assomando à porta da humilde habitação, caiu de joelhos, causando surpresa. Com dificuldade, mal podendo falar, com voz trêmula e fraca, levantando as mãos, exclamou:

- Muito obrigado, amigo!

- Obrigado por quê, vizinho? - perguntou o caboclo, de olhos arregalados.

- O seu cachorro. O seu cachorro me salvou a vida.

- Que cachorro, homem? Eu não tenho cachorro.

**

A notícia da existência daquela milagrosa sepultura correu mundo, chamando atenção para os doentes e necessitados de graças do céu. Não tardou que um doente, vítima de câncer incurável, visitando com fé a misteriosa sepultura. Orou pela alma daquele defunto ali sepultado. E, milagre, curou-se logo, completamente.

Um paralítico lá deixou suas muletas e saiu andando sobre seus pés. Um tropeiro, que perdera seu cavalo, foi levar àquela sepultura, uma dúzia de velas, e não é que encontrou ali, amarrado a uma árvore, o seu cavalo!

A romaria dos devotos foi crescendo. Crescendo extraordinariamente. Não faltou quem montasse ali uma tenda, para venda de velas, mantimentos e bebidas. Foi construída outra casa. Mais outra. Foi ficando um povoado.

Tratou-se, então, da construção de uma capela, para nela



entronizar os restos mortais daquele defunto, que era um santo que fazia tantos milagres.

Construída a capela, com donativos dos romeiros, marcou-se a data da sua inauguração. Uma grande festa. Tão numerosa foi a afluência de pessoas, que foram sacrificadas dez reses para o churrasco.

Antes da inauguração da igreja, procedeu-se à exumação dos ossos do misterioso defunto. Todo mundo queria ver. Todos curiosos por conhecer de perto aquilo que provocava tantos prodígios, tantas curas, tantas graças.

O Pe. Firmino, pároco da freguesia mais próxima, presidiu ao cerimonial. Principiou com a recitação de uma dezena do rosário, seguida de um cântico, entoado por um grupo de jovens. A seguir, o Vigário deu ordem para abrir a sepultura.

Dois operários, armados de pá e cavadeira, em poucos instantes, diante de enorme expectativa geral, descobriram as tábuas podres do ataúde. A seguir, apareceu um osso pequeno, como de criança. Mais outro. Um punhado de ossos miúdos, e, oh, espanto, uma caveira canina.

A multidão não se conteve e rompeu numa exclamação imensa. Houve até algum riso sacrílego, logo abafado. No mesmo instante, todos os olhares se voltaram para o padre, interrogativamente, como a pedir uma explicação. Como quem diz: E agora, Vigário?

O Pe. Firmino, sem demonstrar a mínima admiração, a menor surpresa, olhou atentamente para toda aquela gente atônita. Fez uma pausa impressionante e falou:

- Pois é, meus filhos. Cachorro também é criatura de Deus. Nosso Senhor, como aconteceu tantas vezes na História da Igreja, pode muito bem servir-se dos animais irracionais para manifestar seu infinito poder e fazer algum bem à pobre humanidade. Por que não? O que vale é a nossa fé.



17 – O PEQUENO MARGINAL

Gaúcho de Lagoa Vermelha, eu fui um pequeno marginal. Pequeno mas tremendo marginal. Fui ladrão, assaltante, e estive a pique de me transformar num perigoso assassino. Uma dezena de vezes, revólver roubado em punho, fiz pontaria para matar.

Mas lá um dia, no tenebroso caminho que eu trilhava, brilhou um raio de luz. No meio deste raio de luz, surgiu uma mão poderosa e amiga. Mão poderosa e amiga que me conduziu do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu...

Recuperei-me. Agora, inteiramente recuperado, sinto prazer em narrar a minha história. A minha dramática história, que já foi transformada em peça teatral, magistralmente levada em cena pelas normalistas da Escola Rainha da Paz, de minha cidade natal.

**

Sou filho de uma prostituta. Prostituta com sangue africano. É claro, se dependesse de mim, eu escolheria outra mulher para mãe, em que pese o elogio de Cristo, que a muita gente-bem faz preceder as prostitutas à entrada do reino de Deus (Mt. 21,31).

Filho da zona do meretrício, criado sem pai e sem padrinho, comecei a gatinhar entre marginais. Vida bruta. Ambiente sombrio de vício e miséria.

Vivia de esmolas, passando fome e sofrendo os rigores do inverno sulino, por falta de roupa e coberta, num barraco miserável. Roupa minguada, rasgada, suja e fedorenta.

Com oito anos, saía pelas ruas da minha cidade, junto com alguns companheiros de infortúnio, a bater de porta em porta, mendigando ajuda.



Nestes peditórios, em geral, era bem sucedido. Ganhava hoje um prato de comida; amanhã, um pedaço de pão; depois de amanhã, algum dinheiro.

**

Um dia, nessas minhas andanças, sofri uma decepção. A maior decepção de minha vida de marginal. Um tombo feio. Um tombo que seria o começo de uma série de trambolhões.

Bati à porta de bela moradia de um dos maiores empresários da cidade. A esposa deste empresário costumava me atender muito bem, dando-me sempre alguma ajuda. Infelizmente, nesse dia, quem me recebeu foi o seu marido, o seu Alfredo, que era uma fera para os pequenos marginais.

Quando o Seu Alfredo abriu a porta e me viu, levantou a voz, esbravejando blasfêmias na língua dos gringos: *Brutti negri, maledeti!* Vão trabalhar, vagabundos!

Eu saí correndo, mas uma pedra me acertou nas costas, e logo, duas balas passaram assobiando perto dos meus pés, sobre o calçamento da rua.

A violenta pedrada me deixou a marca nas costas. Marca que até hoje conservo e que irá comigo à sepultura.

Qualquer pessoa, por mais educada e cristã que fosse, se revoltaria, diante de um gesto de tanta selvageria. Imaginem, então eu, um pequeno marginal, criado na escola dos marginais, vivendo a filosofia dos marginais.

**

Pois o demônio tomou conta de mim. Fiquei um demônio. Um diabinho. Jurei vingança. Vingança diabólica, infernal. Jurei que haveria de matar aquele bruto. Fiz promessa. Promessa solene. Fiz promessa de matá-lo. De matá-lo com a mesma arma com que ele acabava de me atirar.

Na execução do meu plano diabólico, eu tive sorte. Tive a



proteção, não do céu. Tive a proteção do demônio. O demônio que nessa negra empreitada me abençoou escandalosamente.

O que me parecia quase impossível, tornou-se a coisa mais fácil do mundo. Entrar na casa do Seu Alfredo sem ser visto e sair dela com o revólver, foi uma façanha espetacular, de que até hoje me admiro.

Não tive mais sossego. Não pensei mais em nada. Eu só queria entrar na casa do Seu Alfredo e sair dela com o seu revólver. O revólver com que ele me havia atirado duas vezes. Com esse revólver eu haveria e matá-lo.

Durante alguns dias, às escondidas, nas proximidades da suntuosa casa, estive espreitando uma oportunidade. Ao cabo de uma semana, fiquei sabendo que de manhã o Seu Alfredo saía para a sua empresa os filhos iam à escola, ficando em casa apenas a D. Ernesta, com o filho menor e a empregada.

Um dia, por volta das dez horas da manhã, escondido por trás das árvores da avenida; vi com alegria a D. Ernesta sair de casa junto com o filho menor e a empregada, deixando a casa deserta.

A casa ficou deserta, mas fechada à chave e, nos fundos, bem guardada por enorme cachorro policial. Um cachorrão medonho, capaz de estraçalhar um adulto, não apenas uma criança como eu.

Mas eu ignorava a presença do animal. Fui penetrando afoitamente, pela garagem, aos fundos. Num pulo passei da garagem à cozinha, sem que o cachorro desse por mim. Devia com certeza estar dormindo, providencialmente.

**

Atravessei duas salas ricamente atapetadas e mobiliadas. Andei por um corredor, de onde avistei a cama de casal, coberta com colcha dourada. Penetrei no belíssimo quarto, carpetado e

perfumado. Abri uma gaveta da cômoda. Fiquei radiante. Lá estava o revólver. Um revólver pequeno, de cano curto, calibre 22. Fácil de levar escondido no bolso das calças.

Estava carregado. Ao lado, uma caixa de balas. Agarrei a arma e a caixa de balas. Enfiei nos bolsos.

Minha alegria não parou aí. Na mesma gaveta estava uma faca prateada, com bainha floreada. Vendo aquela faca, tive uma ideia. Uma ideia ingênua, infantil. Uma ideia absurda, diabólica, infernal.

Com o revólver eu mataria o Seu Alfredo. Em seguida, com a faca, lhe abriria o peito, para verificar se ele tinha coração...

Meti a faca na cintura, por baixo das calças, o cabo encoberto pela camisa. E saí, triunfalmente. Num pulo, estava na garagem. O cachorro, amarrado por longa corrente, disparou atrás de mim, sem conseguir pegar-me. Levei um susto, do qual me refiz em seguida, por que eu acabava de realizar uma façanha espetacular.

**

De posse do revólver, eu vibrava, prelibando uma segunda façanha, que era derrubar o Seu Alfredo com a sua própria arma, a arma com a qual ele me havia disparado dois tiros.

Eu cuidava que matar o Seu Alfredo seria fácil, mais fácil do que entrar em sua casa e furtar-lhe o revólver, a caixa de balas e a faca. Mas eu estava enganado, redondamente enganado. Matar o Seu Alfredo seria para mim a empreitada mais difícil do mundo. Empreitada impossível de realizar.

Sabia eu que o Seu Alfredo, aos sábados e domingos, à noite, ia ao cinema, no Cineteatro Guairacá, de Dileta Cunha e filhos, hoje desativado, estando o prédio ocupado pelo Banco Meridional e pelas Lojas Volpato. Na frente do cinema, na avenida Afonso Pena, árvores frondosas ofereciam ambiente favorável para



me ocultar, horas mortas da noite, e dali disparar a arma sem ser visto.

No primeiro sábado, fiquei mais de uma hora zanzando por ali, à espera do final da sessão cinematográfica. Por volta das 11 horas, o alto-falante abriu a goela, transmitindo forte a música “Guanada” com a qual era dado sinal de começo e fim de espetáculo.

Fiquei vibrando. Sufocando a emoção e o nervosismo, postei-me, de revólver em punho, atrás de uma palmeira, na qual me escorei para fazer pontaria.

Sem demora, reconheci o Seu Alfredo no meio da multidão, trajando um terno claro, axadrezado. Vinha saindo do cinema conversando com os amigos. Levantei a mão e fiz pontaria.

Aguardei que ele se afastasse dos companheiros, que eu poderia atingir com uma bala, sem querer. Mas ele foi andando sempre ao lado de outras pessoas.

**

Desapontado, fiquei aguardando o dia seguinte, domingo. Outra decepção. Tudo correu como no sábado. O Seu Alfredo, sempre perto de amigos, saiu da casa de espetáculos e foi seguindo para o café.

No outro sábado e no outro domingo, repetiu-se a minha frustração, sempre pelo mesmo motivo. Foram cerca de dez tentativas, sempre em vão.

Resolvi mudar de lugar de espera. Coloquei-me diante na primeira esquina, diante da loja do Seu Amadeo Scalabrin, escondido no meio da profusão de árvores da avenida. O Seu Alfredo, que nunca faltava ao cinema, veio saindo e descendo a rua, acompanhado da esposa.

Fiz pontaria. Não sei por que, a mão começou a tremer. Assim a tremer, eu poderia atingir a esposa, coisa que de maneira



nenhuma poderia consentir, pois D. Ernesta foi sempre muito atenciosa e generosa para mim. Mais um fracasso.

**

Ainda com o pensamento em buscar novos meios para atingir meu objetivo, naquela mesma semana sobreveio um fato decisivo nos rumos de minha vida. Fui recolhido à Casa do Menor Abandonado.

Fui para lá, mas não perdi a esperança de assassinar o Seu Alfredo. Por isso, levei comigo o revólver, as balas e a faca. No dia seguinte, temendo vir a ser descoberto com aquele meu pequeno arsenal, tratei de escondê-lo no mato próximo, pertencente àquela instituição.

Lá no mato, descobri um oco de árvore e nele encafuei minhas armas. Cada semana eu ia lá ver se não tinham desaparecido. De vez em quando, eu lubrificava o revólver e a faca com óleo das oficinas mecânicas, para que não enferrujassem.

Fazia uma semana que eu me encontrava internado na Casa do Menor, quando assumiu a direção o professor Idílio Biavatti. Era um jovem, solteiro, baixinho, forte, mas extremamente simpático e apaixonado por menores carentes.

No primeiro dia, ao vê-lo chegar, nós até ficamos com algum receio dele. Mas chegou sorrindo e distribuindo balas e frutas para nós. Todos ficamos logo gostando do professor Idílio.

Formado em Técnicas Agrícolas, tratou imediatamente de transformar o vasto terreno da Casa do Menor numa lavoura imensa. Plantou árvores frutíferas, figueiras, laranjeiras, macieiras, pessegueiros e um vinhedo.

A horta, que jazia abandonada, transfigurou-se numa linda sementeira em flor. Com os produtos hortigranjeiros dela, nós abastecíamos os supermercados da cidade.

A seguir, organizou um aviário, com centenas de galinhas



poedeiras e de corte. Então, para nós, era aquela fartura de ovos e carne de frango. Três vacas de leite. Um chiqueirão com dezenas de porcos da raça Duroc. Cada três meses, abatíamos um porco de 300 quilos, que nos fornecia carne, linguiça, salame, banha e dinheiro.

De toda essa enorme abundância de produtos da lavoura, do aviário, das vacas e da porcada, nós é que aproveitávamos. Uma fartura colossal! Coisa que nunca ninguém vira antes da chegada desse novo administrador.

**

Depois das aulas, o professor nos acompanhava nos trabalhos da terra, ensinando-nos a plantar, colher milho, batatas, feijão...

Um dia estávamos nós lá na lavoura junto com o professor Idílio, quando chegaram duas distintas senhoras da direção da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), de Porto Alegre. Vendo ali o professor, trabalhando na terra, com as mãos sujas, cuidaram que se tratava de um empregado qualquer.

- Escute, moço – disseram elas - por favor, pode nos chamar o diretor?

- Pois não - respondeu o professor. - Vamos entrar.

Elas entraram, sentaram na sala, enquanto o professor foi lavar as mãos, para, em seguida se apresentar.

- Mas e o diretor? - insistiram as senhoras.

- O diretor - respondeu humildemente o professor - o diretor sou eu mesmo. Desculpem.

Elas confessaram depois, que ficaram muito bem impressionadas, por ver um diretor, de mãos sujas trabalhando na lavoura.

Nós ficamos querendo muito bem ao professor Idílio. Era o



nosso grande amigo. O nosso pai. A nossa mãe. Era tudo para nós. Mas não deixava de ser exigente. Não tolerava abusos e desordens. Depois de um malfeito nosso, vinha logo o castigo, que nós aceitávamos com agrado.

Uma noite, depois de nos acomodar no dormitório, o professor foi visitar o pai, que aniversariava naquele dia. Nós aproveitamos a sua ausência para nos divertir. Quando ele retornou, o dormitório estava virado num campo de batalha, cujas balas, de grosso calibre, eram os travesseiros.

O professor não gostou. Chamou-nos para fora. Mandou que ficássemos só de calção, todos em fila. E, agarrando um balde de água, nos deu um banho naquela noite fria de inverno.

A seguir, ordenou: E agora, todos já no mato a carregar para aqui aquela árvore que o temporal derrubou. Amanhã vocês vão transformá-la em lenha.

Lá fomos nós, de noite, uns resmungando: Mas, professor! Na escuridão da noite, a árvore parecia uma enorme folha carregada por formigas, movimentando-se lentamente.

**

Uma série de episódios interessantes, ocorridos na Casa do Menor com o professor Idílio, durante o tempo em que lá permaneci, mereceriam registro. Vai apenas um.

As normalistas de uma Escola Rainha da Paz costumavam visitar a nossa casa, a fim de prestar alguma ajuda, nas aulas de catequese. Pois uma dessas estudantes, aos poucos, foi se apaixonando pelo professor Idílio, que naquele tempo ainda era solteiro.

Vai até que um dia ela não se contém e larga na cara dele uma declaração de amor:

- Professor, eu gosto muito de você; mas não suporto vê-lo aqui entre os marginais.



O professor não gostou da segunda parte dessa declaração de amor. E protestou com veemência:

- O quê? Marginais? Marginais coisa nenhuma, minha filha! Então você não sabe que estes meninos são filhos da alta sociedade? Sim, senhora, filhos da alta sociedade, embora nascidos quase todos na zona do meretrício! Você quer ver uma coisa?

O professor foi para perto dos garotos que jogavam bola e gritou:

- Flávio, venha cá.

O rapazinho, a cabeleira desgrenhada, suando dos pés à cabeça, chegou correndo e parou diante do professor, ao lado da normalista.

- Minha filha - falou o professor - está vendo esse "marginal"? Olhe bem para cara dele. Veja os traços fisionômicos. Não é parecido com você? Pois este marginal, minha filha, é teu irmão.

- Que horror, professor! - exclamou a normalista.

- Sim, senhora, é teu irmão. O pai dele é teu pai. O teu pai em carne e osso, embora a mãe seja uma prostituta.

- Ai, professor, não diga uma coisa dessas! - tornou ela, começando a chorar.

Era a pura verdade. Verdade nua e crua. Mais tarde fiquei sabendo que o professor não estava mentindo... Naquele momento eu fiquei com pena dela. Aquela distinta normalista sofria ali, diante de nós, a mais arrasadora humilhação.

No dia seguinte, ela retornou à Casa do Menor. Veio sozinha, de automóvel. Trazia um enorme embrulho, que entregou ao diretor. Era uma coleção de finíssimos lençóis. Uma dúzias de lençóis, que ela oferecia para nós, os pequenos marginais, um dos quais era seu irmão.



**

O professor Idílio gostava muito de nós. Gostava tanto daquele seu cargo, gostava tanto da Casa do Menor, que um dia, correndo boato que a casa poderia cerrar suas portas por falta de recursos e de colaboração da sociedade local, declarou para o presidente da entidade mantenedora:

- Se a sociedade não quiser colaborar, não será por minha causa que esta casa vai fechar. Venderei meu carro e uns terrenos que tenho, para sustentá-la.

O professor dispunha de uma camionete "Brasília". Era de sua propriedade. Com ela, em várias viagens, nos levava ao centro da cidade. Levava-nos a festas. Levava-nos à missa. Por vezes, levava-nos junto de uma casa em construção para descarregar tijolos dos caminhões.

Fazia todas estas viagens por própria conta. Nunca pedia à entidade mantenedora dinheiro para o combustível. Tudo corria por conta do seu minguado salário de professor.

**

Decorrido algum tempo, eu ainda vinha alimentando a esperança de matar o Seu Alfredo. Volta e meia, ia examinar minhas armas, escondidas no oco da árvore. Elas lá continuavam bem guardadas, à revelia do professor, à revelia de todo mundo. Nunca falei nada a ninguém acerca do meu plano sinistro e acerca do revólver.

Certo dia, como fazia quase sempre aos domingos, o professor nos levou à missa na Matriz de Santo Antônio. Pois essa missa foi o começo da minha salvação, da minha conversão.

Durante a homilia, o Vigário, o Frei Mateus Dolzan, da ilustre família Dolzan, da terra, falou a respeito de um assunto que muito me interessou. Falou do valor da vida humana. Falou da preciosidade da nossa personalidade. Disse que ninguém pode



tirar a vida de ninguém. A gente não pode tirar a vida de si mesmo e nem tirar a vida dos outros. Esse direito pertence a Deus, exclusivamente a Deus.

Fiquei pensativo. Pensativo e preocupado: Então eu não posso tirar a vida do Seu Alfredo. Não posso, embora ele tenha tentado tirar a minha vida.

Naquela noite quase não dormi. Não tive mais sossego. Resolvi tirar aquele peso que me esmagava a alma. Resolvi abrir-me para professor Idílio. Foi o que fiz naquela segunda-feira. Uma segunda-feira histórica:

- Professor – falei - eu tenho uma coisa muito importante para lhe contar. Mas estou com medo.

- Com medo de quem, Roberto? Então tu não tens confiança no teu diretor?

- Eu tenho, professor. Mas estou com medo de que aquilo que vou contar chegue aos ouvidos de outras pessoas. Gostaria que o professor guardasse segredo.

- Claro, meu filho. Eu tenho obrigação de guardar segredo profissional. Podes ficar descansado, Roberto.

**

Animei-me de coragem e fui desenrolando minha história. O professor foi ouvindo tudo atentamente. Por vezes ele sorria e dizia: Está bem, e depois? Por fim, convidou:

- Roberto, vamos lá no mato ver o revólver.

Fomos. Estava tudo em ordem. O revólver, a faca, as balas. O professor, querendo testar a arma, puxou o gatilho e pum! Saiu um tiro forte que me fez tremer. Olhei em redor. Não, não havia ninguém por perto.

- Roberto, - falou o professor - agora tu ficas rezando, que o professor vai fazer uma coisa muito importante.

- Professor, - exclamei assustado - o senhor não vai querer me denunciar?

- Nada disso, meu filho. Por amor de Deus! O professor nunca faria uma coisa tão absurda.

Mas então o que é que fez o professor? Pois na noite daquele mesmo dia, ele foi à casa do Seu Alfredo e contou toda a história.

O Seu Alfredo, ao tomar conhecimento do meu assalto, do roubo e da tentativa de homicídio contra ele, enfureceu-se e exclamou:

- Eu quero saber quem é esse bandido. Ele vai me pagar.

- Calma, Seu Alfredo, - disse o professor. – Calma. Esse moreninho pode ser teu filho. E, se você, por acaso, não for o pai dele, seja pelo menos o seu padrinho.

- Nem falar, professor!

- Seu Alfredo, você deve dar graças a Deus por não estar morto. Por isso, você deve ajudar o guri a se recuperar. Eu vou trazê-lo aqui para lhe devolver o revólver.

Na noite seguinte, lá fomos nós, o professor e eu, à casa do Seu Alfredo. Eu ia com certo receio, em que pese toda a confiança que o professor me dava.

Entramos naquela casa de tantas recordações para mim, de tantos sobressaltos. Era a mesma casa, atapeta com os mesmos lindos tapetes floridos. A mesma mobília.

Sentamos na sala principal. O professor falava. Falava da sua obra. Falava de outros casos acontecidos com os garotos da Casa o Menor.

Eu, em silêncio, refletia nas voltas que a mundo dá. Nas surpresas que nos reserva. Que transformação a nossa! Éramos dois inimigos de morte, eu e o Seu Alfredo. Agora nos tornávamos



amigos...

Eu refletia na radical mudança da minha mentalidade de marginal. Um marginal de revólver em punho, fazendo pontaria, e agora, um manso cordeiro...

O Seu Alfredo, outro valentão como eu, que antes dava tiros de revólver contra os moleques da rua... O Seu Alfredo era outro cordeiro. Um leão transformado em cordeiro.

Eu não falei nada. Não disse uma palavra. Por fim, chegando o momento de entregar o revólver, eu queria falar, queria pedir perdão. Mas não pude abrir a boca. As lágrimas me saltaram aos borbotões e me sufocaram...

O Seu Alfredo, ao receber a arma e a caixa de balas de minhas mãos, deu-me um forte abraço e um beijo. Ele também não resistiu à emoção. Rompeu a chorar feito criança...

D. Ernesta abraçou-me apertadamente, beijou-me sofregamente. Ela estava banhada num mar de lágrimas, ali diante do olhar satisfeito do professor...

Aquele foi o momento mais sublime de toda a minha vida. O momento do perdão e da reconciliação...

**

A seguir, o professor disse:

- A faca, Seu Alfredo, eu vou guardar. Vou guardar como recordação dessa história, que está acabando tão lindamente.

- Está bem, professor. Pode ficar com ela. Devo-lhe muita obrigação.

Imediatamente, o Seu Alfredo puxou da carteira e entregou dois mil cruzeiros. Dois mil cruzeiros que época era muito dinheiro.

Dias após chegou na Casa do Menor e me entregou mais cinco mil cruzeiros. Fez mais. Levou-me um dia à casa Renner e me comprou um belíssimo terno azul claro. Nunca na vida eu havia



vestido roupa tão bonita. Com ela no corpo eu me sentia gente.

Entretanto, para que eu pudesse me realizar plenamente na vida, o professor conseguiu que eu trabalhasse na agência local da Caixa Econômica Federal.

Estudava de manhã e de tarde trabalhava na Caixa. O gerente da Caixa, instruído pelo professor, dava-me serviço de responsabilidade. Entregava-me dinheiro para transportar a outros bancos. Uma ocasião fui buscar no Banco do Brasil vários milhões de cruzeiros. Tão grande a confiança que em mim depositavam!

Esta escola, a Caixa Econômica, completava minha recuperação e minha formação, para as lides futuras. Formei minha personalidade. Tornei-me responsável.

**

Estava recuperado. Eu já era um marginal recuperado. Estudei mais alguns anos, depois que deixei a Casa do Menor em Lagoa Vermelha. Fui a Farroupilha, uma cidade altamente industrializada, com centenas de fábricas de calçados. Fiz concurso e fui aprovado.

Mas não parei aqui. Dois anos mais tarde, novo concurso numa importante empresa de Caxias do Sul. Fui aprovado com louvor. Empreguei-me nesta firma. Fui subindo de posição, até chegar ao posto de subgerente e sócio.

Casei com uma professora, descendente de imigrantes italianos, os bravos pioneiros que desbravaram este sertão alpestre e levantaram esta bela metrópole do trabalho e da indústria.

Construí minha casa, uma pequena mansão. Ao lado mandei erguer uma casinha para moradia de minha mãe. Desde que eu comecei a trabalhar na Caixa Econômica Federal, passei a ajudar minha mãe. Fui ajudando, até que consegui retirá-la do inferno da prostituição. Então, como aconteceu comigo, fui levando-a do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao



céu, onde vive feliz graças ao seu filho que de marginal se transformou num pequeno empresário.

**

Mas a minha história não acaba aqui. Falta um detalhe importante, que vai deixar todo mundo de boca aberta. Não posso deixar de contar.

Quando o Seu Alfredo me ofereceu aquele bellissimo terno da casa Renner, fui um domingo visitar minha mãe. Mui bem trajado, com aquela finíssima roupa a, presente do Seu Alfredo.

A mãe ficou muito contente ao ver-me tão bem vestido. Mas, como eu ainda não trabalhava na Caixa Econômica Federal, quero dizer, ainda não ganhava ordenado algum, ela ficou estranhando e quis saber a origem daquele terno.

Até aí eu havia ocultado tudo à minha mãe. Ela ignorava inteiramente o incidente da casa do Seu Alfredo. Ignorava a pedrada que recebi nas costas. Ignorava os tiros de revólver do Seu Alfredo contra mim. Ignorava o furto do revólver. Ignorava tudo, tudo.

Agora, está claro, fui obrigado a contar toda a história. Pois a mãe, que ouvia atentamente, fazendo exclamações de horror, quando falei no nome do Seu Alfredo, ficou perturbadíssima. E começou a chorar.

- Mãe, não chore - disse eu. - Eu estou recuperado. Eu já me penitenciei. Pedi perdão.

- Não, meu filho, não é por isso que estou chorando.

- Por que então, mãe?

- Por causa do Seu Alfredo.

- O que tem o Seu Alfredo, mãe?

- Pois você sabe, Roberto, quem é o Seu Alfredo?



- Agora ele é meu padrinho.

- Não, Roberto. O Seu Alfredo é teu pai. Juro por Deus, ele é teu pai...



18 - A NORMALISTA

O professor Idílio Biavatti, ex-aluno do autor deste livro, ex-diretor da Casa do Menor Abandonado da cidade gaúcha de Lagoa Vermelha, e, atualmente (1991), atuando na Escola Agrícola "Desidério Finamor", possui um repertório de façanhas por ele levadas a efeito à semelhança da recuperação do pequeno marginal, história narrada no capítulo anterior.

Diz ele: Sinto prazer em andar em busca da ovelha tresmalhada, do menor abandonado, do menino delinquente, da moça transviada... Para afastar alguém da beira do abismo, sou capaz de morrer todos os riscos, de fazer as maiores despesas...

Hoje vou contar o caso da normalista que esteve às portas do inferno da prostituição, e consegui arrancá-la das garras do demônio.

Foi assim: Entrei um dia no bar do Seu Moreira, que ficava defronte da Escola Normal Rainha da Paz, perto da antiga Estação Rodoviária da família Bigarella. Sentados à mesa, tomando cerveja, três rapazes conversavam animadamente, planejando um programa para a noite. Prestei atenção e ouvi:

- Hoje de noite, nós vamos faturá-la. É a primeira noite dela no cabaré. Não podemos perder aquela linda flor do campo.

Percebi logo que falavam da Ana, a normalista que acabava de ser expulsa da escola, por sua conduta irregular. Inexperiente da vida, a coitada acabou nos traiçoeiros do demônio.

A conversa da pequena cidade agora era o triste destino da infeliz normalista - a prostituição. Aquela seria a sua primeira noite de inferno.

Ela não merecia tamanho castigo, destinada que estava a ser uma excelente professora. Flor de garota. Loira. Linda. Filha de



colonos de origem italiana. Pensei comigo: não posso perder tão bela oportunidade de praticar uma boa obra, salvando esta menina. Eu vou lá. Custe o que custar. Vou arrancá-la das garras do demônio. Vou livrá-la da boca do inferno.

De noite, tomei o táxi do Seu Fausto e me mandei para a zona. Cheguei na hora exata. Na hora H. Ana acabava de entrar naquele meretrício, que era uma casa de madeira, pintada de vermelho, à beira da BR-285. As paredes exibiam furos de bala e talhos de facão.

A garota encontrava-se na sala de recepção, à espera de ser conduzida para o aposento. Eu já a conhecia. Aproximei-me. Perguntei por que estava lá. Ela, ao ver-me, sentiu-se como envergonhada. Ruborizo-se e começou a chorar. Abafando os soluços, principiou a falar:

- Professor, eu não tive outro jeito. Eu amava e ainda amo o Otávio. Mas ele me desprezou. Aproveitou-se de mim. Naquele dia, ele me convidou a beber. Bebi demais. Fiquei transtornada. Perdi a cabeça. E ele não teve pena de mim.

Abafou um gemido e prosseguiu: Estou grávida há três meses. As freiras me expulsaram da escola. Os pais me expulsaram de casa. Os pais de Otávio são contrários ao nosso casamento. Otávio, por fim, me jogou na rua da amargura. Professor, eu não queria vir parar aqui. Mas não tenho onde ir. Sou obrigada.

- Ana - falei - você não vai ficar aqui. Nem falar. Por amor de Deus. Isto aqui é o inferno. Você não pode ficar aqui nem mais um minuto. Eu vou levar-te e darei um jeito para te colocar em casa de meus parentes. Depois vamos tratar da tua recuperação. Você tem um futuro brilhante, Ana. Não pode perder-se. Perder-se nesta casa imunda, lugar de crimes e pecados.

Fui logo falar com D. Tanara, a proprietária do cabaré. Mulher gorda, alta, possante, de olhar feroz, de vestido



extremamente decotado.

- D. Tanara, - menti - esta moça é minha prima. Não posso permitir que fique parando aqui.

- Professor, - respondeu, arrogante. - A Ana é minha. Você, não vai meter a mão nela, ouviu? Era só o que faltava, agora que a primeira normalista entra nesta casa.

- Vou, sim, D. Tanara, - respondi. - E é já.

Agarrei a moça pela mão. Aí, a dona do cabaré, de faca em punho avançou contra mim, feito uma fera, berrando improperios. Passei a mão na primeira cadeira à vista e com um golpe violento amontoei-a num canto da sala.

Enquanto ela se refazia do tombo, agarrei a Ana com uma mão. Com a outra peguei sua mala. E ambos voamos porta afora, onde o Seu Fausto nos aguardava com o táxi.

- Toca depressa, Fausto, - gritei, enquanto D. Tanara tentava abrir a porta do carro, aos berros.

O motorista achou muita graça e falou:

- Professor Idílio, mas você hoje está de malandragem não é?

- Estou, sim, Seu Fausto. Esta é minha. Esta eu não vou perder.

**

Fui direto para a pensão do Seu Moisés Maschio, ali perto do Posto Texaco. Vendo-me com aquela linda garota, ele também pensou bobagem a meu respeito.

- Moisés, quero falar com tua mãe. Assunto importante.

A sós com D. Emília, narrei o drama da normalista e a minha tentativa de salvá-la. Ela ouviu atentamente, comoveu-se e chorou dizendo:



- Professor, pode contar comigo. Deixe aqui a moça.

- É só por uns dias, D. Emília, - acrescentei.

No dia seguinte, viajei para Vacaria, distante 75 quilômetros. Lá tenho uma tia materna. Entrei logo no assunto:

- Tia, é o seguinte. - E narrei a história, solicitando a compreensão e ajuda. A tia também se comoveu, chorou e disse:

- Meu querido sobrinho Idílio, pode contar comigo. Nós estamos sozinhos. Precisamos de alguém que nos acompanhe e ajude. E se a criança nascer, nós a criaremos, com todo o carinho, com todo o amor, com muito prazer. Para nós será uma grande alegria, uma festa, agora que nossos filhos casaram e se dispersaram pelo mundo.

Ana passou então a morar com os tios, a quem ajudava na lida da casa. Decorridos seis meses, nasceu um lindo menino, foi um presente do céu para eles.

Por conta dos tios Ana reencetou seus estudos na Escola Normal São José.

**

A situação de viver o resto da vida na condição de mãe solteira, além de constrangedora para Ana, não estava nos meus planos. Minha missão não estava concluída. Como Ana continuasse disposta a casar com o Otávio, fiz das tripas coração. Queimei todos os cartuchos. Durante vários dias, sem me importar com o tempo e com o dinheiro, tratei do assunto.

Viajei pelo interior do município de São José do Ouro, à procura dos pais de Otávio. Moravam na colônia, numa bela propriedade rural. Um vasto prédio de madeira, estilo típico da zona colonial italiana do Rio Grande do Sul.

Um farto pomar de figueiras, pereiras, laranjeiras, macieiras, bergamoteiras, prolongava-se até o vinhedo. À sombra tão acolhedora, estacionei o meu jipe. E tratei logo de saber do



Otávio.

- O Otavio está na roça colhendo abóboras - informaram.
- Posso ir até lá falar com ele?
- Pode, sim. Mas por quê?
- Assunto particular.

O Otávio não me conhecia. Ao vê-lo, exclamei:

- Boa pinta, rapaz! Pelo jeito você, embora morando na colônia, deve ser um bom conquistador. Você é como eu. Já conquistei muita garota bacana.

O rapaz foi na conversa. Assim não foi difícil chegar até onde eu queria.

- Escute, Otávio, você está sabendo que é pai de um lindo garoto, que é a tua cara, sem tirar nem pôr? A coisa mais linda do mundo! Você não pode desprezar um filho tão lindo, Otávio. Sabe que tanto ele como sua mãe encontram-se sob minha responsabilidade. Mas você precisa colaborar. Você deve casar com a Ana.

- Nem falar. Meus pais não querem.
- Eu vou falar com eles.

Deixei meu endereço ao rapaz, dizendo:

- Fico te esperando, Otávio. Não me decepcione. Você vai ser feliz. Você ainda vai ser grande na vida. Vou te tirar da colônia. Você vai deixar dessa vida dura e obscura, embora honrosa. Eu vou te ajudar.

A seguir, falei com os pais do rapaz, que declararam serem contrários ao casamento do filho com a Ana.

- Vocês têm um neto que é um amor! - Um neto que será o vosso orgulho um dia. Podem ficar certos. Vosso neto será doutor um dia. E ele não pode continuar vivendo como filho de mãe



solteira. Vocês que são católicos devem fazer o possível para que se regularize a situação do vosso filho e do vosso neto.

Continuei falando durante mais de meia hora com aquele pai de família, um forte agricultor de mãos calejadas e rosto queimado. Prometi que arranjaría um bom emprego para o filho na cidade. Por fim, repeti: Vosso neto será doutor um dia.

Os pais declararam que iriam pensar, para depois resolver.

**

A batalha mais dura, a batalha mais renhida, foi com os pais de Ana, que também residiam no interior do município de São José do Ouro. Fortes agricultores, pertenciam à leva de imigrantes das velhas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Imigrantes que desbravaram o sertão da serra do rio Forquilha, afluente do Uruguai.

Os pais de Ana estavam furiosos com a filha. O pai esbravejava:

- Não queremos saber dessa filha ingrata, que desonrou nossa família.

- Meus amigos, - falei - o que aconteceu com vossa filha, poderia ter acontecido com vocês.

- Não. Nós somos gente de Igreja. Rezamos o terço todos os dias. Vamos à missa todos os domingos.

- Não importa. Se Deus quiser provar alguém, não adianta terço e missa. O que aconteceu com a Ana, pode ter sido mesmo um meio de promovê-la. Os caminhos do Senhor são cheios de curvas, de pedras e de espinhos.

Continuei falando, argumentando, até que chegou a hora do almoço e fui convidado a sentar à mesa. Família numerosa. Uma filharada linda, sadia, gorducha. Rapazes e meninas, em número de nove. Com a Ana seriam dez.



Mesa comprida, na vasta sala. O patrão sentou na ponta. No centro da mesa fumegava uma enorme e cheirosa polenta. Mesa farta. Uma canja gostosa. Depois, carne de galinha, de porco. Massa, arroz, verduras e um bom vinho tinto, fabricado em casa.

- Vosso neto - falei - será grande. Será doutor. Já imaginaram ter um neto doutor? Ele, o Robertinho, não pode continuar como filho de mãe solteira. Não pode. Então vamos legitimar a situação. Para vocês será uma honra. Desonra é deixar como está.

Os pais estavam calados. A mãe, volta e meia, enxugava uma lágrima. Eu continuei:

-O Otávio está de acordo em casar. Os pais dele também.

- Verdade? - perguntou o pai.

- A pura verdade.

- Escute, professor. E a nossa filha Ana como vai? - perguntou a mãe.

- A vossa filha estava indo pro brejo, numa casa de prostituição.

- Que horror! Verdade professor?

- A pura verdade. Mas eu ainda consegui salvá-la, arriscando a vida. Retirei a muque a Ana do cabaré e a coloquei em casa de meus tios em Vacaria. Lá ela está cursando a escola normal e, a seguir, vai graduar-se em Pedagogia. Será doutora.

- É mesmo? - perguntou o pai, arregalando os olhos.

- Pois é. A dura provação servirá para promovê-la.

- Ficamos bem agradecidos ao professor. E se é mesmo assim, que nossa filha seja feliz. Ela então terá o nosso perdão e a nossa benção. Por nós, ela está livre. Pode casar com Otávio.

- Muito bem. Fiquem rezando. Eu preciso que Deus me ajude nesta empreitada em que me meti. Desejo concluir esplendidamente a minha missão.

**

Decorridas algumas semanas, quando eu lecionava na escola de Pizzamilho, chega lá um dia o Otávio.

- Professor, - disse ele, soltando um fundo suspiro. – Estou resolvido a casar com a Ana.

- Muito bem, Otávio. Então, vamos lá, sem perder tempo.

Confiei os meus alunos aos cuidados da diretora da escola e me mandei para Vacaria, levando o Otávio no jipe.

Chegando diante da casa dos tios, falei:

- Otávio, dá licença. Vou entrar um pouco aqui nesta casa.

Entrei. Conversei com a tia em particular. Mandei entrar o rapaz, que sentou no sofá da sala. Fui à cozinha, onde Ana lidava com o fogão, e o Robertinho, sentado no chão, brincava com carrinhos.

- Ana, - disse eu - faça o favor de levar um copo de água para uma visita ali na sala.

Enquanto ela levava a água, numa bandeja, eu e a tia ficamos espiando por trás da cortina.

Quando ela deu com os olhos no Otávio, levou um choque tão forte, que deixou cair bandeja, copo, água, tudo. O rapaz ficou ali teso um instante. Depois se abraçaram e se beijaram.

Otávio teve então ocasião de ver seu filho. Tomou-o nos braços, cobrindo-o de beijos.

Tratou-se imediatamente da realização do casamento, que aconteceu dentro de algumas semanas, na Catedral de Vacaria.

Otávio, com apoio de meus tios, arranhou um bom emprego



na cidade. Ana, concluído o curso universitário, principiou a destacar-se no magistério e na sociedade local, sendo, atualmente, um dos elementos mais estimados e atuantes da comunidade. Roberto cresceu, matriculou-se no Colégio São Francisco das Irmãs Maristas, onde ocupa sempre as primeiras classificações.

De vez em quando, em Lagoa Vermelha, tenho o prazer de receber sua visita deste casal amigo. Visita de gratidão, de estima...

Otávio e Ana, com três filhos, constituem um dos casais mais felizes que eu conheço.



19 – O PINHEIRO

Era um pinheiro belíssimo, o estípite reto, torneado a capricho, sem nenhum galho perdido ao longo do tronco, a sombrinha da copa aiosamente aberta, redonda, no alto.

Imponente pinheiro-araucária, erguia-se, altivo, soberano, ali a 150 metros da BR-285, bem no topo da coxilha, como de encomenda, em missão decorativa.

Posto ali sozinho, no alto da colina, sem outro vulto arbóreo, na imensa desolação dos campos, era uma epopeia estonteante, em meio à paisagem deserta.

A coxilha, bem redonda, redonda como um seio, romanticamente revestida pelo veludo verde da grama nativa.

Não havia passante que não se empolgasse diante daquele poema bucólico, diante daquele atordoante deleite, daquele pinheiro solitário, sozinho no régio isolamento, derramando poesia na amplidão da campina.

**

Fora plantado ali, certamente, por uma gralha azul, quem sabe há quantos anos, cem talvez. A ave, obedecendo a um instinto natural, enterrara ali o pinhão, para comê-lo um dia, depois da safra.

Mas esqueceu o lugar. O pinhão, passado o inverno, germinou. O pinheirinho cresceu humilde, escondido no meio da grama, para, aos poucos, transformar-se num lírico ornamento da paisagem, daquela paisagem órfã de vegetação arbórea.

Abençoado esquecimento! Providencial esquecimento! Prodigioso capricho da natureza! A gralha, esquecendo o local do esconderijo, cumpria uma nobre missão em benefício de centenas



de outras gralhas, suas descendentes remotas de futuras gerações.

Acontece que por trás da coxilha, longe, negrejava um viçoso capão, dominado por altos pinheiros, fazendo sombra a um olho d'água cristalina e refrescante.

Era ali, ao redor daquela edênica fonte, no chão limpinho, sobre um tapete de folhas secas, que o caçador, vindo um busca de água, costumava descansar.

Pois daqueles pinheiros, durante a primavera, partia, voando nas asas do vento, o pólen fecundante, que fazia frutificar o solitário pinheiro, no alto da coxilha, à beira da estrada.

Então, no inverno, era aquela fartura de pinhão. Um pinhão enorme, de meio palmo de comprimento. Agora, as gralhas, aos pares, fazendo algazarra, vinham se banquetear nos galhos do pinheiro, plantado há tantos anos por outra gralha azul. Pra ver, no que deu aquele esquecimento.

Gralhas vinham aos pares, poucas; mas os papagaios chegavam em bando. Devoravam o pinhão, debulhavam a pinha, deixando cair punhados de pinhões, para um pequeno rebanho de bovinos, que todas as tardes se congregavam ali, ao redor do tronco, aproveitando a substanciosa ração.

**

A rodovia, de ambos os sentidos, corria reta, bem na direção do pinheiro, antes de formar a curva que contornava a coxilha.

Então, qualquer transeunte, mesmo o mais insensível, mesmo sem querer, recebia nos olhos aquele tremendo chicotão de poesia, que era uma mensagem de otimismo, de beleza, de esplendor.

Uma tarde, eu retornava para casa rumo do poente. Vinha cansado, entediado e adoentado. O sol descambava fulgurante por

trás dos coxilhões, incendiando o horizonte.

O pinheiro, naquele momento, recortava-se romântico, sublime, como uma cruz em T, contra o ocaso em chamas, num espetáculo apoteótico que me transformou fisicamente, espiritualmente, deixando-me num maravilhoso estado de higidez.

Quis, então, levar uma recordação daquele instante de bem-estar supremo e de soberba majestade. Estacionei o carro e colhi, numa foto colorida, aquela emocionante epopeia de esplendor.

Em seguida, observo que um lindo carro azul, com placa de Rio de Janeiro, estaciona ali no acostamento. Dele salta, festivo e radiante, um jovem casal. O marido, de filmadora em punho, coloca a esposa em cena, contra aquele fundo esplêndido. Faz rodar a máquina e grava um emocionante capítulo da história de sua viagem de lua-de-mel.

Outros passantes, muitos passantes, diante daquela irresistível fascinação, paravam à beira do caminho, para fotografar ou filmar o impressionante espetáculo daquele monumento da natureza.

**

Aquela maravilha da natureza, à beira da estrada, merecia continuar ali a deleitar os olhos dos transeuntes, com sua régia presença no meio da desolação da campina. Todos, mas sobretudo o proprietário da fazenda, deveriam zelar com carinho pela conservação daquele inédito enfeite da paisagem deserta, que tanto comovia os viajantes da BR-285, nos campos gaúchos de Cima da Serra.

Entretanto, um dia, passando por lá, senti no peito uma tremenda coraçãoada. O lindo pinheiro solitário havia desaparecido. Desaparecera da noite para o dia, misteriosamente, aquele incomparável quadro bucólico, que tão pitorescamente engalanava as margens da rodovia deserta, com sua majestosa



presença no alto da coxilha.

Agora, sempre que passo por lá, densa tristeza toma conta de mim, ao contemplar a coxilha deserta, tragicamente despida de sua finíssima joia. A indignação, a revolta, ruge, então, dentro de mim, contra o crime praticado. Uma raiva terrível contra o autor de tamanha maldade...

**

Numa de minhas viagens ulteriores, cruzando por ali, avistei, desde o extremo da rodovia, avistei junto daquele capão, o capão do olho de água cristalina, uma casa nova, de madeira, coberta de tabuinhas.

Fiquei sabendo, ao depois, que o filho do capataz da fazenda, resolvendo casar, fora quem deitara por terra aquele enorme e lindo pinheiro, para, com sua madeira, edificar o palácio encantado do seu amor.

Com as tábuas de primeira classe, erguera as paredes, distendera o telhado, repartira a cozinha, a sala, os quartos. Com a madeira de segunda, fabricara a mobília, a pequena mesa da cozinha, a mesa de jantar, a cama, o guarda-roupa, o guarda-louça, os bancos, as prateleiras. Com a madeira de terceira, ainda construía um pequeno galpão, o galinheiro e o chiqueiro.

Para a construção do palácio do Bonifácio, havia naquela grande e enorme fazenda muitos outros pinheiros. Havia milhares de pinheiros. Mas não havia nenhum tão bonito como aquele plantado pela gralha azul no topo da coxilha, à beira da estrada.

Então, por que o Bonifácio fora logo derrubar o pinheiro que se erguia, altivo e soberano, às margens da rodovia, em missão decorativa, para deleite de milhões de transeuntes da rodovia federal?

Lá fui um dia, disposto a desabafar minha revolta, despejando uma torrente de desacetos contra o Bonifácio, por

haver praticado o crime de destruir o maravilhoso pinheiro que fazia o encanto de tanta gente.

Cheguei lá e encontrei o capataz com a Maria muito felizes, bem instalados no palacete construído com a madeira do lindo pinheiro, que durante tantos anos, erguido no topo da coxilha deserta, saudava festivamente a todos quantos cruzassem por lá.

Vendo a felicidade do jovem casal de moradores da casinha, edificada com a madeira do majestoso pinheiro da beira da estrada, esqueci-me da ladainha de desaforos que havia preparado, para atirar ferozmente na cara do capataz. Esqueci-me porque naquele instante passei a partilhar da alegria daquele jovem, vivendo com sua Maria, no conforto macio daquele ninho quente, que ainda exalava o perfume de resina.

Pois é, plantado por uma gralha azul no topo da coxilha deserta, depois de festejar tantos viajantes, depois de alimentar gerações de gralhas, papagaios e bovinos, depois de morto, tombado no seu campo de luta, em que enfrentara de peito aberto às fúrias do minuano, cumpria outra bela missão, dando abrigo carinhoso ao jovem casal e, daqui a alguns anos, aos seus filhos.

**

Volvidos dois meses, no topo da coxilha deserta, que durante anos fora o verde pedestal daquele monumento vivo da natureza, começou a crescer um vulto arbóreo diferente. Um eucalipto.

Crescendo igualmente sozinho, sem companheiro algum, estendera galhos desordenados por todos os lados, revestindo o tronco de cima a baixo, sem outra beleza a não ser a beleza natural de todas as árvores.

Nem gralhas, nem papagaios, nem pássaro algum, vinham pousar em seus galhos. Nem bovino em busca de seus frutos.

Era uma planta exótica. Uma planta infrutífera, incapaz de



substituir a nobre missão do pinheiro. Uma árvore que nenhuma galha azul plantaria em chão brasileiro.

20 - TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO

O rapaz era pobre. Descendente dos tropeiros paulistas que povoaram os campos da Vacaria e os campos do Passo Fundo, podia ser um abastado pecuarista, senhor de milhões de léguas de campo e de milhares de cabeças de gado. Todavia, como ocorreu com a maioria desses descendentes, Gomercindo Vieira acabou marginalizando-se.

Sentia prazer em recordar a nobreza de sua origem. Não escondia que ele poderia ser rico, como foram seus antepassados. Dizia-se mesmo bisneto de alguns dos primeiros povoadores de Lagoa Vermelha e Barracão. Simão Lopes de Estilita, sogro de Francisco Ferreira Bueno, assim como Felipe de Sousa e Pedro Vieira Gonçalves, teriam sido seus ancestrais.

Morava no atual município de Barracão, proximidades da Reserva Florestal do Espigão Alto. O pai tinha lá sua pequena propriedade rural, uma rocinha, umas vaquinhas, um cavalo, porcos, galinhas.

Com a idade de 16 anos, Gomercindo empregou-se na serraria de Hilário Kohl, que era natural de Carazinho. O alemão chegara aqui com 15 anos. Chegou sem nada e quase analfabeto. Começou a trabalhar na serraria da família de Alcides Provenzi, hoje residente em Santo Antônio da Patrulha. Conquistou logo a simpatia do patrão, por ser correto e esforçado. Passados dois anos, assumia ele a gerência de uma serraria família Provenzi.

Com a idade de 20 anos, o Hilário estabelecia-se com indústria madeireira própria. Hoje ele tem várias serrarias, é pecuarista, granjeiro, comerciante e dono de uma frota de caminhões. Estudou por correspondência, podendo, com essa instrução, e por seu poder econômico, tornar-se um líder da comunidade local. Elegeu-se vereador, tendo sido até indicado



para candidato a prefeito.

**

Gomercindo, trabalhando na indústria madeireira do Seu Hilário, passou a admirar e invejar a espantosa evolução progressiva do seu patrão. Ele também fora pobre, tendo enfrentado rudes batalhas para atingir a privilegiada situação atual.

Dominado por espírito de emulação, Gomercindo sonhava seguir idêntico rumo de vida, ladeira acima, subindo, sempre subindo, até ficar rico. Era um sonhador. De tanto sonhar em riqueza, uma noite sonhou de verdade. Sonhou que ficara rico da noite para o dia. Sonhou com uma panela de dinheiro enterrada à beira de um banhado, perto da Reserva Florestal do Pontão.

A reserva do Pontão era uma ponta de serra que vinha da encosta do rio Pelotas e avançava pelo campo, colocando uma mancha negra em meio ao verde da campina. Um enorme pinhalão, que durante longos anos foi preservado como reserva estadual de pinho-araucária.

Os tropeiros paulistas, quando chegaram aqui, batizaram o lugar com o nome de Pontão, por causa dessa ponta de mato. Até o atual Passo do Barracão era conhecido por Passo de Pontão, no caminho das tropas.

No ano de 1848, o governo provincial mandou construir aqui um quartel para os guardas encarregados da cobrança do imposto do gado que saía para São Paulo e outras províncias, e também para defesa dos moradores contra os assaltos dos índios Coroados, numerosos e extremamente ferozes.

O engenheiro Afonso Mabilde, encarregado de aldear os indígenas e de alargar a estrada. A antiga estrada das tropas, aberta clandestinamente por volta de 1784, a fim de fugir da cobrança do imposto do Passo de Santa Vitória, no atual município gaúcho de Bom Jesus. Em 1818, o Major Atanagildo Pinto Martins, com 60 exploradores, abriu oficialmente o caminho, hoje

transformado na BR-470, com uma ponte gigantesca ligando Santa Catarina ao Rio Grande do Sul.

Ao lado do quartel foi construída uma capela, dedicada a Nossa Senhora das Dores. Principiou, então, a afluir gente, formando um povoado com o nome de Capela do Pontão. Entretanto, por causa do quartel, que era um enorme barracão de madeira, o povoado passou a ser conhecido pelo nome de Barracão, nome que acabou firmando-se definitivamente.

**

Perturbado por aquele estranho sonho, que lhe roubou a tranquilidade e o sossego foi um dia para junto da reserva do Pontão, na esperança de descobrir o banhado do sonho, o banhado do esconderijo da panela de dinheiro.

Com espantosa surpresa, deu logo com o banhado, o banhado do sonho. O mesmíssimo banhado, perto da reserva do Pontão. Banhado típico da região, no meio do campo, com alto macegão e muito caraguatá.

Ficou de perna mole o rapaz. Estaria ele realmente com sorte, prestes a se tornar rico, como por artes mágicas? Tornar-se dono, quem sabe, de uma fortuna. Excessivamente crédulo por natureza, convenceu-se de que era rapaz privilegiado e digno de tamanha bênção do céu, que seria decerto a recompensa de sua extrema ambição, de sua louca vontade de enriquecer.

Saiu logo à procura do proprietário do campo, convencido de que ele, o Seu Anastácio, lhe venderia aquele banhado a preço de banana, pois naquele tempo campo e gado tinham pouco valor.

O fazendeiro espantou-se com a absurda proposta do Gomercindo:

- Mas por que você quer comprar esse banhado horrível, onde nem ga
- Sabe, Seu Anastácio, é que me deu na cabeça que ali está enterrado um cabedal, uma panela cheia de ouro.



Anastácio soltou uma gargalhada, sacudindo os vastos bigodes:

- Mas, Gomercindo, decerto você sonhou, não é?

- Sonhei Seu Anastácio.

- E acredita no sonho?

- Acredito. É por isso que vim aqui. Desejo comprar o terreno. O banhado e uma tira de campo em redor.

- Pois olhe, Gomercindo, eu lhe vendo com prazer o banhado, um pedaço de campo e o mato, aquele belo capão ao lado, com altos pinheiros.

- Obrigado, Seu Anastácio. Eu não disponho de muito dinheiro. Vou comprar apenas o banhado e um pedacinho de campo. Mais tarde, quem sabe.

Realizado o negócio, ainda cegado pela ambição de enriquecer rapidamente, sem tanto esforço, tratou logo de abrir um valo perto do banhado, precisamente no local indicado pelo sonho.

Trabalhou afanosamente todo o dia. Trabalhou no dia seguinte e no outro, sem que lhe surgisse o menor sinal do enterro do cabedal. Nem mesmo o carvão, o carvão que os enterradores de dinheiro costumavam colocar para impedir o deterioramento do recipiente, da panela.

No terceiro dia, resolveu construir ali um rancho, onde pudesse passar as noites, sem ter de retornar a casa, e, desta maneira, trabalhar sem perda de tempo.

Sábado de tarde, o Anastácio, sempre incrédulo e rindo da ingenuidade do rapaz, foi vê-lo a trabalhar naquela lida extenuante.

- Mas, então, Gomercindo, que dê a panela do dinheiro? - perguntou, fingindo seriedade.

- Pois é, Seu Anastácio, aqui não existe sinal de enterro algum. Estou desconfiado que esteja mais para cá, mais perto do



capão. Se tivesse dinheiro, eu lhe compraria esse capão. Estou até com vontade de retornar ao meu emprego na serraria a fim de ganhar o dinheiro necessário para o negócio.

- E então, por que não vai?

- Sim senhor, eu vou.

E Gomercindo voltou a trabalhar na serraria do Seu Hilário. Passados dois meses, com o dinheiro do ordenado e um pequeno empréstimo, efetuou a compra do capão e mais uma tira de campo em redor. Capão lindo, com aqueles altos pinheiros, em cujos galhos os bugios e os papagaios faziam um barulhão infernal.

Instalou-se no velho rancho, que ainda permanecia de pé. E, agora, desde o clarear do dia até o anoitecer, foi abrindo um valo atrás do outro, deixando um montão de terra vermelha sobre a grama do campo. Parava apenas ao meio-dia para comer o seu feijão de panela.

Lá um dia, já um tanto desanimado, vendo aquele terreno esplêndido, beira de banhado e de mato, terreno excelente para uma lavoura, levantou um cercado e fez uma roça. Plantou milho, feijão, aipim, batata doce, abóboras.

Em pouco tempo farfalhava ali uma bela seara, exuberante e promissora, no meio da paisagem agreste, como flor em pleno deserto. Havia sempre o festivo canto de muitos pássaros. Sabiás, pombas e branca araponga, com aquela frenética martelada em bigorna. Perdizes e perdigões piando durante todo o dia. Veados pastando, passeando perto, mansinhos. Ao entardecer, o bando de curucacas voltava do campo, cacarejando, para empoleirar-se nos galhos dos pinheiros.

Recanto lindíssimo aquele para moradia. O rapaz, com seu espírito de ambição e criatividade, pensaram até ficar morando ali o resto da vida.

Aumentou o cercado e plantou mais milho e feijão.



Reformou o rancho e construiu ao lado uma pequena mangueira, com vistas numa vaquinha de leite.

Dono daquele capão de altos e grossos pinheiros decidiu vender alguns ao Seu Hilário. O patrão foi lá, mandou cortar os pinheiros e felicitou o rapaz pela escolha de lugar tão lindo para morar.

Colhido o milho, Gomercindo, com o dinheiro da venda dos pinheiros, comprou uma vaca, umas galinhas e um porquinho. Vendeu mais alguns pinheiros, e, com o fruto da venda, adquiriu outro pedaço de campo, aumentando assim a sua pequena propriedade rural.

Tratou, então, de construir uma casinha confortável, aproveitando a madeira dos pinheiros, que o Seu Hilário serrou de graça para o seu antigo empregado. Além da casa, construiu o galpão, o chiqueiro e o galinheiro.

Tudo correu tão depressa e favoravelmente, que quando se deu conta, já estava casada com a Maria Eugênia, uma ex-colega de escola, pela qual sempre andou apaixonado desde os tempos de garoto.

Quando nasceu o segundo filho, ampliou outra vez a sua propriedade, adquirindo alguns alqueires, com o fruto de sua lavoura e da criação. Dispunha agora de mais de meio milhão de metros quadrados de terra, entre campo, mato e banhado.

A jovem esposa era forte e trabalhadeira. Com sua ajuda, aumentou a lavoura, aumentou o rebanho, as galinhas, realizando sempre gordos negócios, com a venda de cereais, queijo, ovos, porcos e aves.

**

O tempo foi passando. Nasceram mais três filhos. Eram agora três rapazes e duas meninas. Filharada linda, sadia, disposta, criada naquela fartura de leite, ovos, carne de frango,



num ambiente saudável, respirando o ar puro da serra.

Os filhos, em seu devido tempo, foram recebendo instruções em escolas municipais e particulares. Quando o mais velho atingia a idade de 16 anos, iniciava-se na região a era da lavoura mecanizada. A pecuária, pouco lucrativa naquele tempo, cedia lugar à agricultura.

Não poucos criadores transformaram, então, seus campos de pastagens nativas em granjas de trigo, que ofereciam aquele sublime espetáculo de um oceano de ouro, ondulando ao sopro da brisa, ao sabor das coxilhas.

Gomercindo vinha irresistivelmente fascinado pela agricultura. Por isso, aderiu agora ao revolucionário movimento renovador da paisagem pampeana. Com empréstimo bancário, na época muito favorável, comprou um possante trator. Auxiliado pelos filhos, igualmente apaixonados pela mecanização da lavoura, que era uma extraordinária novidade, lavrou o campo de sua propriedade e mais uma parte do vizinho, por arrendamento.

Ao cabo de algumas semanas a manobrar o trator, ronco rompia o silêncio daquele sertão, em lugar do verde das pastagens, surgiu um poema vermelho de terra lavrada, enfeitado, aqui e acolá, por airosos capões pinheiros, guamirins e aroeiras.

Lançada a semente à terra, as planícies e as coxilhas tornaram a vestir-se de verde, um verde uniforme, obedecendo à simetria das carreiras formadas pela máquina semeadeira, dando a impressão de versos paralelos de um poema.

**

No mês de novembro, Gomercindo obteve emprestada a colheitadeira do Seu Hilário, a este tempo já forte granjeiro, e realizou o grande sonho: a primeira safra de trigo. Safra abundante, que lhe rendeu milhões, com os quais pôde saldar a dívida do banco, comprar uma caminhoneta Ford, levantar um galpão para a garagem e armazém.



Quando, no próximo ano, o trigo lourejava em nova promessa de fartura, Gomercindo sentiu-se na obrigação de agradecer ao Senhor o inestimável dom daquela safra de trigo, que nunca sofreu os insultos das intempéries e que colocava a ele, caboclo humilde e pobre, entre a classe dos abastados granjeiros do município.

Organizou uma festa. Carneou um boi gordo. Fez um grande churrasco, para o qual convidou os pais, os irmãos, os parentes, as autoridades, o Seu Hilário, o Seu Alcides Provenzi, os vizinhos e os amigos. Convidou o Pe. Alexandre, o vigário, para celebrar a missa de ação de graças.

A missa e o churrasco tiveram lugar à sombra aprazível de um capão, no meio da granja. Depois da missa, enquanto o churrasco assava, impregnando o ar de apetitoso odor, a comitiva saiu pare o alto da granja, de onde se descortinava, em toda a sua vastidão, em toda a sua beleza, em todo o seu esplendor, aquele oceano de ouro.

O trigal cobria toda a extensão do campo nativo, sendo, aos fundos, moldurado pela mancha negra da reserva do Pontão, oferecendo aquele contraste surpreendente e belo. O trigal bem louro, ondulando, e lá longe o petrume do grosso pinhalão.

Todos estavam encantados diante daquela maravilha estonteante. Todos felicitavam o proprietário, naquele dia bem trajado como um gaúcho. Bombachas luxuosas, botas reluzentes, lenço encarnado no pescoço, chapéu de aba larga, preso ao queixo por longo barbicacho.

Gomercindo, agradecendo as felicitações, contou então a curiosa história da origem daquela granja. A fantástica história do sonho, revelando o tesouro escondido no campo. Todos ficaram extremamente admirados e contentes.

Tomando então, a palavra, o sr. vigário, disse, com franco sorriso nos lábios:



- Amigo Gomercindo, feliz de você que acreditou no sonho. Você acreditou e fez o que diz o Evangelho. Você sabe, Gomercindo, o que diz o Evangelho?

- O quê, sr. Vigário - perguntou esbugalhando os olhos, numa incrível curiosidade.

- O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Você acreditou que nesse campo jazia um tesouro escondido. Comprou o campo e, depois de algum trabalho, descobriu o tesouro. Agora enquanto vai desfrutando o tesouro, colabora na construção do reino de Deus, dando ao povo brasileiro o pão nosso de cada dia.

Todos bateram palmas e abraçaram o novo triticultor do Barracão, o qual, de tão comovido, chegou a derramar uma lágrima.



21 – O NHANDU

Valentim soltou um suspiro de exultação. Pulou de contente. Até que enfim iria realizar o seu sonho, o grande sonho de caçador. Uma caçada de veado no campo. Quantos anos esperando, hem? Tudo porque o pai não ia com caçadas de guri. Caçador, só gente grande.

Atílio Rodrighieri, o pai, fora um dos fundadores da cidade gaúcha de Marau, juntamente com a família Borella, a fundadora da importante indústria de óleo de soja, atualmente do grupo Perdigão. Moço, ainda, Atílio imigrou de Veranópolis. Embrenhou-se nos matagais de Passo Fundo, em rocambolesca aventura enfrentando perigos de toda a sorte, dormindo ao relento, à mercê das feras, vivendo, muitas vezes, quase exclusivamente de caça e pesca, como bugre...

Foi o que lhe valeu trazer nas veias o sangue aventureiro dos caçadores... Até então vira apenas caça de mato: macucos, jacutinga, inhandu, pomba e muito bicho de pelo. Campo, caça de campo, só ouvira falar.

Marau é beira de campo. Campo de muita caça naqueles tempos. Atílio aprendeu logo a caçar perdiz, perdigão e veado. Em quatro paletadas, virou o maior caçador da paróquia. Difícil, quase impossível para ele errar um tiro em perdiz.

E como sabia caprichar com as armas! Sua casa parecia um arsenal de guerra. Apesar disso, durante anos, naquela casa, quem tocava nelas era apenas ele, o pai da família. Os filhos só podiam olhar para aqueles espingardões de dois canos. Olhar, sonhar, ficar com água na boca. Não adiantava insistir. O velho era mesmo irredutível. Guri não toca em arma.

Ao completar 17 anos, Valentim teve licença de dar o primeiro tiro. Tiro certo em perdigão. Ótima estreia venatória. O



rapaz saía igual ao pai.

**

Então, naquele domingo, ia tomar parte na primeira corrida de veado. A turma levantou cedo. Missa no convento dos capuchinhos, que a primeira da Matriz era tarde.

E a camioneta roncou, rumeando para as bandas do campo. Cinco caçadores e três cachorros veadeiros, estes sempre latindo, mortinhos por se atirar no rastro dos pardos e virás.

Valentim ia num alegrão sem fim, falando muito, perguntando tanta coisa. Chegava a tremer, tão louco que andava por encetar a aventura.

A caçada era no Tope, na divisa com Soledade. Cruzaram o rio Taquari e meteram-se pelo campo, que abria no meio de grosso pinhalão.

No alto do primeiro coxilhão, meia dúzia de avestruzes, pastando, recortavam-se contra a claridade do horizonte, onde o sol acabava de assomar.

- Não se pode caçar avestruz, pai?

- Claro que não se pode. É proibido por lei. Por que matar esse bicho inocente? Depois, a carne não presta. Só pra fazer sabão. O nhandu limpa o campo. Mata cobras, come insetos, gafanhotos. Inimigo número um dos gafanhotos.

- Mas eu, pai, qualquer dia vou pegar um vivo para criar em casa - esclareceu Valentim. - Matar, a gente não pode, mas pegar vivo ninguém proibe, não é?

- Você pegar avestruz vivo... é forte.

- Vai ver que algum dia eu vou laçar um bem grande. Vou pegar um casal pra fazer criação...

- E para tirar as penas - acrescentou o pai. - Penas de avestruz são preciosas. Servem para pôr nos chapéus das



mulheres, fazer espanadores... Os índios enfeitam seus cocares, suas tangas.

Valentim calou-se. Ficou pensando em como poderia pegar um nhandu vivo. Se desse jeito, pegaria ainda naquele dia.

O carro desceu o lançante. Cruzou a restinga de mato. Bandeou a sanga e enfiou-se pelo corredor. Um Corredor sem fim. Chanchãs piavam, assanhados, pulando de palanque em palanque. Na tronqueira, um ninho de João-de-Barro.

De repente, uma perdiz na estrada. Luís boleou a perna. Andou um pouco. Súbito, estoura a ave. Pum! Valentim, de um salto, passou o aramado e, todo importante, trouxe a caça, que foi destripando.

Um casal de seriemas, de bico erguido, fugindo. Quero-queiros dando seu grito de alerta. De repente, exclama Valentim:

- Olhem um avestruz no corredor. Vamos pegá-lo. Toca, Pedro. Apura.

A camioneta acelerou. O nhandu gambeteava zozinho. Tentou debalde passar a cerca de arame. Depois, aprumou o corpo e disparou num trotão galopado, esparramando as asas. O velocímetro do veículo marcou 50 km a hora, quando a ema já se encontrava a dois passos do carro.

- Não mate, Pedro. Vamos cansá-lo. Depois pegamos vivo.

No percurso de dois quilômetros, o motorista manteve 50 à hora. A ave, sempre naquele trotão, bombeando para trás, de esguelha, a cabeça de cobra pra cá e pra lá, pra lá e pra cá.

- Não tem vergonha, bicho? – gritou-lhe o Valentim, vendo as pernas compridas e nuas do nhandu. - Parece essas meninas de saia curta, deixando à mostra as calcinhas.

Assim que a ema ouviu esta reprimenda, despeitada ou envergonhada, tratou de pôr-se a fresco, atirando-se contra o alambrado. Forcejou, forcejou, e, por fim, passou, agarrando o

campo, floreiro, nomais.

O carro parou, feito bobo, pois a ave já ia longe. Deixa estar, nhandu de uma figa. Qualquer dia eu te pego - disse Valentim.

**

Uma vez, nos Três Pinheiros - contou o pai - encontrei num corredor um avestruz com uma grande ninhada de filhotes. Uns vinte, pelo menos. Parei o carro. O Brás e o Egidio Ferronato apearam e se largaram de atrás. Queriam pegar um filhote vivo. Parecia fácil. Fácil nada. Os bichinhos se distanciaram. A mãe cruzou o alambrado e o bando se desguaritou pelo campo.

- Vinte filhotes, pai? - Não faz por menos?

- De vinte a trinta. Mas outra vez que eu andava a cavalo no campo de Passo Fundo, vi um avestruz com uns doze avestruzinhos, bem pequenos. Uns cinco dias de vida. Larguei o cavalo a correr de atrás. O avestruz grande se viu louco. Esparramando as asas, corria de um lado pra outro. Naquilo, que é que eu vejo? Dois caranchos de penacho baixaram e pegaram dois nhanduzinhos.

- Não diga, pai!

- Pois é. O gavião de penacho persegue. Se o avestruz grande se descuidar, zás, pega e come os filhotes.

- Eu preciso contar um caso muito interessante, que aconteceu com o comerciante Dionísio Slaviero, ainda quando era motorista do caminhão do Ginásio Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha.

- Como foi, pai? Conte - pediu o Valentim.

- Pois um dia o Dionísio foi caçar pombas carijós na granja do Luís Tramontini, que é poderoso agropecuarista de Lagoa Vermelha e da Bahia. Ele foi caçar junto com os padres do ginásio.



O Dionísio estava escondido dentro de uma casinha de galhos de árvores, à espera das pombas que sentavam perto da chama posta no meio da granja. De repente, ele ouviu um barulho estranho. Vira a cabeça e vê, por entre a ramada, a cabeça de uma cobra enorme, pronta a dar o bote. Levou um susto e não teve dúvidas. Desferiu um tiro.

O bicho rolou com aquele barulhão. O Dionísio saiu da casinha e vai ver. Não era cobra nenhuma. Era um avestruz. Matou por engano, pensando que era cobra.

- Essa não, pai. Verdade?

- Verdade. Mas, para não perder aquela enorme caça, o Dionísio e os padres resolveram pregar uma peça às freiras do Hospital São Paulo. Depenaram a ave, retirando os quartos, que levaram para casa e entregaram no hospital, declarando tratar-se de carne de veado, que deviam assar.

As cozinheiras assaram os dois quartos. E as Irmãs com todas as funcionárias comeram e acharam a carne muito saborosa. A Ir. Manoelita disse então ao Dionísio: Quando tiver mais carne de veado como esta, traga para nós, pois é muito gostosa.

Passado um mês, o Padre Leopoldo foi lá no hospital e disse para a Ir. Manoelita: Irmã, aquela carne de veado que comeram e gostaram sabe de que era? Era carne de avestruz.

Pois a Ir. Manoelita declarou que naquele instante, um mês depois, teve vontade de vomitar...

Acontece que ela achava que carne de nhandu não presta para comer...

**

- Pai, - falou Valentim - é verdade que nhandu come cobra?

- Ah, come! Uma vez eu vi um nhandu com uma baita jararaca deste tamanho. Pegou e saiu com ela de arrasto. Foi

engolindo aquela enorme língua.

- É por isso que a gente não deve matar. É um benfeitor dos campos.

- Mas, o avestruz come de tudo. Tudo o que brilha ele come. Pedra, caco de vidro, dinheiro, relógio. Em Esmeralda, encontrei um dia o esqueleto de uma ema. Lá estava uma pedra. Ia digerindo no estômago. No Capão Bonito me contaram que um avestruz engoliu um relógio de bolso.

- E digere?

- Digere tudo. Relógio, libra esterlina, anéis. E sabe que é perigoso criar avestruz em casa?

- Por quê?

- Ele chega perto da gente, arranca os botões da roupa e mete o bico nos olhos das crianças.

- E o Valentim ainda quer pegar um vivo.

- Ah, pego! Mas eu cuido bem dele. Deixo fechado na mangueira.

- Vocês já viram ninho de nhandu? - perguntou Seu Atílio.

- Eu não. Como é? - perguntou Valentim.

- Faz o ninho numa cova de touro. Sem palha nem gravetos. Às vezes é mais de um avestruz que põe no mesmo ninho, como as galinhas. Já vi ninho com mais de vinte ovos. Um dia tirei um ovo. E sabe o que aconteceu? O avestruz esparramou com tudo. É só a gente tocar nos ovos, não precisa tirar. O bicho não quer mais nada.

- Que bobo, não é?

- Quando o nhandu está para pôr ou está chocando, solta uma espécie de resmungo. Um resmungo assim como de rês atolada no banhado. E quando está chocando, não sai do ninho



fácil. Quer dizer, ele sai para pastar durante o dia. Mas se a gente chega perto, não se mexe. Se a gente vai bulir com ele, a ave se atira de atrás, esparramando as asas e batendo o bico.

- Quanta coisa a gente aprende, não é pai?

- É também muito interessante como o avestruz arranja comida para os filhotes logo depois de descascar. Deixa um ovo fora do ninho. Quebra com o bico. Aí vem aquele mosquedo, que os nhanduzinhos vão comendo.

- Quantos dias os filhotes ficam no ninho, pai?

- Poucos. Uns dois ou três. Já saem pastando pelo campo.

**

Chegaram. Acamparam num lindo capão, onde um olho d'água borbulhava límpido e festivo. Descarregaram a bagagem, a carne para o churrasco. Amontoaram lenha e acenderam o fogo.

- Pedro, - explicou Atílio - você, enquanto prepara o churrasco, fica de espera por aqui. Quando a cachorrada der o sinal, já sabe, o veado vem vindo. O lugar aqui é muito bom.

E, voltando-se para Valentim:

- Você, que é recoluta, fica de espera no desfiladeiro. Eu vou com você até lá para mostrar onde é.

Saíram. Os cachorros, amarrados, inquietos, mortinhos por se verem soltos. Entre duas coxilhas de pedras, guamirins e aroeiras, abria-se o desfiladeiro. Uma garganta estreita, passagem obrigatória de veado corrido.

- Valentim, - diz o pai, chegando à boca do desfiladeiro. - Aqui é a tua espera. O pardo passa por aqui e você pode até pegá-lo à unha. Já sabe: quando a cachorrada der de acoar miúdo, ligeiro, meio chorado, é pardo ou virá, na certa. Você, metido nesta reboleira de guamirins, fica bombeando a boca do desfiladeiro. Deixe que o bicho se aproxime, ouviu? Ele é obrigado a cruzar por



aqui. Entendeu?

- Entendido, pai. Pode deixar por minha conta. Hoje eu vou pegar o pardo a unha.

- Não faça muito alarde, rapaz, que você ainda é capaz de acabar caçado pelo pardo.

- Não tenha medo, papai.

- Vamos ver.

**

Largaram os cachorros, um aqui, outro acolá, e o terceiro longe perto do banhado. Sumiram num instante, numa corrida louca, farejando pelo campo, pelas restingas, entre os caraguatás...

Não demorou muito e os latidos reboaram, festivamente. O coração de Valentim pôs-se aos pinotes. Destravou a espingarda. Colocou-se em posição estratégica. Agora pode vir, pardeco de uma figa!

Dez minutos de irritante expectativa. Os latidos, amiudando, longe. Mas nada de pardo, nada de virá, nada de nada.

Já o rapaz resolvera, cansado e desiludido, deixar aquele local de espera, quando de repente nota um vulto correndo em direção do desfiladeiro. Não era veado, não. O que havia de ser, então? Ora, nada mais, nada menos que um enorme avestruz. O pobrezinho, acossado pelos cães, vinha gambeteando a toda.

Valentim falou com seus botões: Eu não disse que era hoje? Esta pra mim. Como não? Aprumou-se. Dependurou no ombro a espingarda a tiracolo. Arregaçou as mangas. Pode vir. Vou te pegar a unha. Melhor nhandu vivo que pardo morto.

Dois minutos apenas. Um barulhão que parecia vendaval. Valentim priscou agílimo que nem cachorro. Caiu-lhe em cima de



rijo. Atracou-se numa luta titânica. Passou lhe a mão pelo pescoço e a outra pelo corpo lisinho de penas. Mas quem é que pode com a força maluca do nhandu, assim nomais? Fosse com laço, vá lá.

Foi brincadeira. O avestruz deu um bruto prisco e levou o moço de arrasto como guaipeca grudado em focinho do touro. Andou uns metros de rojo. Depois, um violento safanão, e a bicha já estava desvencilhada das garras do caçador, e lá se foi a lá cria, nomais, deixando o rapaz estendido no chão, apertando entre os dedos um punhado de penas, com cara de terneiro desmamado.

Ora veja, lá se foi o meu sonho! Todo o meu dourado sonho! Nhandu desgraçado!...

**

Mas isto não foi nada. O pior vem agora. Quando Valentim passou o braço em volta do pescoço da ema, caiu-lhe do ombro a espingarda, que se enfiou pela cabeça da ave, desceu pelo pescoço e se parou presa no corpo volumoso.

E agora? O moço levantou-se. Viu o nhandu fugindo na disparada com a espingarda a tiracolo. A princípio, esperou que arma caísse. Cair nada. Encontrava-se muito bem presa que nem carrapato em lombo de boi.

Valentim saiu correndo, num desespero sem fim. Ai, a minha espingarda!... O nhandu agarrou o campo limpo. E o rapaz de trás, correndo, soltando os bofes, coitado. Corre-que-corre, corre-que-corre... Depois, meteu a boca no mundo, gritando para, os companheiros, feito louco:

- Socorro! Atirem. Atirem. Fogo! Fogo!

Mas os companheiros, ao deparar com aquele gozadíssimo espetáculo, romperam a rir às bandeiras despregadas:

- Essa é muito boa! O nhandu fugindo com a espingarda a tiracolo, espingarda do Valentim, quá, quá, quá!...



E o rapaz, fulo de raiva:

- Atirem, bocós. Levou a minha espingarda. Atirem. Fogooo...

O pai e os demais caçadores estavam deitados no chão, não podendo mais de tanto rir: Essa não! Essa ninguém imaginou ainda: quá, quá, quá.

Em quatro valentes gambeteadas, o avestruz ganhou o campo largo, muito à vontade, lampeiro, espingarda a tiracolo, como um grande caçador, fazendo ligas ao Valentim.

- Pronto! Se foi a minha espingarda. Santo Antônio, valei-me. Valei-me, Santo Antônio.

A esta altura, já no alto do coxilhão, perto do alambrado, a ema ouviu a jaculatória do rapaz e jogou-se contra a cerca. Forcejou em vão para passar. A espingarda enroscou-se, trancando. Fez um supremo esforço, com tanta violência, que partiu a asa. E lá se foi o pobre do nhandu, com a asa de arrasto. Mas a espingarda caiu junto da cerca, para consolo do desesperado rapaz.



22 – O NEGRINHO DO PASTOREIO

O minuano - vento gelado que sopra dos Andes - varria inclemente os pampas sem fim do Rio Grande do Sul. Medonho, aquele inverno! Feias chuvaradas encharcando os campos. Nevadas e geadas cobrindo as coxilhas de branco qual imenso lençol...

Domingo de sol. Domingo bonito mas frio demais para uma carreira. Um estancieiro, muito rico e muito mau, ia correr com um vizinho. O cavalo baio do primeiro tinha fama tanto como o cavalo mouro do adversário.

A parada era de mil onças de ouro. Deveriam ser distribuídas entre os pobres. Mas o estancieiro mau não concordou. Se ele ganhasse, o dinheiro seria todo dele, somente dele. Nunca ninguém viu um fazendeiro mais pão-duro como aquele.

Por causa da sua maldade e da sua avareza, ninguém gostava dele. Vivia quase sozinho, o miserável. Na sua casa, moravam com ele apenas um filho, impertinente e como o pai, e um negrinho. Um negrinho muito bom, bonito, lustroso. Não tinha nome, não tinha pai, não tinha mãe e nem padrinho, o coitado. Por isso, a Nossa Senhora era a sua madrinha.

O Negrinho cuidava dos cavalos do estancieiro cauíla e era ele que fazia de jóquei da carreira. Se por ventura o baio perdesse, ninguém pode imaginar o que o malvado do estancieiro faria daquele pobre escravo. E não é que o estancieiro mau perdeu mesmo?

- Valha-me a Virgem madrinha Nossa Senhora! - gemeu o negrinho.

É verdade, os pobres se alegraram porque o ganhador



distribuiu logo todo o valor das mil onças. Mas o Negrinho, nem queiram saber.

O estancieiro voltou para casa com a alma em pedaços. Apeou do cavalo. Mandou amarrar o Negrinho a um palanque e deu-lhe uma tremenda surra de relho.

De madrugada saiu com o Negrinho pelo campo. Parou no alto de uma coxilha e falou:

- Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste. Trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos... O baio fica de piquete na soga e tu ficarás de estaca!

Chorando, lá ficou o coitadinho dia e noite, passando fome, passando frio. Enfim, enfraquecido e cansado, caiu com a soga do baio enleada no pulso. Deitou-se encostando a cabeça a um cupim.

De noite, vieram as corujas. Voaram em roda, paradas no ar, sem mover as asas, os olhos reluzentes, amarelos, olhando para o Negrinho.

Ele teve medo. Rezou à sua madrinha, Nossa Senhora, e adormeceu.

la alta a noite, quando chegou o guaraxaim. Farejou o Negrinho. Depois roeu a gasca da soga, soltando o baio, que fugiu a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

Com o tropel, o negrinho acordou. O guaraxaim fugiu, esganiçando. Os galos cantavam, longe.

De manhã, a cerração encobria os campos e o Negrinho não enxergava o pastoreio. Chorou, pensando no castigo que iria levar.

O filho do estancieiro, aquele menino mau, foi lá e voltou logo a contar ao pai que os cavalos não estavam...



Então, o Negrinho foi outra vez amarrado pelos pulsos ao palanque, tomando tremenda surra de relho.

Quando anoiteceu, o estancieiro ordenou que o Negrinho fosse campear a tropilha.

Rengueando e gemendo, o Negrinho saiu. Rezou à sua madrinha, Nossa Senhora. Foi ao oratório da casa. Tomou o toco de vela aceso em frente da imagem e andou pelo campo.

Foi andando, andando, pelas coxilhas e canhadas, pela beira dos lagões, paradeiros e restingas. E em toda a parte a vela ia pingando cera no chão. E de cada pingo nascia uma luz. Nasceu tanta luz, tanta luz, que clareava tudo.

O gado ficou deitado. Os touros não escarvaram e as manadas xucras não dispararam. E os cavalos, vendo o Negrinho, relincharam todos juntos, contentes.

O negrinho montou no baio e tocou a tropilha por diante, até o alto da coxilha. Deitou-se e no mesmo instante se apagaram todas as luzes. Dormiu, sonhando com a Virgem, sua madrinha.

E não apareceram as corujas, nem o guaraxaim. De manhã, o menino mau, o filho do estancieiro, foi e enxotou os cavalos, que dispararam campo afora, desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho. E o menino mau foi dizer ao pai que os cavalos não estavam lá...

**

Aí o estancieiro mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos ao palanque e deu-lhe tremenda surra de relho. Deu-lhe tanto, recortando as carnes, o sangue vivo escorrendo do corpo...

O Negrinho invocou sua madrinha, Nossa Senhora. Soltou um suspiro fundo e triste, parecendo morrer...

O estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho numa

panela de formigueiro. Depois assanou bem as formigas.

Quando as formigas principiaram a trincar-lhe o corpo, o estancieiro foi embora sem olhar para trás.

Naquela noite, o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo mil vezes, que tinha mil filhos, mil negrinhos, mil cavalos baios e mil onças de ouro... E que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Depois houve três dias de cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

**

A peonada correu o campo todo, mas ninguém viu a tropilha e nem o rastro.

O estancieiro foi ao formigueiro. Viu lá o Negrinho de pé, com, a pele lisa, perfeita, são e salvo, a sacudir as formigas do corpo. Ao lado, o cavalo baio e junto à tropilha dos trinta tordilhos, e, em frente, fazendo guarda ao pobrezinho, viu a Virgem Nossa Senhora, sua madrinha. Quando viu aquilo, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, montou o baio em pelo e sem rédeas, chupou o beíço e tocou a tropilha a galope...

Na mesma noite, os posteiros e andantes, que dormiam em ranchos e camas de macega, ao relento, os tropeiros e carreteiros, viram, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocados pelo Negrinho, gineteando em pelo, em um cavalo baio...

Hoje, nos campos do Rio Grande do Sul, quem perder uma coisa, o que for, acende uma vela à madrinha do Negrinho, Nossa Senhora, e então o Negrinho do Pastoreio campeia e acha...



23 – O ÉBRIO

O namoro surgiu de repente, sem preâmbulos, sem comentários. Namoro violento, prometendo casamento logo de saída.

Foi durante uma excursão de estudantes ao Taimbezinho, no Parque Nacional dos Aparados, no município gaúcho de Cambará do Sul. No ônibus, sentaram, por acaso, na mesma poltrona, ele ao lado dela. Conversa animada. Aneotas. Piadas. Cânticos, que toda turma acompanhava, desafinada, numa algazarra infernal.

Os estudantes da simpática cidadezinha de Cambará do Sul, à noite, improvisam um baillão no clube, em homenagem aos colegas visitantes. Todo mundo viu, então, a Lenita e o Pedro, agarradinhos, durante todo o baile.

A seguir, durante a visita à maravilha do Taimbezinho, naquele recanto poético, beirando o grande abismo, no gramado coroado por lindos e altos pinheiros, ambos sempre de mão dada.

Ao voltar para casa, altas horas da noite, sempre juntinhos, agarradinhos, ocupando os mesmos lugares no ônibus, saltava aos olhos de todos aquela violenta paixão.

A Otília gostou. A Leni ficou com ciúmes, ela sempre infeliz em todos os namoros e tentativas de casamento. Mas a Loreci rosnava: Esse namoro não presta. A Lenita, namorando aquele borracho... Se casar com ele, será a mulher mais infeliz do mundo, vivendo com um bêbado...

Um dia brigaram. Alguns colegas ergueram as mãos para o céu: Graças a Deus! Que sorte tem a Lenita! Parecia mesmo que ia casar com aquele beberrão...

Mas as hostilidades duraram apenas duas semanas. E o



namoro recomeçou ainda mais violento, trazendo decepção para a Loreci e muitas outras colegas.

Brigaram de novo. Depois, fizeram as pazes. Outra briga. Quantas vezes? Ninguém mais sabia ao certo. Eram tantas!

Afinal, o que foi que aconteceu? Ora, o que é que havia de acontecer? Noivaram. Noivaram. E tomaram a brigar. Mas a paz voltou e marcou-se o dia do casamento.

A Teresinha, da mesma turma da Lenita, falou sem reboços:

- Lenita do céu! Você pensou bem? Já imaginou o seu futuro, vivendo ao lado de um bêbado? A vida inteira. Se eu fosse você, já teria acabado com tudo.

- Teresinha, o Pedrinho é igual a todos os moços de sua idade e de sua condição social. Todos bebem como ele. São coisas da idade. Ele já me prometeu. Depois do casamento, não beberá mais.

- E você acredita, Lenita?

- Acredito. Em todo o caso, eu cuidarei dele. E você não tem nada de se meter com a vida alheia, tá legal?

- Escute, Lenita. Eu não desejo que um dia alguém lhe diga: Boba, quem mandou você casar com um borracho?

**

Casamento soleníssimo, o mais solene dos últimos anos. Mais de trezentos convidados. O prefeito, o delegado, o Juiz de Direito. Toda alta sociedade. Convite do Pedrinho, convite arrojado, concebido no fogo da bebedeira.

Ao meio dia, o noivo já andava chumbeado, cambaleando. Ainda bem que durante a cerimônia religiosa na igreja se manteve firme em pé, porque, no civil, foi uma autêntica palhaçada.

Mas o melhor aconteceu durante a festa, no Clube

Comercial. A certa altura, o Pedro entrou a discursar, inflamado. Dizia besteiras contra os dois padrinhos que não compareceram. Rogou-lhes pragas. Proclamou que preferia casar no mato ou ficar solteiro o resto da vida, trabalhando de engraxate ou vendedor de bananas.

Tinha rasgos de energúmeno. Gesticulava violentamente. Chorava. O diabo... A Lenita, envergonhada, envergonhadíssima, fugiu a esconder-se num quartinho, sacudida de soluços.

O prefeito municipal tentou salvar a situação, usando de sua palavra autorizada, para saudar o jovem casal. Mas, o Pedrinho, aparteando, interrompia-lhe o discurso a cada passo.

Os convidados, todos os convidados, foram debandando. A festa acabou cedo, deixando assunto obrigatório em toda a cidade por longas semanas.

**

Durante quinze dias, ninguém viu os dois recém-casados. Andavam por longe, escondidos, em sua viagem de núpcias, curtindo sua lua-de-mel.

Voltaram. Vexadíssimos, não ousavam aparecer em público. Findo o mês de férias de gala, Lenita, que já ingressara no plano de carreira do magistério, retornou a lida das aulas. O Pedrinho tornou ao balcão da loja.

Dava pena de ver o constrangimento dos coitados. Aquele tremendo fiasco, no dia que realizavam o sonho de sua felicidade, para toda a vida, jamais se apagará da lembrança dos moradores da pequena cidade serrana. O caso era tão lamentável, que pouca gente se atrevia a comentá-lo.

A Lenita não se conteve. Cantou as verdades para o marido, que logo no primeiro dia faltava tão sacrilegamente ao juramento. Ameaçou divorciar-se.

Pedro não ligou às zangas e ralhos da esposa. Ele já a



conhecia demais. Se hoje brigava, amanhã o adorava. Cobria-o de beijos, de carinhos. Segredava-lhe palavras amáveis. Jurava não existir marido mais encantador do que ele...

Decorrido um mês, um mês de harmonia e felicidade, Pedro, até aí abstinente, regressou uma noite, altas horas, fedendo a cachaça e vinho, cambaleante. Lenita não se conteve. Atirou-lhe na cara guincho aterrador, desabafando a insopitável indignação. Ora, quem diria? Logo agora que parecia regenerado.

Ele acovardou-se. Mansinho, carinhoso, aproximou-se da esposa. Tentou beijá-la. Lenita, enjoada, assentou-lhe sonora bofetada na cara, que o miserável, já mole e sem equilíbrio, rolou pelo chão, num tombo espetacular, fazendo estremecer a casa.

- Toma, canalha! Tu fizeste promessa de não beber. E eu fiz promessa de te quebrar a cara. Toda a vez que voltares embriagado, levarás uma sova de criar bicho, ouviste bem? Se tu não sabes cumprir a promessa, eu sei.

Trabalho perdido. Lenita perdia seu tempo inutilmente. No dia seguinte, Pedro regressou de madrugada, ébrio como um bote. A mulher quis agredi-lo, mas ele se defendeu. Derrubou cadeiras, quebrou pratos, copos, tigelas. Fez o diabo.

Daí por diante, o inferno mudou-se para aquela casa. Todas as semanas, absolutamente todas, aos sábados e domingos, mugia o pandemônio.

Na rua, fazia Pedro o ridículo papel de palhaço. Às vezes, caía e passava a noite dormindo na sarjeta, cozinhando a bebedeira. Outras, um companheiro de infortúnio o levava para casa, aos tombos. Na próxima oportunidade, Pedro, menos embriagado, retribuía o obséquio conduzindo o benfeitor para sua casa.

A polícia já cansara de prender a infeliz vítima do alcoolismo. Agora nem mais se incomodava. Andar atrás de ébrios incorrigíveis era lavar burro com sabonete. Perde-se tempo e



sabão.

O povo, sobretudo a gurizada, divertia-se à custa de Pedro. Suas extravagâncias eram famosas. Alguns casos constituíam legítimas piadas de palco, podendo até enriquecer um anedotário.

Uma linda noite de lua cheia, Pedro ziguezagueando pelas ruas. Vai até que dá com outro companheiro de taberna. Fala-lhe, então:

- Escute, amigo, você pode me dizer uma coisa? Aquilo ali no céu é o sol ou a lua?

- Oh, compadre, - responde o outro bêbado - você me desculpe, eu não sou daqui. Não posso informar.

O guarda, uma noite, viu Pedro tentando em vão colocar a chave no buraco da fechadura da casa.

- Escute, - diz o policial - não quer que o ajude a enfiar a chave?

- Não - responde Pedro - eu queria que você segurasse a casa que não para quieta.

Numa ocasião, fora ele a cavalo a uma festa campeira no Capão do Cipó. Por volta da meia-noite, alguns gaiatos resolveram aplicar uma lição naquele borracho, preparando-lhe uma cilada. Colocaram os pelegos do seu cavalo sobre a taipa de pedra que cercava o clube. Conduziram-no até perto e obrigaram a montar, montou, meteu as esporas, vibrou o relho, e o “cavalo” ali, imóvel, insensível...

**

Infeliz esposa, que, além de aguentar o cruel martírio, sofria o oprobrioso vexame perante a sociedade. Muitas vezes pensou em separar-se do marido. Todavia, tinha personalidade. Recordava, com mágoas, o desprezo que dera aos conselhos das amigas, quando solteira. Ia, por isso, suportando calada, agoniada, desbaratada. Já nem mais batia no marido embriagado, evitando,



assim, maiores consequências.

Os anos foram rolando, lentos e amargos, trazendo ao fim de cada tarde o prenúncio de uma noite de agonia. Nasceram quatro filhos, todos com algum defeito ou tara - triste herança daquele vício.

Lancinava a alma o sofrimento da pobre mulher. Por fora de sua casinha de bairro, a natureza cantava, envolta na poesia de altivos pinheiros da pracinha. Ao cair da tarde, a terra sorria ao espetáculo do funeral do sol, morto como um justo, aureolado de fulgurações de ouro.

Os campos, logo além, exalando hálito de lilás e violetas, adormeciam ridentes em leito perfumado. As coxilhas, diluindo-se em manto opalino, evaporavam-se em sonhos, extasiados pela lua... Nas casas em todos os lares, as famílias sentavam à mesa farta. Nos salões, dançava-se alegremente...

Só na casa da professorinha rondavam sombras sinistras. Ao jantar, os filhos mordiscavam côdeas de pão amassado com lágrimas. A perspectiva da noite de insônia anunciava terríveis sofrimentos...

Lenita perdera toda a esperança de recuperar o marido mediante recursos humanos. Voltou-se, então, para os céus, confiando-lhes o milagre da cura do Pedro. Orava, orava. Uma novena após outra. Comunhão quase diária. Durante as Missões, pediu aos pregadores que martelassem contra o alcoolismo. A pedido, o Pe. Eliseu, famoso pregador da época, proferiu, então, uma de suas melhores peças oratórias sobre o tema, chegando a arrancar lágrimas dos duros corações viris.

Longa exposição das candentes verberações da Bíblia, dos escritores sacros e profanos, contra o execrando vício do álcool. Corroborou a lição com terrificantes exemplos de famílias infelizes, de lares desmantelados, de crimes hediondos, de acidentes de trânsito...



Os ouvintes prometeram, juraram fugir e combater a embriaguez com todos os meios possíveis. Pedro, entretanto, permanecia indiferente, frio, gelado.

Lenita viu, assim, frustrada mais esta bela oportunidade de converte o marido, que agora deu de beber todos os dias. Noites de martírio! Pedro transformara-se em carrasco. Espancava a esposa e os filhos. Faltava com frequência ao serviço da loja. Até que, enfim, a firma o despediu definitivamente... Pior ainda. Pedro agora vivia na taberna...

**

Será que Deus não me atende? - chorava Lenita. - Será que tanta prece, tanto sofrimento, não merecem a conversão do meu marido?

Um dia surge-lhe uma ideia, uma ideia brilhante. Pediria socorro às freiras da vizinha cidade, no Colégio São José, cuja diretora fora sua diretora na escola normal. Expôs à Ir. Dulce Maria todo o seu terrível drama, a sua trágica situação, toda aquela incrível tragédia.

A religiosa comoveu-se, chegando a chorar, acompanhando as lágrimas de sua antiga aluna. Condoída, prometeu as orações de toda a comunidade.

- Irmã, - pediu Lenita - talvez a senhora possa, além das orações, apresentar algo prático, urgente, para solução de meu problema. Gostaria que Pedro ficasse internado aqui no colégio durante uns dias, sob os cuidados das Irmãs.

- Pois não, Lenita, - respondeu a Ir. Gema. - Nós podemos dar-lhe serviço. Trabalhar na horta, na carpintaria. Cuidaria das galinhas, dos coelhos... E nós o vigiaríamos cuidadosamente para que ele não saia à rua para beber.

- Oh, Irmã, seria uma grande graça para mim e para ele. Se ele concordasse... Reze, reze Irmã, para que ele aceite vir ficar



aqui alguns dias.

- Deus dará um jeito, querida Lenita. Pode ficar descansada.

A professora voltou para casa radiante. Com muito jeito, falou ao marido acerca do convite da Ir. Dulce Maria. E ele – pasmem! - aceitou com muito prazer. Carecia trabalhar e ganhar algum dinheiro. Pois já andava apreensivo por falta de dinheiro. A taberna não fiava. E poucos eram os tragos oferecidos pelos companheiros.

Principiava agora nova vida para aquele incorrigível alcoólatra. Confinado naquele ambiente de paz, longe da taberna, Pedro trabalhava descansadamente na horta, na carpintaria, tratava as galinhas, os coelhos... Alimentava-se bem. Às refeições, as boas Irmãs serviam-lhe meia garrafa de vinho, que ele escorropichava lambendo-se, gulosamente. Aos sábados, recebia um dinheirinho, em pagamento de seus serviços.

Dormia num quartinho contíguo à sacristia. Um quarto pequeno e com pouca claridade. À noite, a superiora fechava a porta à chave, afastando para ele qualquer tentação de fuga rumo da taberna.

Pedro foi se acostumando à vida solitária do colégio. Lamentava apenas a falta da cachaça. Sentia uma saudade infinita. Passava boa parte do dia e horas da noite pensando na branquinha e nalgum jeito de chegar até ela.

Às vezes, em meio aos violentos desejos de retornar a beber, refletia com seus botões: Era uma tirania, uma escravidão abominável! Coisa terrível o vício! Nada mais triste do que um homem escravizado pela paixão. Um tigre, um leão, miseravelmente arrastado por mesquinha cabrita...

Estas sadias reflexões, entretanto, desapareciam imediatamente, sem deixar rastro. Pedro voltava logo a pensar na pinga. Não tinha mais sossego. O canto da sereia o fascinava. A



taberna o convidava sedutoramente, irresistivelmente.

Ao cabo de duas semanas, após contínuo matutar em busca de soluções, Pedro descobriu o caminho da tasca. Que alegria lhe trouxe a sensacional descoberta! Tardava-lhe o momento de chegar aos lábios ardentes o copo embriagador!

**

A parede do quarto, no lado da sacristia, decerrava no alto uma janelinha envidraçada, por onde se coava a claridade para iluminar o exíguo recinto. Por aquela estreita abertura, com jeito, passaria um ladrão. Pedro passaria também. Por aquela janelinha, pularia para a sacristia e daí para a capela, cuja porta central para rua ficava de noite trancada por dentro sem chave nem cadeado. Apenas uma grossa tranca, fácil de remover.

Não hesitou. Horas mortas da noite. As religiosas dormiam o sono dos justos. Profundo silêncio dominava o imenso casarão... O coração aos pulos, encostou a mesinha à parede, sobrepôs a cadeira, formando uma escada, cujos degraus galgou nervoso. Com as mãos trêmulas, bem de mansinho, alçou a vidraça. Enfiou a cabeça pela janelinha aberta. Apoiou as mãos, os braços, e, a custo, arrastou o corpo. Foi se esgueirando, escorregando o ventre. Das calças saltou um botão que tiniu sobre a mesa. Descansou um bocado ofegante. Recobrou o ânimo. Mais alguma ginástica e pronto.

Na parede da sacristia, bem abaixo da janelinha, pendia enorme Cristo de madeira. Fortemente preso ao muro de alvenaria, estava ali aquela escada providencial para ele. Estava dando tudo certo - pensou. - Colocou os pés sobre a cabeça da imagem, que resistia galhardamente ao peso. A seguir, firmando-se com os braços na beirada da janela, foi descendo de costas, as mãos no vértice da cruz. Seus pés, descendo, acabaram firmando-se sobre os pés da imagem de Nosso Senhor. Por fim, firmou os pés no genuflexório apoiado à parede, sob o crucifixo. Fácil. Fácil a subida, fácil a descida. Tudo parecia convidá-lo para o bar. Até



Cristo, com sua imagem, dava-lhe uma mão, com aquela escada posta ali como de encomenda.

Entretanto, forte arrepio perpassou-lhe pelo corpo todo ao pensar no sacrilégio que acabava de praticar, calcando aos pés a sagrada imagem de Cristo. Mas o escrúpulo foi logo abafado pelo pensamento da taberna. Da sacristia entrou na capela pelo presbitério. A lâmpada votiva do Santíssimo palpitava de dor derramando raios de sangue, tingindo o altar com tênue claridade. No ar viciado, pairava perfume de flores, misturado com cheiro de cera queimada e azeite.

Pedro dobrou o joelho em rápida genuflexão mal feita, evitando levantar os olhos para o sacrário. Receava que um raio de luz ou alguma voz misteriosa lhe chamasse a atenção contra o pecado que ia cometer.

Atravessou o corredor entre as filas de bancos da nave central. Chegou à porta. Ergueu a tranca de ferro. Abriu sem ruído. E ganhou a rua num pulo, triunfalmente. No primeiro boteco, sorveu um copo de cachaça, sofregamente, gulosamente, lambendo-se.

Voltou embriagado. Foi, por isso, dificultosa a escalada da parede, sempre calcando os pés a sagrada imagem de Cristo, impregnando-a com a fedentina do álcool.

**

Agora, todas as noites, à mesma hora morta, no silêncio do casarão, repetia a aventura e o sacrilégio. Por vezes, sentia repugnância e remorso. Por fim, a consciência calejou. Descia tranquilamente por aquela escada divina rumo à tasca como se andasse pela rua em direção à igreja. A alma e o coração a vibrar de alegria.

Vai senão quando, uma noite de sexta-feira, Pedro experimenta nervosa palpitação ao pisar sobre a imagem de Nosso Senhor. Depois, diante do altar, recrudescer a sensação. Tem



medo. Treme. E - coisa estranha! - faz o que até então nunca fizera: Ajoelha e reza.

Dirige-se ao bar inquieto. Beberica apenas um traguinho, às pressas. Volta cedo. Vago pressentimento anuvia-lhe a mente, e uma angústia infinita oprime-lhe o peito. Misterioso, aquilo! Estaria sendo descoberto com a botija na boca? As freiras teriam notado alguma coisa?...

Na igreja, outra vez aquela ânsia, ânsia de orar, de pedir proteção ao céu. Ajoelha-se. Tenta balbuciar as palavras do Pai-Nosso. As palavras trancam-lhe na garganta. Uma angústia estranha, esmagadora. Senta num banco. Apoia a cabeça às mãos. Vontade de chorar...

Não era possível. O coração não mentia. Algo de impressionante estaria por acontecer. Miserável! Desgraçado que sou! Infelicitei uma família. Tenho uma esposa que vive orando por mim. As freiras, todas as freiras orando pela minha conversão. Estou aqui preso por minha culpa, neste lugar sagrado, em casa destas almas abençoadas, pertinho de Deus. Coitadinhas, em boa fé a meu respeito! E, apesar de tanta solicitude, de tantos prodigiosos meios de me corrigir, apesar de tantos avisos, de tantos exemplos, não consigo romper os laços que me acorrentam a este maldito rochedo da paixão, do vício e do pecado...

Tenta um ato de contrição, de arrependimento. Mas falta-lhe a coragem de formular um propósito firme. É duro, difícil, impossível, declarar guerra aberta, sem quartel, à gostosa bebida.

Só um milagre. Não existe outro jeito, outro recurso. Deus precisa vibrar o golpe decisivo, o golpe mortal. Cortar sem piedade a cabeça do dragão. Só um milagre. Sim, um milagre.

**

Ajoelha-se. Levanta a cabeça, os olhos, as mãos trêmulas, em prece: Senhor, tende piedade de mim.



Ergue-se, aliviado. Na sacristia, coloca os pés sobre o genuflexório posto aos pés do Cristo. Agarra-se à cruz. Pisa nos pés da imagem do crucificado. Ao tocar com as mãos os braços frios, duros da imagem, súbito pensamento excêntrico fulmina-lhe a mente: E se, naquele instante, Cristo se animasse e, desprendendo as mãos da cruz, o abraçasse?!

Como um raio, o pensamento cristaliza-se em palpitante realidade. Os enormes e frios braços do crucificado soltam-se do madeiro e estreitam fortemente o corpo de Pedro, num abraço carinhoso e quente. Ao mesmo tempo, com acento de indizível ternura, com lágrimas na voz, os lábios divinos, emanando perfume de rosas, proferem esta atordoante expressão:

- Meu filho, até quando?!...

Depois disso, Pedro não viu e não ouviu mais nada. Lembra-se apenas de haver sentido o calor do abraço e percebido o hálito perfumado da voz de Nosso Senhor.

Quando acordou, jazia estatelado no soalho da sacristia. Levanta-se, então, estremunhado e pergunta-se: Que foi? Estarei sonhando?

Acende a luz. Olha para a imagem de Cristo, que permanece imóvel no seu lugar, como sempre. Teria sido mesmo um sonho? Não, não pode ser. Estou sentindo um bem-estar infinito, uma euforia incontrolável. Não, não foi sonho. Foi milagre! O milagre que eu pedia. O milagre indispensável para a minha recuperação.

Sem perder tempo, dirige-se à capela. Ajoelha no primeiro banco, diante do sacrário e da linda imagem do Sagrado Coração de Jesus. Apoiar os cotovelos no banco, a cabeça entre as mãos. E, tomado de forte arrepio, mergulha num oceano de lágrimas, chorando e rezando. Nunca chorou tanto na vida! Nunca rezou tanto na vida!...

**



De manhã, as freiras vão à capela para a oração e a missa. Vendo ali, ajoelhado, o Pedro, levam o maior susto. Como então? O que está acontecendo? Como é que ele está aqui na igreja? Como pôde abrir a porta do quarto ser ter chave?...

Ele levanta-se. Vai e abraça, beija as religiosas, a chorar, diz:

- Queridas Irmãzinhas, estou convertido! Foi um milagre do Nosso Senhor!

E narra o incrível acontecimento, causando enorme surpresa a todas as freiras. Por fim, acrescenta:

- Irmãzinhas do céu, agora estou convertido, mas preciso pedir perdão a Deus, pedir perdão dos meus pecados. Quero me confessar. Uma confissão geral.

- Pois não, Pedro. Daqui a pouco vai chegar o nosso capelão. Você pode, então, aproveitar para se confessar.

Aos pés do Pe. Lauro, fez Pedro uma confissão da qual o sacerdote ficou admirado, diante de tantas lágrimas e de tantas promessas, pedindo mil desculpas por toda aquela vida de pecado. O sacrilégio, os maus tratos contra a esposa e os filhos, o escândalo dado à sociedade...

Durante a missa, Pedro comungou, ao lado de todas as freiras. A seguir, permaneceu longo tempo em oração, fazendo a ação de graças pelo milagre de sua conversão.

Por volta das oito horas, no refeitório da comunidade, ele tomou café com as religiosas. Disse-lhe, então, a Ir. Gema:

- Pedro, hoje você não vai trabalhar na horta nem na carpintaria. Vai ajudar a Irmã cozinheira a preparar o almoço. Um banquete. Vamos festejar a volta do filho pródigo à casa do pai com uma festa.

Aí, Pedro, ainda sob o impacto da graça divina, passou a manhã ajudando na cozinha, descascando batatas, colhendo

alface, repolho, temperos na horta. Ajudou a matar e depenar duas gordas galinhas, as galinhas das quais ele cuidava com dedicação.

Festa inesquecível! Durante o banquete, a Superiora fez comovente saudação, dizendo: Meu filho, hoje no céu há mais alegria pela sua conversão, alegria maior que poderiam dar 99 justos que não necessitam de conversão.

A religiosa declarou, ainda, que naquela sexta-feira a comunidade terminara uma novena ao Sagrado Coração de Jesus em prol da conversão daquele seu empregado.

Pedro também fez uso da palavra para agradecer toda aquela epopeia de bênçãos recebidas por graças das queridas freirinhas. Agradeceu com lágrimas nos olhos. Por fim, prometeu corresponder a tantas benemerências divinas, vivendo para levar a termo uma grande campanha em favor da recuperação das pobres vítimas do alcoolismo...

De tarde, retornava para sua casa, levando a alegria para à sua Lenita e seus filhos, a quem abraçou e beijou chorando.

Hoje, Pedro, presidente da Associação dos Alcoólicos Anônimos - AAA, desempenha admirável apostolado em favor de tantos viciados. Vive pregando o bem, enquanto se ocupa no belo emprego que logo obteve como diretor de vendas de importante indústria de móveis de sua cidade.

24 – ARLETE

Era a primeira vez que o Pe. Paulo visitava a cidade do Rio de Janeiro, quando ainda era a Capital do Brasil, no ano de 1947. Sacerdote gaúcho, jovem e simpático, realizava agora o velho sonho que o acalentara desde pequeno: Conhecer a Cidade Maravilhosa e seus encantos famosos, como o Corcovado, o Pão



de Açúcar, o Maracanã, Copacabana.

Mas havia outro sonho conjunto que se transformava em realidade. Sonho muito mais arrojado. O Rio era apenas o trampolim para o maior de todos os saltos. Ele estava de viagem para a Europa. Iria conhecer o velho mundo, pois fora destacado para trabalhar em Portugal. Nada mais encantador para aquele jovem, sedento de conhecimentos e aventuras.

Demorou-se quinze dias, tendo podido correr a metrópole carioca de ponta a ponta, no automóvel do seu amigo o contrerrâneo Armando Michelin, da cidade de Caxias do Sul, então atuando no comércio do Rio de Janeiro. No terceiro dia, já se orientava sozinho no meio daquele trepidante de gente, ruas e praças, tendo apenas por bússola a imponente imagem do Cristo Redentor no pico altaneiro do Corcovado.

Naquela manhã, visitava as livrarias. Na Melhoramentos, foi atendido por uma balconista extremamente cordial e carinhosa, de nome Arlete de Almeida.

- O senhor deve ser gaúcho, não é, padre?

- Como é que a senhorita sabe?

- Pelo sotaque. Eu não estive ainda no Rio Grande do Sul, mas tenho lá um tio, em Santa Maria. Adoro o seu grande Estado... E também os gaúchos.

- Muito obrigado, carioquinha.

O sacerdote, contente com os elogios, falou com o riso na boca. Por fim, pediu os livros: “Iracema” de José de Alencar, “Inocência” de Taunay e “Escrava Isaura” de Macedo e mais alguns de célebres autores brasileiros.

- Como é seu nome, padre? – perguntou a balconista.

- Pe. Paulo.

Arlete pegou da pena e escreveu em “Iracema” esta



belíssima dedicatória: “Pe. Paulo, não se esqueça nunca da Arlete”. Embrulhou todos os livros em papel celofane e entregou o pacote, declarando:

- Pe. Paulo, com sua licença. Isto é para o senhor. É uma pequena lembrança.

- Mas como assim, Arlete?

- Não repare, padre. São manias de cariocas.

Ficou tremendamente confuso o jovem sacerdote. Não sabia o que dizer. Por fim, os dois, já muito amigos, conversaram longamente, confiadamente, enamoradamente.

- Então veio conhecer o Rio, padre?

- Por acaso. Estou de viagem para Portugal.

- Vai sair do Brasil. Que pena!

- Fui destacado para lecionar num Seminário na cidade do Porto.

- Quanto tempo vai ficar por lá?

- Não sei ao certo. Talvez cinco anos.

- É muito tempo, padre Paulo. Quero que me deixe o seu endereço. Vou escrever-lhe muitas vezes.

- Para mim, Arlete, será uma grande honra. Poderei assim matar saudades do Brasil.

**

Arlete estava encantada. Digamos a verdade: Estava apaixonada. Nunca alguém a deixara tão feliz.

Morena, rostinho redondo, simpática, amorosa, envolvente. Órfão de pai, vivia com a mãe, que ajudava a sustentar. Ganhava ordenado na loja e como cantora de rádio. Possuía o seu cartaz e um certo número de admiradores e pretendentes à sua mão.



O padre, diga-se a verdade, não se empolgara tanto como ela. Admirava-se de haver ele impressionado assim aquela linda morena carioca. Como pudera ele, um humilde provinciano, um sacerdote, atrair as atenções daquela jovem da Capital?

Ao entardecer, saindo da loja, Arlete foi visitar o padre na casa onde estava hospedado. Entregou-lhe uma caixa de finos bombons e outros livros.

- Pe. Paulo, - disse ela - estou muito triste porque o senhor vai morar tão longe. Desejava que não fosse...

Agora, durante uma semana, todas as tardes, Arlete visitava o sacerdote, ao deixar o serviço na livraria. E em todas as vezes, entregava um presente: balas, livros e dinheiro para ele gastar na viagem.

No dia do embarque, no cais de Mauá, Arlete saiu da loja para ir lá despedir-se, levando mais presentes e mais dinheiro. Muito chorosa, despediu-se com longo e apertado abraço. E não arredou pé, até que o transatlântico "Santa Cruz", de bandeira panamenha, a serviço de Portugal, partiu, já bem tarde da noite. Ficou abanando longo tempo com o lenço o mais sentido adeus. Derramou lágrimas. Copiosas lágrimas. Aquele pacote ia levando para longe o primeiro e o mais ardente amor de sua vida.

Curioso! Quando o Pe. Paulo, após cinco anos de permanência, quando partiu de Portugal, outra garota, uma portuguesinha, a Maria Avelina, chorou talvez mais que a morena carioca...

O Pe. Paulo, marinheiro de primeira viagem, encontrou a bordo muitas novas emoções. A vida airosa naquela cidade flutuante. Inesquecíveis amizades entre os oitocentos passageiros. A poesia incomparável do mar, ora encrespado, ora tranquilo. O espetáculo dos peixes voadores, um dos quais chegou a entrar na cabine através da janelinha do barco. A beleza estonteante do nascer do sol em pleno oceano. A silhueta de algum transatlântico



na curva perene das ondas. Golfinhos e baleias surgindo à tona...

Esquecera quase por completo a morena da loja. Vai senão quando, no terceiro dia de viagem, já em, alto mar, recebe ele com espanto um radiograma. O que seria? Notícia triste da família? Ou, quiçá, notícias da carioquinha da Livraria Melhoramentos? Abriu o envelope e, a tremer, leu. "Saudades - Arlete".

Não há mais dúvida - pensava ele. - A carioquinha anda mesmo apaixonada por mim, loucamente apaixonada. Coitadinha, como estará sofrendo! Conheceu-me para amar e eu logo lhe fujo para tão longe!

Ao chegar em Portugal, uma volumosa correspondência aguardava o Pe. Paulo. Vinha do Brasil. Era da Arlete. Trazia a mais inflamada, a mais comovente declaração de amor. Grandioso poema de infinita ternura, de carinhoso afeto, tão sentimental como ele nunca vira em novela alguma.

"Não sei explicar - dizia a carta a certa altura. – Não sei explicar como o senhor me conquistou por inteira tão rapidamente. Já recebi muita proposta, muita jura de amor. Nunca me impressionei. E agora, à primeira vista, fiquei total mente desnorteada, tão fortemente apaixonada, que não o esqueço um só instante. Tenho chorado tanto de saudade... Eu quisera ser o único amor do seu coração. Amor puro e santo. Chego mesmo a pedir-lhe que não deixe ninguém ocupar o meu, lugar... Quanto a mim, pode ficar descansado, pessoa alguma será capaz de afastar o senhor do meu coração. Ninguém. E aqui estarei todos os dias para servi-lo. O meu maior prazer é prestar-lhe algum auxílio".

**

Semanalmente, ele recebia carta de Arlete. Às vezes, duas por semana. Nelas vinha sempre todo o coração daquela garota impetuosa. Mandava-lhe livros, muitos livros. Pagou-lhe uma assinatura do "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, a fim de que



ele estivesse sempre ao par dos acontecimentos da pátria longínqua. Um dia, mandou-lhe uma fotografia dela, foto recente, com sugestiva dedicatória de carinho.

O sacerdote, está claro, não mantinha por ela o mesmo entranhado amor. Mas dedicava-lhe sincera amizade, ardorosa simpatia e eterna gratidão. As cartas da garota eram sempre suave recordação da pátria estremecida, amenizando a saudade infinita do Brasil.

Durante cinco meses, a correspondência amorosa cruzou os ares sobre o Atlântico. Todas as semanas, impreterivelmente. Mas, lá um dia, surge, abrupta e misteriosamente, o mais completo silêncio por parte da moça. O carteiro nunca mais entregou carta da Arlete. Nunca mais.

Que teria acontecido, meu Deus?! O padre escreveu, então, para a mãe de Arlete, escreveu para a loja onde ela trabalhava, numa estafante busca de notícia que esclarecesse aquele impenetrável mistério. Algo de grave deve existir. Tanto tempo sem nenhuma explicação... Aguardou meses uma resposta. Debalde. O que terá acontecido? Talvez uma desgraça? E, quem sabe, talvez seja eu o causador? Deus me perdoe, nem quero pensar em coisas trágicas.

Volvidos alguns meses, certa noite, o padre, como de costume, deitou-se na cama com o "Diário de Notícias" na mão e o pensamento voltado para a Arlete. Abriu maquinalmente o jornal, ao acaso. Tinha diante dos olhos a página que nunca lhe interessava. A página dos anúncios. Centenas e milhares de anúncios. Mas ele olhava os reclames sem ver, perdido como andava mentalmente, pensando um mundo de coisas acerca da garota. Não lia anúncio algum. Nem sequer reparava uma foto que tinha sob as vistas.

De súbito, esbugalha os olhos, fixando-os vivamente no retrato. Será possível? Olhou, olhou. Sim, era aquela mesma foto que ele recebera de Arlete. A mesma foto sem tirar nem pôr. Arlete



em carne e osso, o rostinho redondo, moreno, o mesmo penteado... Leu: Desaparecida: Arlete de Almeida.

Ele baixou as mãos, fechou o jornal. Tornou a abri-lo. Parecia incrível. Mas lá estava a notícia. A mãe procurando a filha, a Arlete... Ali está. Eu não disse? Desapareceu. Desapareceu nalgum abismo, pela certa. Talvez morta por minha causa. Será possível, meu Deus? Mas, quem sabe, posso estar enganado. Posso estar exagerando. O que devo fazer é indagar, perquirir. Preciso desvendar este mistério cruciante, arrasador. Puxa, que pedra arranjei para o meu caminho! Talvez eu seja cúmplice, embora involuntário, de um crime, de uma tragédia...

Voltou a escrever para a loja, para a casa. Sempre em vão. Foi quando recebeu carta da professora Naídes Bordini, sua conterrânea e grande amiga. A carta vinha do Rio de Janeiro, onde a professor a se encontrava tirando um curso de aperfeiçoamento que durava um ano.

O padre não perdeu tempo. Colocou a amiga Naídes ao par de toda a história e mandou-a perquirir o paradeiro da Arlete, a quem remetia uma carta. Naídes não localizou Arlete, mas colheu informações a seu respeito, e a carta, por fim, chegou ao seu destino.

Dois meses apos, o carteiro entregou no Porto volumosa carta, com a bela letrinha em pé da Arlete. Graças a Deus! Até que enfim chegava notícia de que ela ainda vivia...

**

Vivia? Vamos ver... Eram dez páginas, dez longas páginas, descrevendo o mais impressionante drama que se possa imaginar. Eis, em poucas palavras, em resumo, o conteúdo da carta:

"Meu inesquecível Pe. Paulo! Escrevo-lhe com as lágrimas nos olhos, o coração despedaçado, sangrando. Fui jogada impiedosamente na rua da amargura. Não sei se mereço ainda o seu perdão, porque fui ingrata. Imploro-o de joelhos.



Vou contar-lhe a minha dolorosa história. Não tive coragem de fazê-lo até hoje. Nas férias do ano passado, como acontecia todas as vezes, fui a Nova Friburgo com minha mãe. Lá, uma tarde, eu passeava de bicicleta, quando fui abordada por um senhor de nacionalidade síria, de seus 25 anos, de nome Isaac. Conversou longamente comigo.

No outro dia, veio cedo à minha procura. Confessou que andava apaixonado por mim... Respondi dizendo que eu já estava comprometida. Mostrei-lhe o volume de cartas, que eu guardava cuidadosamente, amarrado com fita de seda. Ele viu pela cor dos envelopes aéreos que as cartas vinham do estrangeiro. Disse-me que deixasse de ser boba, que não perdesse aquela ótima oportunidade de casar com um moço honrado e rico. Mostrou-me sua identidade e documentos comprovando seu estado civil de solteiro.

A mãe não gostou. Revoltou-se, proibindo-me terminantemente a continuação daquele namoro. Mas eu não tinha mais sossego. A perseguição era contínua e implacável. A solução, a única solução era suspender o veraneio e voltar ao Rio. Foi o que fizemos.

Decorrida uma semana, retomei o serviço na livraria. Naquela mesma tarde, ao sair da loja rumo de casa, topo, surpresa e espantada, com a cara daquele turco.

Ninguém pode imaginar a cena que então representou ali na rua. Chorava, chorava perdidamente como criança em desespero. Disse que andava apaixonado a ponto de não poder mais viver longe de mim. Se eu não o acompanhasse pelo menos aquele dia, ele se matava. Jurou que acabaria com a vida e que eu seria a responsável por aquele gesto tresloucado.

Tentei reagir, mas ele chorava cada vez mais. Diante de tantas lágrimas e de tantos juramentos, eu não pude continuar resistindo. E, só de pena, acompanhei-o. Conduziu-me ao hotel. Jantamos. E, apesar de meus ingentes esforços, não me deixou



voltar para casa.

Dormi no hotel. No dia seguinte, a mãe fechou-me a porta da casa... Abandonada, não tendo onde me recolher, resolvi aceitar o casamento.

Preparei os papeis e fomos a Nova Friburgo a fim de realizar o enlace matrimonial.

Decorreram dias e semanas. E nada de casamento. Eu insistindo, insistindo sempre. Volveram meses. E eu sempre a espera do dia do casamento. Aí foi que minha mãe, ignorando o meu paradeiro, anunciou pela imprensa o meu desaparecimento.

Um dia Isaac saiu e não voltou mais ao hotel. Deixou-me sozinha, sem dinheiro, em vésperas de ser mãe.

**

E agora? Que fazer? Para onde ir? Lembrei-me dos bons amigos de Poços de Caldas, onde outras vezes estivemos veraneando. Cientes da minha desgraça, decerto se condoeriam de mim.

Suportando suprema vergonha, apresentei-me àquelas incomparáveis famílias da simpática cidade mineira. Contaram-me, então, quem era aquele turco infame que me desgraçou. Homem casado, e, apesar disso, deixou filhos por todos os cantos, infelicitando numerosas jovens incautas e inexperientes como eu.

Entretanto, minha mãe foi informada. Teve pena de mim. Compareceu em Poço de Caldas e quis levar-me para casa. Foi uma luta. Aquela boa gente, generosa gente, não queria me deixar partir.

Enfim, regressei para casa, onde minha filha nasceu, carioca como sua mãe e sua avó.

Perdi o emprego, perdi a honra, a estima, o casamento, tudo, tudo, aos caprichos deste mundo perverso e mau.



Hoje, do mais profundo abismo da minha desgraça sem fim e sem nome, eu levando o mais violento e impressionante protesto contra a hedionda caterva de homens e moços malditos e depravados que escravizam e degradam a inocência das jovens.

A minha vida, em plena flor da idade, vida de supremo infortúnio, é candente libelo contra esses monstros infames, esses carrascos sem moral e sem piedade, que, gargalhando satânicos escárnios, nos precipitam no abismo sem fundo dessa inominável desgraça.

Deste abismo da minha eterna vergonha, em meio aos escombros da minha inqualificável tragédia, eu ergo o grito lancinante de alarma para as moças da minha terra contra a onda avassaladora de corrupção que assoalha a espumarada lúrida de podridão e de lama.

Do seio deste abismo, onde gemo dia e noite, expiando o crime da minha inexperiência, a falta de minha personalidade e de minha virtude, o opróbrio do meu grande pecado, eu clamo em altas vozes para a mocidade feminina do Brasil, a fim de que abra os olhos para o abismo que se escancara diante de seus pés e a cuja orla viceja redolente e sedutora a flor da tentação.

Mergulhada no oceano de pestíferos miasmas deste abismo, eu reconheço agora - ai, tarde demais! - que só não rolará no precipício a moça que envergar a couraça inquebrantável da fé e da virtude, a moça esclarecida e corajosa, capaz de rir às gargalhadas das lágrimas de crocodilo e dos cantos de sereia deste mundo corrompido e corruptor.

Meu inesquecível Pe. Paulo! Como eu fui ingrata para o senhor! Faltando a palavra dada com tanta veemência, desprezei um amor legítimo, puro e santo, para me abraçar a uma estercorosa paixão aviltante e dissolvente.

Fraquejei covarde e vergonhosamente. Já não mereço o seu perdão. Peço-lhe apenas um sentimento de piedade para este

misero trapo humano que a sociedade, num gesto de nojo, arremessou no monturo como pútrida carniça que o mar rejeita e quebra sobre truculentos fragaredos.

Esta compaixão, tenho a certeza, fará com que o senhor peça a Deus força e coragem a fim de que eu carregue resignada até o topo do Calvário a pesada cruz que meu grande pecado fabricou para meus frágeis ombros. Adeus, meu caro Pe. Paulo. Adeus".



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Projeto
Passo Fundo
Aberto à cultura



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre